

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

DIEGO FONTOURA LIMA

**PRÁXIS PEDAGÓGICA EM FUTSAL:
ELEMENTOS DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS AO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre

2020

DIEGO FONTOURA LIMA

**PRÁXIS PEDAGÓGICA EM FUTSAL:
ELEMENTOS DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS AO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Educação Física vinculado ao Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança (DEFID) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser.

Porto Alegre

2020

DIEGO FONTOURA LIMA

**PRÁXIS PEDAGÓGICA EM FUTSAL:
ELEMENTOS DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS AO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Educação Física vinculado ao Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança (DEFID) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser.

Conceito Final: _____

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

(Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA – ESEFID UFRGS

(Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA – ESEFID UFRGS

Porto Alegre

2020

"Para Meu Povo"

É nosso dever lutar pela nossa liberdade.

É nosso dever vencer.

Devemos amar uns aos outros e apoiar uns aos outros.

Não temos nada a perder senão as nossas correntes.

It is our duty to fight for our freedom.

It is our duty to win.

We must love each other and support each other.

We have nothing to lose but our chains.

('To My People')

[04/Julho/1973]

[(Assata Shakur)]

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato por todas as pessoas e seres que um dia conheci; pelos nossos caminhos, espaços e tempos terem se cruzado alguma vez; e a tudo o que aconteceu em minha vida para que pudesse chegar até aqui – tornando possível a minha existência e a realização deste trabalho.

Agradeço imensamente por todos os sorrisos compartilhados e por todos os desafios que contribuíram para que eu pudesse me superar.

Em especial, agradeço, de coração, 'a quem batalha diariamente e dá tudo de si'...

— "Junto a lágrimas, suor e sangue na Luta por um mundo melhor!".

*“Que o Sol lhe traga Energia durante o Dia
Que a Lua suavemente lhe restaure à Noite
Que a Chuva lave todas as suas preocupações
Que a Brisa sopra novas Forças em seu Ser
Que seja gentil seu Caminhar pelo Mundo
E que conheça a Beleza todos os dias da sua Vida.”*

[Bênção Apache]

RESUMO

PRÁXIS PEDAGÓGICA EM FUTSAL: ELEMENTOS DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Autor: Diego Fontoura Lima
Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

O presente trabalho ilustra a defesa por uma Práxis Pedagógica em Futsal com a sua contribuição ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física, a fim de que a Educação Física possa ser vista e utilizada de maneira crítica e questionadora da realidade social. Para tanto, realizamos um exame teórico sobre o assunto, em conjunto com a análise de uma observação na disciplina "Esporte II - Futsal (EFI04333)", em 2018/01. **Objetivo:** Identificar e analisar Elementos/Indicadores de Estratégias Didáticas da Práxis Pedagógica na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS que contribuam ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física. **Metodologia:** O Instrumento Procedimental se dará por meio de dois momentos: Etapa/Fase 1 – Apresentação dos Planos de Aula em Duplas/Grupos de Trabalho (Entrega dos Planos de Aula; Análise das aulas de cada Grupo; Debate ao final da aula). Etapa/Fase 2 – Entrevista Estruturada para Grupos Focais, ao final das apresentações, em um único dia após todo mundo já ter ministrado a sua aula em Dupla/Grupo. Elaboramos um questionário com questões/perguntas abertas (as turmas foram divididas em grandes grupos, com quatro grupos na turma da manhã e três grupos na turma da tarde, sendo que as duplas/grupos de trabalho se mantiveram separadas). **Análise de Dados:** As estratégias didáticas ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física elencadas ao longo do trabalho foram organizadas em duas principais 'Categorias de Análise': Elementos/Indicadores "Atitudinais" e Elementos/Indicadores "Metodológicos". **Considerações Finais:** Conclui-se que uma Práxis Pedagógica em Futsal pode nos auxiliar em nossa formação docente, na medida em que contribui para a formação de sujeitos políticos históricos, críticos e ativos no processo de construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Práxis Pedagógica. Futsal. Ensino. Didática. Formação de Professores/as. Educação Física.

ABSTRACT

PEDAGOGICAL PRAXIS IN FUTSAL: ELEMENTS OF DIDACTIC ESTRATEGIES TO THE TEACHER TRAINING PROCESS OF PHYSICAL EDUCATION

Author: Diego Fontoura Lima

Advisor: Prof. Ph.D. Rogério da Cunha Voser

The present work illustrates the defense for a Pedagogical Praxis in Futsal with its contribution to the Teacher Training process of Physical Education, so that Physical Education can be seen and used in a critical and questioning way of the social reality. To do so, we performed a theoretical examination on the subject, together with the analysis of an observation in the discipline "Sport II - Futsal (EFI04333)", in 2018/01. **Objective:** To identify and analyze Elements/Indicators of Didactic Strategies of the Pedagogical Praxis in the discipline of Futsal of the Physical Education course of the ESEFID UFRGS that contribute to the Teacher Training process of Physical Education. **Methodology:** The Procedural Instrument will be given through two moments: Stage/Phase 1 – Presentation of Class Plans in Doubles/Working Groups (Delivery of Class Plans; Analysis of classes of each Group; Debate at the end of class). Stage/Phase 2 – Structured Interview for Focal Groups, at the end of the presentations, in a single day after everybody has already taught their class in Double/Group. We developed a questionnaire with open questions (the class were divided into large groups, with four groups in the morning class and three groups in the afternoon class, with the doubles/working groups remaining separate). **Data Analysis:** The didactic strategies to the Teacher Training process of Physical Education listed throughout the work were organized into two main 'Analysis Categories': "Atitudinal" Elements/Indicators and "Methodological" Elements/Indicators. **Final Considerations:** It is concluded that a Pedagogical Praxis in Futsal can help us in our teacher training, as it contributes to the formation of historical, critical and active political subjects in the process of collective construction of knowledge.

Keywords: Pedagogical Praxis. Futsal. Teaching. Didactic. Teacher Training. Physical Education.

RESUMEN

PRÁXIS PEDAGÓGICA EN FÚTBOL SALA: ELEMENTOS DE ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS AL PROCESO DE FORMACIÓN DE PROFESORES/AS DE EDUCACIÓN FÍSICA

Autor: Diego Fontoura Lima
Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

El presente trabajo ilustra la defensa por una Práxis Pedagógica en Fútbol Sala con su contribución al proceso de Formación de Profesores/as de Educación Física, a fin de que la Educación Física pueda ser vista y utilizada de manera crítica y cuestionadora de la realidad social. Para ello, realizamos un examen teórico sobre el tema, en conjunto con el análisis de una observación en la disciplina "Deporte II - Fútbol Sala (EFI04333)", en 2018/01. **Objetivo:** Identificar y analizar Elementos/Indicadores de Estrategias Didácticas de la Práxis Pedagógica en la disciplina de Fútbol Sala del curso de Educación Física de la ESEFID UFRGS que contribuyan al proceso de Formación de Profesores/as de Educación Física. **Metodología:** El Instrumento Procedimental se dará por medio de dos momentos: Paso/Fase 1 – Presentación de los Planes de Clase en Dobles/Grupos de Trabajo (Entrega de los Planes de Clase; Análisis de las Clases de cada Grupo; Debate al final de la clase). Paso/Fase 2 – Entrevista Estructurada para Grupos Focales, al final de las presentaciones, en un solo día después de que todo el mundo ya haya impartido su clase en Doble/Grupo. Elaboramos un cuestionario con preguntas abiertas (las clases fueron divididas en grandes grupos, con cuatro grupos en la clase de la mañana y tres grupos en la clase de la tarde, siendo que las dobles/grupos de trabajo se mantuvieron separadas). **Análisis de Datos:** Las estrategias didácticas al proceso de Formación de Profesores/as de Educación Física enumeradas a lo largo del trabajo se organizaron en dos 'Categorías de Análisis' principales: Elementos/Indicadores "Actitudinales" y Elementos/Indicadores "Metodológicos". **Consideraciones Finales:** Se concluye que una Práxis Pedagógica en Fútbol Sala puede ayudarnos en nuestra formación docente, ya que contribuye a la formación de sujetos políticos históricos, críticos y activos en el proceso de construcción colectiva del conocimiento.

Palabras clave: Práxis Pedagógica. Fútbol Sala. Enseñanza. Didáctica. Formación de Profesores/as. Educación Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos Geral e Específicos	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 O Futsal: Introdução e História	16
2.2 A Formação de Professores/as de Educação Física	22
2.3 O Ensino de Futsal	30
2.3.1 Elementos Organizacionais no Ensino de Futsal	39
2.3.2 A Pedagogia aplicada ao Futsal	44
2.3.3 Os Métodos de Ensino	51
2.3.4 As Dimensões de Ensino	71
2.4 Práxis Pedagógica	79
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (METODOLOGIA)	84
3.1 Caracterização do Estudo	87
3.2 Sujeitos da Pesquisa	87
3.3 Instrumentos de Coleta dos Dados	88
3.4 Procedimentos da Coleta de Dados	88
3.4.1 Instrumento Procedimental (Momentos, Estágios, Fases ou Etapas)	88
3.4.1.1 Roteiro da Entrevista (Questões da Entrevista Estruturada para Grupos Focais)	89
3.4.1.2 Dimensões de Análise	90
3.4.2 Divisão das Turmas em Duplas/Grupos de Trabalho	90
3.4.2.1 Combinações Pedagógicas	92
4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	96
4.1 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [03(Qui)/Maio/2018]	97
4.1.1 Turma da Manhã (Turma A)	97
4.1.1.1 Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)	97
4.1.1.2 Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)	98
4.1.2 Turma da Tarde (Turma B)	100
4.1.2.1 Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)	100
4.1.2.2 Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)	102
4.2 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [08(Ter)/Maio/2018]	104
4.2.1 Turma da Manhã (Turma A)	104
4.2.1.1 Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)	104
4.2.1.2 Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)	106
4.2.2 Turma da Tarde (Turma B)	107
4.2.2.1 Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)	107
4.2.2.2 Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)	110
4.3 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [10(Qui)/Maio/2018]	111
4.3.1 Turma da Manhã (Turma A)	111
4.3.1.1 Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]	111
4.3.1.2 Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)	113
4.3.2 Turma da Tarde (Turma B)	116
4.3.2.1 Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]	116
4.3.2.2 Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)	119
4.4 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [15(Ter)/Maio/2018]	121
4.4.1 Turma da Manhã (Turma A)	121
4.4.1.1 Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]	121

4.4.1.2 Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)	123
4.4.2 Turma da Tarde (Turma B)	125
4.4.2.1 Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]	125
4.4.2.2 Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)	127
4.5 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [17(Qui)/Maio/2018]	129
4.5.1 Turma da Manhã (Turma A)	129
4.5.1.1 Grupo 9 (Tema da Aula: Atividades Recreativas) [Fundamento Livre]	129
4.5.1.2 Grupo 10 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]	131
4.5.2 Turma da Tarde (Turma B)	133
4.5.2.1 Grupo 9 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]	133
4.6 Debate Pedagógico sobre as Apresentações (Grupos Focais) [22(Ter)/Maio/2018]	137
4.6.1 Turma da Manhã (Turma A)	138
4.6.2 Turma da Tarde (Turma B)	139
4.6.3 Respostas dos Grupos Focais à Entrevista Estruturada (Questionário)	139
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
5.1 Categorias de Análise	154
5.1.1 Categoria de Análise: Elementos/Indicadores "Atitudinais"	155
5.1.2 Categoria de Análise: Elementos/Indicadores "Metodológicos"	169
5.2 Práxis Pedagógica: Últimas Considerações	179
5.3 Caminhando rumo a uma "Práxis Revolucionária"!	181
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	189
Anexo A – Plano de Ensino da disciplina "Esporte II - Futsal (EFI04333)"	189

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho – TCC: Trabalho de Conclusão de Curso – é fruto de um longo período de amadurecimento, dedicação e estudo. Primeiro, foi necessário que eu me dispusesse a ser Monitor Acadêmico pela disciplina de "*Esporte II - Futsal (EFI04333)*", do Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DEFID) [ESEFID/UFRGS].

Na verdade, esta monitoria foi voluntária em seu início, pois não havia me inscrito para concorrer à vaga. No entanto, ao voltar de um mochilão pelo litoral dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ao lado de dois incríveis amigos – o Alê e o Lucas; ainda escreverei um livro retratando "*A Grande Jornada*" que vivemos... –, desenvolvi a ideia de ser monitor, justamente porque havia feito a disciplina no semestre anterior, gostando muito tanto do professor Rogério Voser quanto da disciplina em si. Então, foi aí que pensei: "Esse cara [o Voser] é bom... Eu poderia aprender mais com ele!". Sendo assim, fui tentar materializar a minha ideia falando pessoalmente com o próprio professor Voser. Ele me atendeu, minutos antes de começar a primeira aula do semestre; prontamente, concordou. E foi desta maneira que, no primeiro dia de aula das turmas de Futsal – manhã (A) e tarde (B) –, comecei como monitor voluntário.

Obviamente, além dos muitos aprendizados e vivências que me foram oportunizados, ganhei uma grande amiga e fabulosa colega de trabalho: a Vanessa – quem de fato era a monitora oficial durante os dois primeiros semestres em que fui monitor; após esse tempo, sempre fui o monitor, mas tive outro amigo e colega de trabalho como parceiro por um semestre, o Alexandre (este é o "Xandy/Alemão", e não o 'Alê' – outro grande amigo e colega de curso), atuando em uma espécie de *monitoria extra*.

Pois bem, após transcorridos alguns semestres como monitor da disciplina, estava conversando com o professor Voser, quando o assunto TCC surge entre nós. Depois de algumas trocas de palavras, ele me dá a sugestão de que eu fizesse algo relacionado à disciplina de Futsal aliado ao trabalho que desenvolvíamos em conjunto com a turma; afinal, já contava com certa 'bagagem' e começava a ter alguma experiência no assunto. Por

consequente, dispus-me a realizar uma análise por meio de uma observação na disciplina "Esporte II - Futsal (EFI04333)", em 2018/01.

Desta maneira, eis que surge o **Tema** do meu TCC:

“Práxis Pedagógica em Futsal e sua contribuição ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física”

Então, baseado no descrito acima, este projeto de pesquisa/estudo procura responder ao seguinte **Problema de Pesquisa [Questão Orientadora/Diretriz ("Suleadora")]**:

“A Práxis Pedagógica desenvolvida em uma disciplina de Futsal poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física?”

Para tanto, elaboramos algumas **Questões de Pesquisa**:

- Quais os elementos/indicadores de estratégias didáticas da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS?
- Quais os pontos positivos, cuidados e desafios com os diferentes métodos de ensino utilizados durante uma aula de Educação Física?
- A Práxis Pedagógica proposta na disciplina de Futsal poderá contribuir para o processo de formação de professores/as de Educação Física?

Portanto, ponderando tudo o que fora dito até agora, a **justificativa da relevância** deste projeto de pesquisa científica deve-se, basicamente, a dois fatores elencados por mim:

- 1) Um de cunho mais pessoal (haja vista todo o envolvimento que tive com o tema, já explicitado acima);
- 2) Outro no âmbito da própria formação de professores/as de Educação Física.

Em relação ao processo de formação de professores/as de Educação Física, vejo esta relevância ainda maior, pois me parece que a nossa formação, historicamente, sempre careceu de recursos didáticos para desenvolver aulas que envolvam e motivem os/as estudantes a

participarem mais entusiasticamente, ainda mais nos tempos atuais. Aliás, percebo e venho notando isso nos/as próprios/as professores/as que tenho no curso de Educação Física. Tirando alguns poucos, há uma grande parcela sobre a qual poderíamos tecer várias críticas em relação aos seus métodos de ensino. Entretanto, essas mesmas pessoas se formaram em um tempo ainda anterior ao meu, então relevo e tenho certa compreensão que alguns possam ter a didática que apresentam em aula.

Deste modo, interessa-me estudar o tema proposto, com os objetivos descritos, visto que acredito poder contribuir com algo expressivo nessa área da Educação, mais especificamente, no processo de formação de professores/as de Educação Física. Além do mais, visualizo que é um trabalho com um estudo a respeito da Graduação, ou seja, do nível superior de ensino do nosso país – o qual é fundamental para a formação de trabalhadores/as para a sociedade.

Assim, tem-se traçado o seguinte **Objetivo Geral**, em conjunto com os **Objetivos Específicos** (no próximo subtítulo). A seguir, após os Objetivos, será apresentado o Referencial Teórico que servirá de base para este projeto de pesquisa/estudo.

1.1 Objetivos Geral e Específicos

Objetivo Geral

- ❖ Identificar e analisar Elementos/Indicadores de Estratégias Didáticas da Práxis Pedagógica na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS que contribuam ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física.

Objetivos Específicos

- ✓ Verificar a opinião dos/as estudantes em relação ao momento da elaboração e apresentação dos Planos de Aula;

- ✓ Apresentar e analisar elementos da Práxis Pedagógica, como as estratégias didáticas evidenciadas nas apresentações dos Planos de Aula;
- ✓ Identificar pontos positivos, cuidados e desafios com os diferentes métodos de ensino utilizados durante as aulas;
- ✓ Refletir sobre a contribuição da Práxis Pedagógica proposta na disciplina de Futsal para o processo de formação de professores/as de Educação Física.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Futsal: Introdução e História

Concebemos o jogo como uma manifestação da Cultura Corporal a partir da crença de que ele foi inventado pelo ser humano. Em várias línguas, o brincar e o jogar são sinônimos e, sendo assim, as brincadeiras são atos em que as pessoas – sejam elas adultas ou crianças – modificam a realidade a partir da *criatividade, da curiosidade e de suas intenções*.

Dentre os jogos, existem alguns que foram reconhecidos de maneira a serem classificados como *esportes*, por exemplo, o Futsal. O Futsal é, muito provavelmente, o esporte mais praticado em âmbito mundial. Seja em competições federadas, Universidades/Escolas, ginásios, praças ou parques, podemos encontrar praticantes desta modalidade.

Para a Escola e/ou iniciação, que é o nosso caso, no momento, o Futsal entra como um dos esportes hegemônicos cultural e socialmente, estando presente dentro do "quadrado mágico" (Futsal/Futebol, Basquete, Vôlei, Handebol). Sendo assim, normalmente é visto com melhor aceitação da parte dos/as estudantes.

A História do Futsal

Considerado um dos três esportes mais populares do Brasil, nos últimos anos o Futsal tem conquistado lugar de destaque entre os esportes de quadra – possivelmente, o Futsal é o esporte que possui o maior número de praticantes no Brasil. Vem sendo praticado por milhões de pessoas em todos os continentes, tanto como forma de lazer quanto sob a forma de esporte competitivo, sendo o esporte coletivo que mais cresce em todo mundo! São mais de 70 países que praticam o Futsal, tendo como destaques Brasil, Rússia, Ucrânia, Paraguai, Argentina, Espanha, Portugal, Itália, Austrália, entre outros (VOSER, 2014, p. 13; SANTINI; VOSER, 2012, p. 53).

O Futsal é global. Dentre diversas denominações, temos algumas elencadas logo a seguir: *fútbol sala, fútbol de salón, futsala, microfútbol, futebol cinco, futbol de sala, futebol de salão, football em salle, petit football, football a cinq, small side football, cálculo a cinque, mali nogomet, haki, mali balun, hallenfussball, mali fudbal, indoor football, futsalao, fut-5, minifootball, five a side, minifutbol, kleinfeldfussball, zaalvoetbal, salifutis, terem foci, piki noznej, pieciosobowej*, entre outras (SANTINI; VOSER, 2012, p. 54).

Porém, o Futsal não tem ao certo uma origem bem determinada. Existe uma polêmica, uma grande controvérsia sobre a origem do "Futebol de Salão" – antiga denominação da modalidade esportiva. A dúvida reside no fato de que não se sabe se foram os brasileiros que, ao visitarem a Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu, levaram do Brasil ao Uruguai o hábito de jogar Futebol em quadras de Basquete; ou se foram eles que conheceram a novidade quando lá chegaram e, ao retornarem, difundiram a prática em território nacional (VOSER, 2014, p. 83; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 11; SANTINI; VOSER, 2012, p. 50).

O "Futebol de Salão" nasceu nos anos de 1930 e desenvolveu-se na Associação Cristã de Moços de Montevideu (ACM), Uruguai, por meio do então diretor Juan Carlos Ceriani Gravier que, na época, nomeou a modalidade de *indoor football*. As muitas conquistas que o Uruguai obteve no Futebol, no período, fizeram desse esporte o mais praticado naquele país, tanto por crianças como por adultos. Conseqüentemente, faltavam espaços e campos para a sua prática. A solução encontrada foi improvisar, para esse jogo, locais menores como quadras de Basquete e salões de baile. Contudo, como tais espaços eram muito menores do que os dos campos de Futebol, foram necessárias algumas modificações no modo de jogar (VOSER, 2014, p. 83; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 11; SANTINI; VOSER, 2012, p. 50).

Por volta de 1933, foram redigidas as primeiras regras do Futsal, fundamentadas no “[...] Futebol (essência do jogo), Basquete (tamanho da quadra), Handebol (trave e área) e Polo Aquático (regulamentação de o goleiro não poder sair do limite da área de meta)” (VOSER, 2014, p. 84; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 11; SANTINI; VOSER, 2012, p. 50). Essas heranças, com o decorrer do tempo, modificaram-se para que esse esporte pudesse se tornar cada vez mais veloz e dinâmico. Como exemplo disso, podemos ressaltar que, nos nossos dias, muitas equipes profissionais vêm jogando com

goleiros de linha durante toda a partida, pois a regra modificada gerou a possibilidade de vantagem numérica do ataque sobre a defesa durante todo o tempo de jogo.

O primeiro escrito sobre o Futsal no Brasil, em que são apresentadas suas regras, foi publicado em uma revista de Educação Física, no ano de 1936, com autoria de Roger Grain (VOSER, 2014, p. 84; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

Por volta de 1942, no Uruguai, o "Futebol de Salão", que inicialmente era praticado quase que exclusivamente por crianças, passou a ser o preferido dos adultos, conquistando a simpatia de todos (VOSER, 2014, p. 84; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

Sem dúvida, deveu-se à ACM de São Paulo a divulgação do esporte, pois ela foi a única a seguir com o programa para adultos. Isso se constata a partir das palavras encontradas nas primeiras regras divulgadas, em abril de 1950, pelo Departamento de Educação Física da entidade (VOSER, 2014, p. 84; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

Na década de 1950, foram dados os primeiros passos para a institucionalização do esporte, com a criação da primeira federação. Em 1954, foi fundada a Federação Carioca de Futebol de Salão, tendo como presidente Ammy de Moraes. Posteriormente, surgiram as federações de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (VOSER, 2014, p. 84-85; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

Em março de 1958, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) oficializou a prática do "Futebol de Salão" no país, fundando o Conselho Técnico de Futebol de Salão, tendo as federações estaduais como filiadas (VOSER, 2014, p. 85; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

A partir da década de 1980, começaram os primeiros campeonatos pan-americanos e mundiais, tendo o Brasil como vencedor (VOSER, 2014, p. 85; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12; SANTINI; VOSER, 2012, p. 51).

A década de 1990 representa a grande mudança no "Futebol de Salão". Da fusão do "Futebol de Cinco" (praticado pela FIFA – Federação Internacional de Futebol) com o "Futebol de Salão" (praticado pela FIFUSA – Federação Internacional de Futebol de Salão) surgia, assim, o "*Futsal*" (SANTINI; VOSER, 2012, p. 51-52).

Porém, é preciso entender que a "[...] transformação de Futebol de Salão em Futsal foi produto tanto de preocupações técnicas como de interesses econômicos" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 50), o que no campo dos saberes específicos do Esporte, tratados na Educação Física escolar, caracteriza "[...] um tipo de saber que possibilita desenvolver a competência de compreender a diversidade de significados e a inserção dessa prática em distintas épocas e contextos socioculturais" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 50).

Em 2 de maio de 1990, o Brasil legal e oficialmente desligou-se da FIFUSA, enviando a ela uma carta do então presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), Aécio de Borba Vasconcelos, com o aval das 26 federações filiadas à CBFS. Desde então, o Brasil passou a adotar as novas regras de jogo estabelecidas pela FIFA, tendo sempre como objetivos principais espalhar e desenvolver o Futsal no mundo e levar a modalidade a integrar o programa dos Jogos Olímpicos, sonho de todos os *salonistas* (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12-13).

Contudo, ainda na *Era FIFUSA*, quando o Brasil permanecia filiado àquela entidade, a *Seleção Brasileira de Futebol de Salão Masculino* chegou a vencer dois dos três *Campeonatos Mundiais de Futebol de Salão* disputados. Os títulos vieram em 1982 (Brasil) e 1985 (Espanha), quando o Brasil venceu o Paraguai e a Espanha nas finais, respectivamente. Em 1988 (Austrália), último campeonato que o Brasil participou estando ligado à FIFUSA, ele foi derrotado na final pelo Paraguai. Essa vitória do Paraguai encerrou um ciclo de invencibilidade da Seleção Brasileira de Futebol de Salão de 920 jogos, que durava desde 1957 (WIKIPÉDIA, 2019a).

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) criou seu primeiro mundial em 1989 – *Copa do Mundo de Futsal da FIFA* –, ano em que a entidade resolveu assumir unilateralmente o corpo diretivo do "Futebol de Salão", que vinha sendo organizado pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) desde a década de 1970. O mundial da

FIFA foi sediada nos Países Baixos, onde a modalidade gozava de bastante popularidade (VOSER, 2014, p. 85; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 12).

No Futsal Masculino, o Brasil conquistou os três primeiros desses mundiais da FIFA – 1989 (Países Baixos/Holanda), 1992 (Hong Kong) e 1996 (Espanha) –, nas decisões contra Holanda, Estados Unidos e Espanha, respectivamente. A Espanha venceria os dois mundiais seguintes – 2000 (Guatemala) e 2004 (Taipé Chinesa) – derrotando nas finais, respectivamente, a Seleção Brasileira e a Seleção Italiana. A primeira vez que a Seleção Brasileira de Futsal não disputou uma final foi em 2004 – o Brasil ficou em terceiro lugar, derrotando a Argentina. Ela voltaria a vencer o torneio em 2008 (Brasil), contra a Espanha, na primeira final que foi decidida nos pênaltis. Em 2012 (Tailândia), o Brasil conquistaria seu quinto título mundial válido pela FIFA, vencendo novamente a Seleção da Espanha (VOSER, 2014, p. 85; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 13).

O até então último mundial, ocorrido na Colômbia (2016), teve como campeã a Argentina, vencendo a Rússia na final – essa foi a primeira vez que o Brasil não ficou entre os quatro primeiros da competição. A próxima *Copa do Mundo de Futsal* deverá ser realizada na Lituânia, entre os dias 12 de setembro e 3 de outubro de 2021.

Se no Futsal Masculino já podemos constatar certa hegemonia do Brasil em âmbito mundial, no Feminino essa discrepância é ainda mais escancarada e acentuada. O Brasil é o maior detentor de títulos no *Torneio Mundial de Futsal Feminino*, vencendo todas as seis edições do torneio da FIFA até agora. A Seleção Brasileira de Futsal Feminino venceu os mundiais de 2010 (Espanha), 2011 (Brasil), 2012 (Portugal), 2013 (Espanha), 2014 (Costa Rica) e 2015 (Guatemala) contra Portugal, Espanha, Portugal, Espanha, Portugal e Rússia, respectivamente (WIKIPÉDIA, 2019c).

Entretanto, não podemos deixar de considerar a opressão histórica que as mulheres sofreram ao longo do tempo em diversas sociedades. Elas estiveram impedidas por Lei Federal de praticar determinadas modalidades esportivas, no Brasil, entre os anos de 1941 e 1979. Por meio do **Decreto-Lei N.º 3.199, de 14 de Abril de 1941**, no Artigo 54, podíamos ver nitidamente a discriminação institucional legalmente cometida pelo país contra elas, quando aquele dizia que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis

com as condições de sua natureza" (BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1941).

O *Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de Abril de 1941*, foi um decreto-lei brasileiro baixado pelo então presidente, Getúlio Vargas, que estabelecia as bases de organização dos desportos em todo o Brasil. Foi por meio deste, por exemplo, que foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND). Apesar disso, este decreto-lei tornou-se notório por limitar as modalidades esportivas liberadas às mulheres, dificultando, desta maneira, a prática feminina do desporto no Brasil. Em 02 de Agosto de 1965, durante a Ditadura Civil-Militar, a Deliberação n.º 7, assinada pelo General Eloy Massey Oliveira de Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos, delimitou a linha que segregava o esporte feminino brasileiro. Nesta deliberação constava que "não é permitida à mulher a prática de Lutas de qualquer natureza", assim como proibia, somente a elas, a prática de "Futebol, Futebol de Salão, Futebol de Praia, Polo Aquático, Polo, Rugby, Halterofilismo e Beisebol". O decreto-lei, mesmo com a resistência e lutas das mulheres durante todo o período vigente, vigorou até o ano de 1979 (CENTRO ESPORTIVO VIRTUAL, 1965; WIKIPÉDIA, 2019b).

Podemos notar que tal decreto-lei apenas revela e reforça o machismo, o preconceito, a discriminação e a opressão praticados inclusive em forma de Lei institucional no sistema de patriarcado no qual ainda vivemos, em pleno século XXI, nesta sociedade capitalista de vertente neoliberal. Além da violência institucionalizada contra as mulheres, ele se assentava sobre bases estruturais e sistêmicas impregnadas de um falso moralismo. Afinal, qual seria essa suposta "natureza feminina"? Não seria ela de submissão dentro da ordem capitalista?

Que enorme contradição justamente o Brasil, outrora supostamente denominado com a alcunha de "*o país do Futebol, do Carnaval e da Alegria*", ter não somente negado, mas inclusive proibido a prática do Futebol/Futsal entre as mulheres por quase 4 (quatro) décadas, impedindo o seu pleno desenvolvimento enquanto modalidade esportiva!

O quanto a história olímpica do país e do próprio desenvolvimento dos esportes – em específico, do Futsal – entre as mulheres não ficaram atrasados, gerando graves consequências sociais, políticas, culturais e subjetivas ainda fortemente presentes e marcantes em nossa sociedade contemporânea?

No atual cenário, observa-se que o Futsal tem sofrido inúmeras alterações em sua forma de jogo, impostas pelas modificações das regras, pela evolução da preparação física (melhora da capacidade de marcação das equipes e maior movimentação dos jogadores) e pela profissionalização dos atletas e das comissões técnicas. Em função disso, os profissionais do Futsal, principalmente os formadores, devem buscar atualização, bem como a troca de conhecimentos e experiências, a fim de realizar o seu trabalho dentro de uma metodologia coerente com as necessidades e os interesses do jovem praticante, principalmente no que se refere à autonomia, tomada de decisão e inteligência tático/cognitiva (VOSER, 2014, p. 86; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 13).

2.2 A Formação de Professores/as de Educação Física

Dentro do processo de formação de professores/as, sejam de Educação Física ou da área que for, talvez um dos primeiros pontos que deveriam ser abordados é que "alfabetizar é conscientizar" (FREIRE, 1982, p. 5). E, por meio dessa 'conscientização', o alfabetizando ganharia a oportunidade de decodificar e analisar as realidades à sua volta, de (re)interpretar o mundo, a fim de que possa intervir nele para a sua transformação.

A Educação reproduz, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do ser humano (FREIRE, 1982, p. 8). E, segundo a forma tradicional de ensino, a realidade não estaria aí para ser interpretada ou mudada, mas apenas para ser descrita e observada (FREIRE; SHOR, 1986, p. 55).

Esse é um processo de constantes batalhas e intensas lutas que se perpetuam e ditam a sociedade que temos hoje, por meio de condições materiais que são legadas historicamente pelo passado. Porém, ninguém se conscientiza separadamente dos demais. Esse é um elemento que se dá coletivamente no processo de construção do conhecimento. E, nessa construção, precisamos desenvolver as nossas consciências, sendo que "a consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano" (FREIRE, 1982, p. 11). Logo, a consciência é imprescindível no processo de alfabetização, visto que "alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura" (FREIRE, 1982, p. 13).

Em nossa formação, outro elemento que precisamos entender melhor é que "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (FREIRE, 1982, p. 78-79). Por outro lado, podemos dizer também que ninguém educa ninguém; como tampouco ninguém se educa a si mesmo: as pessoas se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo e pelos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1982, p. 79). Uma educação autêntica não se faz de "A" para "B" ou de "A" sobre "B", mas de "A" *com* "B", mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1982, p. 98-99). Deste modo, ambos podem se tornar sujeitos do processo no qual crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não têm valor algum. A 'autoridade' estará, na verdade, intrinsecamente relacionada com as 'liberdades' que poderemos construir nos processos de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto que diz respeito a esses processos educacionais, e que acreditamos que deveriam estar mais presentes em cursos de Formação de Professores/as, diz respeito à "questão da inconclusão do ser humano", de sua inserção num "permanente movimento de procura", rediscutindo a "curiosidade ingênua e crítica". Essa inconclusão do ser humano nos permite entender melhor como que "a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca" (FREIRE, 1996, p. 64), busca essa que não deve ser 'podada', mas sim incentivada em todas as instâncias da aprendizagem. Inclusive, como professoras e professores, devemos saber que sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que nos insere na busca, não *aprendemos* nem *ensinamos* (FREIRE, 1996, p. 95).

É nesse sentido que "[...] *formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas" (FREIRE, 1996, p. 15). É por isso que "[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar" (FREIRE, 1996, p. 36-37). Portanto,

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 24-25).

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 25).

E é assim que "[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo" (FREIRE, 1996, p. 29). O que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, por meio dessa reflexão sobre a prática, a "curiosidade ingênua", percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. Por isso é que, "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1996, p. 43-44). Então, a partir do momento em que entramos em uma sala de aula, um ginásio, um laboratório ou qualquer outro espaço onde ocorram os processos de ensino-aprendizagem, devemos estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos/as estudantes, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que temos – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento* (FREIRE, 1996, p. 52). Por que "transferir conhecimento" não é aprender...

[...] *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina (FREIRE, 1996, p. 77).

O/a professor/a precisa ser "um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os estudantes a serem curiosos e críticos... E criativos" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 13). Nesse processo, tanto as/os professoras/es como as/os estudantes devem ser "agentes críticos do ato de conhecer" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 27). Ato que se opera em sucessivas aproximações, gradativamente, em um processo mútuo de transformações e aprendizados.

[...] É uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos. O professor, portanto, não é o ponto final do desenvolvimento que os estudantes devem alcançar. Os estudantes não são uma frota de barcos tentando alcançar o professor que já terminou e os espera na praia. O

professor também é um dos barcos da frota. Sim, mas é claro que há muita responsabilidade para o professor nesses barcos! Não como dono dos barcos, percebe? Muito presente nos barcos, liderando a transformação (FREIRE; SHOR, 1986, p. 37).

Afinal, "[...] para mim, um bom professor não é aquele que prende a turma na aula e, sim, aquele que desperta no aluno a vontade de aprender" (VOSER, 2015, p. 64). Um/a ótimo/a professor/a é aquele/a que desperta num/a estudante a curiosidade e a vontade de entender o mundo e o porquê das coisas. Um/a excelente professor/a é aquele/a que auxilia a desenvolver, dentro dos processos de ensino-aprendizagem, a criticidade dos/as discentes, pensando na luta coletiva e organizada com vistas à transformação da sociedade para uma mais justa, fraterna e igualitária pelas nossas próprias mãos. Este, sim, é um/a docente imprescindível!

Qual é a Escola que defendemos?

A Escola, na perspectiva de uma pedagogia crítico-superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdos é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais exigem, ainda, materiais específicos (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 43). Essa seleção e organização de conteúdos deve ser orientada por um Projeto Político-Pedagógico, o "PPP".

Devido à sua importância, vários aspectos devem ser considerados na elaboração e construção do PPP. Sem dúvida que um dos mais relevantes é aquele que considera a realidade dos discentes. Em linhas gerais, deve-se pensar nas reais possibilidades dos alunos, desde limitações pessoais e familiares, culturais e sociais, até as de ordem econômica. Na verdade, tudo está interligado e os alunos devem (ao menos na teoria deveriam) ser considerados holisticamente, isto é, em todos os aspectos (cognitivo, social, emocional). Por isso as características individuais, as faltas, necessidades e carências devem ser pensadas e consideradas. Ou seja, os responsáveis pela elaboração do PPP devem tentar planejar atividades considerando o contexto dos alunos e do local (comunidade, bairro, vila, cidade) (TENROLLER, 2015, p. 60-61).

Na nossa formação docente, temos de ter nítida a noção de que a Escola funciona como um tutor que trabalha questões cognitivas, motoras, sociais, afetivas, psicológicas, futuro profissional, limites, respeito, enfim, a vida como um todo. Isto é, com atribuições para além do cuidado, mas como locus privilegiado na construção de sujeitos civilizados, ajuizados e responsáveis por construir dias em sociedade melhor (TENROLLER, 2015, p. 65).

Logo, temos outro saber indispensável à prática docente: "O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicistamente separado, um do outro" (FREIRE, 1996, p. 106-107).

Por fim,

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de "amacia-la" ou "domesticá-la". É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de *achar* e obstaculiza a exatidão do *achado*. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de *recedor* da que lhe seja transferida pelo professor (FREIRE, 1996, p. 140).

A favor de que(m) ensino? Contra que(m) ensino?

Considera-se a Educação Física na perspectiva da reflexão sobre a Cultura Corporal. Isso implica o trato articulado do conhecimento, de forma a possibilitar uma nova lógica de pensar do estudante, na elaboração de uma síntese que lhe permita a constatação, interpretação, compreensão e explicação da realidade acerca da Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 79).

Porém, em nossa formação tradicional acadêmica, constantemente nos deparamos com debates e discussões acríicas ou muito pouco embasadas em um âmbito sociocultural. Por exemplo, quantas vezes algum/a professor/a nos questionou em aula a respeito das seguintes

"perguntas estruturantes do ensino" que todo/a professor/a deveria responder quando desenvolve seu trabalho? (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 7).

- a) Para que ou por que ensinar?
- b) O que ensinar?
- c) Quando ensinar? Ou em que sequência ensinar?
- d) Como ensinar?
- e) Para quê, o quê, quando e como avaliar?

Considerando o nosso foco neste trabalho e neste capítulo em específico – a Formação de Professores/as atrelada ao Ensino de Futsal –, vamos elencar uma lista de possíveis justificativas que aparecem explícitas e/ou implícitas em livros, documentos e mesmo em discursos no âmbito da Educação Física sobre os motivos para se ensinar o Esporte na Escola (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 10-11):

1. O esporte é um bom meio de desenvolvimento da aptidão física, que é, por sua vez, elemento importante da saúde.
2. O esporte é um bom meio de desenvolver qualidades sociais e morais (espírito colaborativo, espírito competitivo, capacidade de assimilar derrotas e vitórias, respeito às regras etc.).
3. Ensinar os esportes nas aulas de Educação Física vai permitir massificar a prática do esporte em nosso país.
4. A massificação do esporte vai propiciar o aparecimento e a descoberta de muitos talentos esportivos que poderão ser “lapidados” e então participar das seleções regionais e nacionais nas diferentes modalidades.
5. Aprender um esporte pode significar, para alguns estudantes, uma ocupação profissional futura.
6. Aprender e praticar esportes pode oferecer aos/às estudantes uma ocupação saudável do seu tempo livre e com isso evitar que eles/as se envolvam em atividades socialmente desaprovadas, como o uso de drogas (estudantes em situação de risco social).
7. Ensinar o esporte nas aulas de Educação Física tem o objetivo de identificar talentos que possam participar dos campeonatos escolares representando a escola e, quem sabe, o município ou mesmo o Estado.

8. Aprender a praticar esportes pode significar incorporar essa prática no seu estilo de vida e, portanto, garantir uma vida mais saudável e de melhor qualidade.
9. O esporte faz parte da nossa cultura e participa de forma bastante intensa da vida de muitas pessoas, assim, conhecê-lo significa poder participar mais plenamente da vida social.
10. Aprender a praticar esportes permitirá que a/o estudante no futuro opte por realizar essa prática em seu lazer.

Independentemente da maneira como (e se vamos) concordar com todas estas justificativas para se ensinar o Esporte na Escola, temos de ter a noção que os Esportes Coletivos – dentre eles, estando o Futsal – são uma parte de nossa *Cultura Corporal*. Essa dimensão da cultura é que configura que a responsabilidade de legar às novas gerações esse conhecimento é da Educação Física; é isso que justifica a presença da Educação Física no currículo escolar. O conhecimento de que trata a Educação Física é, portanto, parte da cultura humana. Entende-se que, para que as pessoas possam exercer a cidadania plenamente, elas devem ter acesso também a essa parcela da cultura. Mas não é um acesso apenas no sentido de aprender a praticar, no caso, os Esportes, mas também de compreendê-los profundamente (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 12). Daí a necessidade dos questionamentos, colocados anteriormente, que todo/a professor/a deveria se colocar ao desenvolver o seu trabalho. Parafraseando Freire (1996, p. 86): "*Em favor de quem estudo? Contra quem estudo?*". Sempre trabalhamos a favor de alguma coisa e contra alguma outra coisa...

Esta é uma grande descoberta: a educação é política! Depois de descobrir que também é um político, o professor tem de se perguntar: "Que tipo de política estou fazendo em classe?". Ou seja: "Estou sendo um professor a favor de quem?". Ao se perguntar a favor de quem está educando, o professor também deve perguntar-se contra quem está educando. Claro que o professor que se pergunta a favor de quem e contra quem está educando também deve estar ensinando a favor e contra alguma coisa. Essa "coisa" é o projeto político, o perfil político da sociedade, o "sonho" político. Depois desse momento, o educador tem que fazer sua opção, aprofundar-se na política e na pedagogia de oposição (FREIRE; SHOR, 1986, p. 34).

Desta maneira,

O professor é inevitavelmente responsável por iniciar o processo e dirigir o estudo. A escolha dos objetivos torna impossível a neutralidade. Ao dirigir

um curso e pelas relações sociais do discurso em classe, todo professor exprime sua opção política. Escolhemos os livros a ler, as perguntas a serem feitas, o modelo da sala de aula – tudo isso envolve nossa política (FREIRE; SHOR, 1986, p. 97).

Portanto, não pode haver 'neutralidade' na Educação! Frente a tudo o que já foi dito, fica evidente que essa é uma impossibilidade em termos teóricos. Ao tentarmos ser supostamente "neutros", apenas estaríamos contribuindo para manter as coisas como estão. É preciso deixarmos explícito que

A ideologia do professor “neutro” harmoniza-se, então, com o apoio ao *status quo*, porque a cultura não é uma página em branco ou um campo neutro de agentes sociais iguais. Deixar de contestar a desigualdade na sociedade é cooperar para obscurecer a realidade. Isto é, o professor atua como se a realidade não fosse problemática, nivelando assim a própria percepção que os alunos têm dos problemas de sua cultura. Uma realidade obscura desativa a criatividade das pessoas, mantendo uma cortina diante do que elas precisam ver para iniciar a transformação. Ensino neutro é outro nome para um currículo obscuro (FREIRE; SHOR, 1986, p. 105).

"A Educação é uma forma de intervenção no mundo..."

Em suma, em nossa prática educativo-crítica, entendendo-a como uma experiência especificamente humana, não podemos nos esquecermos de que

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p. 110-111).

Assim, ler, estudar e refletir continuamente sobre o que se faz é indispensável na profissão docente (TENROLLER, 2015, p. 90). Mas "tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço" (FREIRE, 1996, p. 116). Lembrando que "ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria" (FREIRE, 1996, p. 160), justamente por um simples fato – e que não podemos negá-lo – que está no cerne dos processos educacionais: as trocas e as relações inter-humanas.

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas (FREIRE, 1996, p. 163).

2.3 O Ensino de Futsal

O Esporte, como qualquer fenômeno social, é "plural, dinâmico, paradoxal, controverso" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 48). Logo, é fundamental considerar que o Esporte – seja ele o Futsal ou outro qualquer –, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da Cultura Corporal, projeta-se numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte "da" Escola e não como o esporte "na" escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 48).

Sendo uma produção histórico-cultural, o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar. No entanto, as características com que se reveste – exigência de um máximo rendimento atlético, norma de comparação do rendimento que idealiza o princípio de sobrepujar, regulamentação rígida (aceita no nível da competição máxima, as Olimpíadas) e racionalização dos meios e técnicas – revelam que o processo educativo por ele provocado reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sociais. Por essa razão, pode ser considerado uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes defendidos para a "funcionalidade" e desenvolvimento da sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 48-49).

Isto é, o Esporte por si só não é "Salvador", não é "Saúde" e não significa "qualidade de vida". Ele é, também, uma das maneiras de (re)produção da ideologia dominante em nossa sociedade. Olhando-se dessa lógica e avaliando os pressupostos para o aprendizado do esporte – tais como o domínio dos elementos técnico-táticos e as precondições fisiológicas para a sua prática –, não é difícil chegar à conclusão de que "[...] a finalidade a ele atribuída é somente a vitória na competição, colocando-o como fim em si mesmo" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 49). Como atualmente temos a ideologia neoliberal regendo as políticas e as nossas

subjetividades no mundo inteiro, com os seus valores individualistas, competitivos, consumistas e de instantaneidade, justifica-se essa visão limitada que alguns atribuem aos esportes em geral. Portanto, "se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da Cultura Corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 49).

Assim, na Escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz "a dois", e de que é diferente jogar "com" o companheiro e jogar "contra" o adversário (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 49).

Além disso, há diferentes sentidos a partir dos quais o esporte é praticado. Os sentidos atribuídos e os objetivos dos praticantes de esportes (coletivos) podem variar muito. Por exemplo: alguns o praticam como uma profissão, ou seja, como trabalho remunerado; outros buscam na sua prática melhorar sua saúde ou prevenir doenças; e outros, ainda, procuram apenas uma forma de divertimento (os "atletas de final de semana", para quem muitas vezes a "cervejinha" depois da "pelada" é tão importante quanto a atividade esportiva) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 48).

As pessoas podem estabelecer diferentes relações com o esporte como praticantes e também como espectadores.

Nesse sentido, é importante lembrar que, em uma sociedade desigual como a brasileira, as diferenças de classe também são condicionantes do tipo de relação que as pessoas têm com o esporte e com as diferentes modalidades. Algumas modalidades esportivas são acessíveis apenas às classes sociais mais abastadas, como o caso do golfe ou o polo, enquanto outras modalidades são praticadas predominantemente por pessoas oriundas de classes sociais menos abastadas, como é o caso do atletismo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 48).

Resumindo, "o esporte não é um fenômeno isolado ou isolável socialmente, ele é influenciado (e influencia) pelos processos sociais e, assim, para compreender plenamente seu desenvolvimento, é preciso compreender como ele está relacionado com o contexto" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 49). Portanto, esse também é um conhecimento que a Educação Física deve trabalhar quando se ensina o esporte na Escola.

Esporte Educacional

Muito se discute sobre o modelo de esporte praticado e estimulado nas escolas. Para tanto, algumas questões iniciais precisam ser levantadas de modo a propiciar reflexões (VOSER, 2015, p. 19-20):

- 1) Nossas escolas públicas possuem espaço físico e materiais adequados para a prática de esportes?
- 2) Os/as professores/as estimulam outras vivências esportivas, para além daquelas tradicionais (Futebol, Futsal, Vôlei, Basquete, Handebol, etc.)?
- 3) As metodologias utilizadas para o ensino-aprendizagem dos esportes na escola vão ao encontro das necessidades, interesses e motivações dos/as estudantes?
- 4) Além da técnica e da tática, quais comportamentos e valores são incorporados por meio da prática dos esportes da escola?
- 5) O esporte da escola é desenvolvido junto de outras disciplinas, acionando a trans e a multidisciplinaridade por meio de projetos educacionais integrativos?
- 6) Os/as professores/as estão atualizados e capacitados no que se refere às questões conceituais, procedimentais e atitudinais que envolvem o ensino dos esportes?
- 7) Nas competições escolares se valorizam outros aspectos além do "vencer" e ser "campeão"?

Princípios do Esporte Educacional

Observa-se que as aulas, na maioria das vezes, colocam o foco no aprendizado da técnica, com a aplicação de metodologia analítica, muito parecida com a que é proposta no esporte de rendimento. Este modelo de aula é caracterizado pela repetição, seletividade, exclusão, e pela aplicação do jogo com as regras institucionalizadas (VOSER, 2015, p. 20).

O esporte da escola, por sua vez, deve preconizar a formação integral do estudante/cidadão, devendo propiciar a participação de todos e todas, estimulando a inclusão e a diversidade. Essas aulas devem ser alegres e desafiadoras (VOSER, 2015, p. 20).

Nossa convicção é que a Escola deve ser transformadora. O ensino dos esportes pode auxiliar a preparar para a vida. A prática dos esportes ensina à criança noções básicas de cidadania, de respeito às regras, a trabalhar coletivamente, a ganhar e perder (VOSER, 2015, p. 20).

Para o esporte tornar-se fator de emancipação individual e, conseqüentemente, coletiva, alguns preceitos/princípios devem ser respeitados, tais como (VOSER, 2015, p. 20-21):

1. Inclusão de todos/as: criar condições, possibilidades e oportunidades para que as crianças e os jovens tenham acesso à prática esportiva;
2. Construção coletiva: elaborar e desenvolver, juntamente com os educandos, os programas pedagógicos para levar em consideração suas necessidades e expectativas;
3. Respeito à diversidade: reconhecer e respeitar as diferenças dos/as estudantes em relação à etnia, ao gênero, ao biótipo, além de repertórios e habilidades;
4. Educação integral: ser meio de aprendizagem equilibrada, além da dimensão física, como desenvolvimento das capacidades psíquica, afetiva e social;
5. Rumo à autonomia: compreender a prática esportiva como ação emancipatória para a formação de um cidadão ativo, crítico e criativo.

O processo de ensino-aprendizagem em Futsal

Pois bem, feitas tais afirmações, temos o Ensino sendo compreendido como "a atividade docente que sistematiza as explicações pedagógicas a partir do desenvolvimento simultâneo de uma lógica, de uma pedagogia e da apresentação de um conhecimento científico" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 17). O nosso papel enquanto professores e professoras vem muito num sentido de facilitar as condições para que os processos de ensino-

aprendizagem possam se desenvolver. Para tanto, um dos focos desse processo deve ser justamente o/a estudante, pois

É o tratamento articulado do conhecimento sistematizado nas diferentes áreas que permite ao aluno constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social complexa, formulando uma síntese no seu pensamento à medida que vai se apropriando do conhecimento científico universal sistematizado pelas diferentes ciências ou áreas do conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 17-18).

Assim, nesse processo de ensino-aprendizagem, é importante lembrarmos que "o conhecimento não é pensado por etapas. Ele é construído no pensamento de forma espiralada e vai se ampliando" (VARJAL, 1991, p. 35, apud COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 21). Ou seja, não é uma sequência de caráter "etapista" (desenvolvendo um assunto "x" desvinculado do assunto "y" a seguir), e sim uma 'progressão espiralada' (recapitulando assunto "x" e ampliando o sentido dentro do assunto "y") (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 64). Por isso, quando abordamos os 'Fundamentos do Futsal', por exemplo, há não só diferentes maneiras de se fazer isso (Metodologias), mas distintos tempos para se abordar um mesmo elemento, como é o caso do *Passe*: passe isolado (analítico); passe em deslocamento; passe no espaço livre; passe em profundidade; passe no meio de um jogo; etc. Porém, para que essas maneiras possam ser efetivadas, há uma série de outros elementos (conceituais e atitudinais) que também precisam ser trabalhados.

"Passar" uma bola implica várias dimensões do sentido que essa atividade pode vir a ter para o aluno. Por exemplo, passar a bola para o companheiro estabelece uma relação na qual materializam-se variados sentimentos, como: vontade de dar ao outro uma coisa; dispor-se a receber de outro uma coisa; negar-se a dar; negar-se a receber; avaliar que é mais fácil passar para o outro do que receber do outro etc. É necessário que o professor promova a compreensão do que é "equipe", bem como do papel "solidário" que cada um dos seus membros deve ter, estimulando-os para o coletivo... (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 52-53).

Quando o professor não compreende a relação entre as características do esporte com interação entre adversários e as demandas dos mecanismos de processamento da informação dos praticantes, com frequência centra o ensino sobre o movimento/gestos (os chamados "fundamentos"), a parte visível do movimento, e não sobre os processos que regulam a ação. Em outras palavras, ensinam os esportes com interação entre adversários, como se fossem sem interação (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 32).

O que precisa estar bem nítido para nós é que "o conhecimento da técnica não é, em absoluto, dispensável. Contudo, afirmar a necessidade do domínio das técnicas de execução

dos fundamentos das diferentes modalidades esportivas não significa polarizar nosso pensamento em direção ao rigor técnico do esporte de alto rendimento" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 61). As técnicas devem ser compreendidas como "[...] instrumentos necessários de um jogo [...]. Entretanto, durante a execução, o que prevalece na consciência do executante é o resultado que essas técnicas têm para o sucesso do jogo" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 61). E isso é um dos componentes do ensino que precisamos combater quando enraizados em suas consciências de maneira absoluta.

O que queremos deixar explícito é que

[...] o ensino dos esportes com interação entre adversários deve estar centrado na compreensão das ações demandadas pela modalidade e não na reprodução isolada de técnicas esportivas. Isso significa que, quando ensinamos esse tipo de prática corporal, não devemos ensinar apenas “como fazer” (habilidades de movimento), e sim centralizar o ensino no “quê” e “quando fazer” (intenções táticas ou regras de ação) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 109-110).

Para trabalhar nessa perspectiva, é fundamental lembrar alguns pré-requisitos na forma de pensar o ensino desta categoria de esportes – os esportes com interação entre adversários, como é o caso do Futsal –, compreendendo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 110):

- a) que todo movimento realizado em um esporte com interação entre os adversários é sempre um ato tático e, conseqüentemente, não pode ser visto (e ensinado) apenas como um gesto técnico;
- b) que a aprendizagem progride da compreensão do “que fazer” no jogo para o “como fazer”;
- c) que se joga melhor quando se entende o que acontece no jogo e não apenas quando se consegue executar bem determinadas habilidades motoras fora da situação de jogo.

Com isso, podemos pensar o ensino desses esportes como um "processo facilitador da compreensão/ação do/a estudante dentro das situações de jogo, no qual se buscam níveis mais elaborados de tomada de decisão e execução de movimentos" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 110).

Acreditamos que essas experiências podem ser aproveitadas pelos/as estudantes nas demais disciplinas e também em seu convívio social. Estes valores (ser e conviver) a serem perseguidos pela Escola em seu Projeto Político Pedagógico devem ser compartilhados entre todos os componentes curriculares. Nossa convicção é que a Escola deve ser transformadora (VOSER, 2015, p. 42). O Ensino dos Esportes – em específico, do Futsal –, nesse sentido, pode ser um grande potencializador na preparação para a vida.

Enfim, às vezes, é difícil explicarmos para uma turma que o Futsal não serve só para um suposto Lazer e diversão. São possibilitados novos aprendizados, desenvolvidas valências físicas, trabalhados aspectos fisiológicos, sociais e culturais muito importantes que englobam muitas outras coisas para além de somente "jogar bola" (VOSER, 2015, p. 74). Em parte, cabe a nós trabalharmos para mudar isso, a fim de desenvolvermos uma nova concepção de cultura esportiva e de atividade física desses sujeitos. Entretanto, é fundamental que isso se dê de forma aliada ao poder público, por meio de políticas públicas e de uma verdadeira valorização da profissão docente. Caso contrário, estaremos apenas fazendo o nosso trabalho isoladamente, sem organização e sem previsão de que ele possa ser prolongado, estendido e desenvolvido ao longo do tempo.

Contextualizando o Ensino de Futsal...

Em se tratando de escolinhas esportivas, o Futsal é, provavelmente, o – ou um dos – esporte que possui o maior número de praticantes no Brasil. Trata-se de uma modalidade praticada em quatro continentes do mundo, por mais de 70 países. Estes, além do Brasil, incluem Portugal, Espanha, Itália, Argentina, Rússia e Paraguai, entre outros (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 7).

O maior crescimento e a grande difusão do Futsal ocorreram principalmente nos últimos 25 anos. Hoje ele é praticado por milhares de pessoas, principalmente crianças e adolescentes. Considerável parcela desse crescimento decorre das mudanças nas regras do "Futebol de Salão" para o atual 'Futsal', que tornaram o esporte mais atrativo, dinâmico e competitivo. No Brasil, outra parcela de contribuição deve-se ao processo de urbanização e à redução de espaços para a prática do Futebol, como praças e parques, que se tornaram

perigosos devido ao crescimento da violência (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 7).

Esse cenário motivou o aumento evidente do número de escolinhas de Futsal, além de expandir o mercado para professores/as de Educação Física. Contudo, como algumas evidências científicas sugerem, na maioria das vezes os/as professores/treinadores não estão adequadamente preparados, do ponto de vista pedagógico, para desenvolver um trabalho de modo a utilizar metodologias que respeitem as necessidades, os interesses e as particularidades da dinâmica dos jogos desportivos coletivos. Para além do aspecto procedimental (técnico-tático), são necessários professores e professoras também qualificados/as a ensinar, por meio do Futsal, valores e atitudes que apontem para a formação de um sujeito crítico, consciente e ético para o convívio no ambiente social onde está inserido (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 7-8).

Para o adequado Ensino do Futsal, faz-se necessária a compreensão de que estamos tratando de uma modalidade de oposição/cooperação, na qual companheiros de equipe lutam para alcançar seus objetivos, ao mesmo tempo em que seus adversários, em oposição, buscam impedir que esses objetivos sejam alcançados. A equipe que estiver com a posse de bola será considerada em situação de ataque, e a outra, sem a bola, em defesa. Finalizado o ataque, com ou sem êxito, eventualmente se troca a posse de bola, dando início a um novo ciclo de jogo. As ações de ataque e defesa estão relacionadas entre si, ligadas às atuações dos jogadores e das equipes (SAAD, 2002; SOUZA, 2002, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 8).

O Futsal é um esporte de natureza predominantemente aberta, em que as capacidades técnicas e táticas implicam a necessidade de sua utilização, adaptada às diferentes situações presentes no jogo (SCHMIDT, 1992; SOUZA, 2002, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 8). A característica intermitente do esporte exige dos/as praticantes altas demandas físicas, técnicas e táticas durante toda a partida, com ênfase na capacidade de tomar decisões em um curto espaço de tempo e a utilização da criatividade.

Dada a sua "imprevisibilidade", torna-se fundamental que o contexto dos treinos/aulas não deixe de oportunizar aos estudantes a experiência de variadas situações em que a atenção, a percepção e a tomada de decisão sejam necessárias, ou seja, vivencie-se o "jogo" nas

diversas formas de jogar. Contudo, alguns estudos relacionados aos modelos de ensino utilizados em escolinhas ainda mostram uma tendência para uma abordagem mais tecnicista, baseada no ensino por partes, em que a repetição, a automatização dos gestos técnicos prevalecem em detrimento de uma abordagem mais global, em forma de jogos pré-desportivos e condicionados, e atividades situacionais (VOSER, 1999; SANTANA, 2005; MOREIRA; GRECO, 2005, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 8).

Em síntese, deve-se sempre pensar em alternativas metodológicas que, em sintonia com o desenvolvimento de intervenções centradas exclusivamente nos aspectos motores e técnicos, possam somar-se ao trabalho de iniciação à modalidade de Futsal, contribuindo para uma formação que não negligencie o desenvolvimento da inteligência de jogo e a capacidade tática de seus iniciantes (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 8-9).

O 'Ensino de Futsal' é mais do que somente "jogar bola"!

Mas, e então, o que deveria ser do conhecimento de um/a estudante para podermos afirmar ser ele/a seu conhecedor? O estudo do Futsal/Futebol na Escola pode ser feito mediante uma análise que abarque diferentes aspectos, tais como (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 49):

- O Futsal/Futebol enquanto jogo com suas normas, regras e exigências físicas, técnicas e táticas;
- O Futsal/Futebol enquanto espetáculo esportivo;
- O Futsal/Futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gerir mercados específicos de atuação profissional;
- O Futsal/Futebol enquanto jogo popularmente praticado;
- O Futsal/Futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e, em especial, no Brasil.

Dáí a necessidade, entre outras, de analisar com o estudante o Futsal/Futebol que faz com que, num país como o Brasil, as diferenças econômicas, políticas, culturais e sociais, de repente, pareçam inexistir no momento de realização de um gol. Esse mesmo fenômeno

cultural chamado Futsal/Futebol constitui-se também num "mercado de trabalho" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Ao trabalhar essas questões, o/a professor/a vai auxiliando o/ estudante a perceber o que ocorre por trás do campo, ou seja, nos meandros da administração e direção do Futsal/Futebol "show", profissional. Perceber, também, o "jogo" que existe entre poder econômico e poder esportivo, assim como o uso da pessoa humana na busca do lucro. Nesse "jogo" há uma exacerbação do nível competitivo, no qual os valores de natureza ética, não raras vezes, perdem-se frente à busca da vitória a qualquer custo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Lucro e vitória a qualquer custo, tudo isso vai contribuindo para a alienação do "trabalhador da bola", fazendo com que ele nem perceba que, na verdade, é um "escravo da bola", apenas mais um explorado "filho do Sistema" – ainda que, em pouquíssimos casos, possa ganhar muito dinheiro (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Portanto, a partir das diferentes óticas aqui brevemente tratadas, pode-se entender que o ensino do Futsal/Futebol na Escola é mais do que "jogar bola", muito embora o "jogar futebol" seja elemento integrante das aulas de Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

2.3.1 Elementos Organizacionais no Ensino de Futsal

Planejamento

O Planejamento é a previsão das atividades a serem desenvolvidas em um determinado contexto. No planejamento, além da sondagem diagnóstica inicial, ainda fazem parte os objetivos, os conteúdos, os métodos (procedimentos), os recursos e a avaliação (SANTINI; VOSER, 2012, p. 10).

Muitas vezes, a criatividade do professor é confundida com a improvisação. A improvisação aflora da falta de planejamento, enquanto que a criatividade é um "dom" de

tornar algo ou situação aparentemente simples em mais bela e mais atrativa (SANTINI; VOSER, 2012, p. 10).

Sabe-se que as crianças aprendem muito rápido, contudo, é extremamente necessário adaptar os exercícios, respeitando a idade cronológica de cada grupo de trabalho. Nesse contexto, não se pode esquecer da "ideia central do jogo", bem como é necessário ter em mente as "ações do jogo" que estão sendo desenvolvidas, pois serão elementos básicos para a elaboração dessas atividades. Outro aspecto a considerar é que essas atividades deverão apresentar baixo grau de dificuldade e regras simplificadas (SANTINI; VOSER, 2012, p. 10).

- ❖ **Planejamento Geral ou Global** – Equivale ao planejamento anual ou de mais anos.
- ❖ **Plano de Unidade** – Equivale ao planejamento mensal, bimestral, trimestral ou semestral.
- ❖ **Plano de Aula** – Equivale ao planejamento diário.

Plano de Aula

O plano de aula é um instrumento de trabalho que especifica os comportamentos esperados da/o estudante, os meios, os conteúdos, procedimentos e recursos que serão utilizados para sua realização. Busca-se sistematizar todas as atividades que serão desenvolvidas no período de tempo em que o/a professor/a e o/a estudante interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem (SANTINI; VOSER, 2012, p. 10).

- **Crítérios a serem observados pelo/a professor/a** (SANTINI; VOSER, 2012, p. 11):
 - ✓ *Adequação dos estímulos:* o plano de aula deve prever os estímulos adequados ao nível dos/as estudantes, a fim de despertar o interesse desses e criar uma atmosfera de comunicação entre professor/a-estudante.

- ✓ *Ordenação*: o plano de aula deve ter um sentido de ordenação do conteúdo de ensino-aprendizagem de maneira a atender às necessidades físicas e psicológicas do/a estudante.
- ✓ *Estrutura flexível*: o plano de aula não deve apresentar uma estrutura rígida que impeça a participação do/a estudante, como agente de sua própria aprendizagem.
- ✓ *Especificação operacional*: os planos de aula devem conter objetivos específicos, de maneira operacional.

➤ **A aula de Educação Física possui três momentos distintos** (SANTINI; VOSER, 2012, p. 12; COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 64):

- **Aquecimento ou Fase Inicial ou Parte Inicial:**

Aqui os conteúdos e objetivos da unidade são discutidos com a turma, buscando as melhores formas de estes se organizarem para a execução das atividades propostas. O período de 5 a 10 minutos tem como principal objetivo promover um maior aporte sanguíneo para todo o corpo, preparando o corpo para as exigências do decorrer da aula. Devem ser selecionadas atividades dinâmicas que possibilitem a participação ativa de todos e todas os/as estudantes, visando à motivação e à ativação fisiológica.

- **Desenvolvimento ou Parte Principal:**

No período de 25 a 35 minutos podem ser realizadas atividades voltadas para o desenvolvimento das propriedades motoras específicas. Aqui, as atividades devem ser selecionadas e organizadas sequencialmente em função dos objetivos da aula, de modo a promover a apreensão do conhecimento.

- **Volta à Calma ou Parte Final:**

O período de 5 a 10 minutos tem como objetivo deixar as/os participantes em condições de retornar às suas atividades, em particular com a mesma

frequência cardíaca com que iniciaram a aula. Nesse final de aula as atividades selecionadas podem também permitir ao professor/a verificar se os objetivos foram alcançados. Amarram-se conclusões, avalia-se o realizado e levantam-se perspectivas para as aulas seguintes.

Representada graficamente, a estrutura da aula corresponde a uma espiral ascendente, cujos anéis contínuos vão se ampliando cada vez mais. Seu início estreito representa o primeiro momento no qual se apresentam as referências do senso comum. A abertura subsequente representa a ampliação das referências pela sistematização do conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 64). Assim, pouco a pouco, vamos recapitulando e ampliando os conhecimentos, não de um modo "etapista", mas dessa maneira espiralada, que proporciona uma maior interconexão entre os conhecimentos na medida em que os retoma a cada novo passo que precisa ser dado.

A 'avaliação' no processo de ensino-aprendizagem

Embora não seja o foco principal deste trabalho, a avaliação no processo de ensino-aprendizagem em Educação Física é muito importante e faz parte do Ensino de Futsal. "A avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 68).

E para compreender isso é necessário considerar que a avaliação do processo ensino-aprendizagem está relacionada ao projeto pedagógico da escola, está determinada também pelo processo de trabalho pedagógico, processo inter-relacionado dialeticamente com tudo o que a escola assume, corporifica, modifica e reproduz e que é próprio do modo de produção da vida em uma sociedade capitalista, dependente e periférica (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 68-69).

Com isso queremos dizer que formas de Educação – que por sua vez se explicitam em teorias educacionais, teorias pedagógicas – decorrem do modo como se produz a existência humana. Essas teorias fundamentam procedimentos metodológicos, entre os quais destacamos as práticas avaliativas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 69).

Para compreender a questão da avaliação não se pode cair no reducionismo de um universo meramente técnico de entendimento, sendo necessária a consideração de outras dimensões desse processo como, por exemplo, as suas significações, implicações e consequências pedagógicas, políticas e sociais (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 73).

Cada vez mais, compreende-se que a avaliação é um dos aspectos essenciais do projeto pedagógico, justamente por ser por meio dela que se cristalizam mecanismos estruturais e limitantes no processo de ensino-aprendizagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 73). A avaliação é importante para se

[...] diagnosticar as dificuldades iniciais e os conhecimentos prévios dos alunos sobre a modalidade que se está ensinando, propiciar feedback que ajude o estudante a entender os avanços e as dificuldades em seu desempenho no jogo, identificar o progresso dos alunos nas aulas (portanto, a eficácia do nosso modo de ensinar), como também estabelecer expectativas de aprendizagem para uma determinada etapa escolar (critérios de proficiência) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 96).

Nesse processo, o “diagnóstico” se trata de uma

[...] avaliação inicial com a qual se busca distinguir quais são os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que se pretende ensinar e, simultaneamente, suas maiores dificuldades para dar conta das exigências do jogo. Esse momento é essencial, já que permite tomar decisões fundamentadas sobre quais conteúdos priorizar em função das características do grupo e de seus membros (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 97).

A avaliação tem diferentes propósitos, sendo um processo de fluxo constante. Durante uma aula, o/a professor/a “passa lendo” o desempenho da turma nas tarefas propostas, com o intuito de aferir em que dimensão está a compreensão do jogo, fazendo da avaliação uma tarefa permanente. Em geral, esse processo é denominado *avaliação formativa* (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 97).

Por outro lado, as *avaliações somativas* são usualmente as “finais” de algum período. Geralmente são as que ganham mais destaque, pois são vinculadas à “nota” e à “aprovação/desaprovação” na disciplina. No entanto, com frequência, não são as mais importantes no processo de ensino (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 97).

Como parte dos processos de avaliação, além do/a professor/a avaliando o/a estudante, há outras possibilidades de aferir o conhecimento, como a *autoavaliação* e a *coavaliação*, quando as/os estudantes auxiliam o/a professor/a no processo de avaliação da turma, o que pode gerar aprendizagens extras para os próprios discentes (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 97).

Uma forma simples de montar um instrumento de avaliação é utilizando uma *lista de verificação*. Esta consiste basicamente em uma tabela de aspectos a serem avaliados (intenções táticas ou regras de ação, por exemplo), em que se faz uma marca (“ok”, ou um “x”, segundo o comportamento do/a jogador/a, o esperado ou não, por exemplo), ou se associa uma pontuação, nota ou conceito. Seu nome em inglês é *check list*, e é entendida principalmente como uma ferramenta de constatação (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 98).

Em suma, o sentido da avaliação no processo de ensino-aprendizagem em Educação Física é o de fazer com que ela sirva de referência para a análise da aproximação ou distanciamento do eixo curricular que orienta o Projeto Pedagógico da Escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 73).

Portanto, ao se pensar no Ensino de Futsal e no planejamento de nossas aulas, não podemos nos esquecer dos métodos que serão escolhidos para a avaliação das turmas, pois eles serão parte estruturante da formação que queremos propiciar aos estudantes.

2.3.2 A Pedagogia aplicada ao Futsal

Para se falar em Pedagogia, não podemos esquecer que há momentos em que se acirra o conflito nos ambientes de ensino, o que vem a provocar uma crise – seja pelo motivo que for. Porém, é exatamente dessa crise que emergem as pedagogias!

A pedagogia é a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a sua educação. Por isso a pedagogia teoriza sobre educação que é uma prática social em dado momento histórico. A pedagogia é, pois, a "... reflexão e teoria da educação capaz de dar conta da complexidade, globalidade, conflitividade e especificidade de determinada prática social que é a

educação" (SOUZA, 1987, p. 27, apud COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 14).

Nesse sentido, podemos dizer que as pedagogias contêm os nossos discursos e intenções, os quais estão baseados em concepções de mundo que, por sua vez, encontram sustentação em ideologias. Tais ideologias podem ser defendidas de modo explícito ou implícito, de maneira consciente ou inconsciente pelas pessoas, a depender de suas condições materiais, objetivas e concretas de vida para a produção do conhecimento que se encontram em uma determinada época histórica. Portanto,

É preciso que cada educador/a tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de ser humano que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade? (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 15).

E um dos principais instrumentos que definem a nossa ação é o *Projeto Político-Pedagógico*, pois ele "[...] representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação das pessoas na realidade explicando suas determinações" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 15).

Em suma,

Todo/a educador/a deve ter bem definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os/as estudantes, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos/as estudantes (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 15).

Também por isso que não existe "*ensino neutro*". Conforme Paulo Freire nos alertava (e já explicitado anteriormente neste mesmo trabalho).

A defesa da perspectiva *Crítico-Superadora*

É fundamental para uma perspectiva da prática pedagógica da Educação Física pautada na reflexão sobre a Cultura Corporal o desenvolvimento da noção de historicidade da Cultura Corporal.

É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 27).

Por isso, defendemos a metodologia na perspectiva *crítico-superadora* a fim de implicar um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do estudante para apreender a realidade. Entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo/a estudante, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62).

Disso tudo podemos depreender que, se hoje o Futsal/Futebol é hegemônico na sociedade brasileira, nem sempre foi assim – e não, necessariamente, continuará o sendo. Houve toda uma série de processos históricos que auxiliaram o esporte a atingir características hegemônicas dentro da nossa cultura – e tais processos não são 'isentos' e nem "neutros" de interesses.

Aspectos Pedagógicos das Atividades Físico-Desportivas Aplicadas às Crianças

Iniciamos com as palavras de Telema (1986, apud VOSER, 2014, p. 54; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 74), afirmando que devemos ter em mente que nos processos de ensino-aprendizagem a atividade esportiva por si só não educa; seus efeitos educativos dependem da situação criada, especialmente em relação aos aspectos de interação social e ao clima afetivo-emocional e motivacional existente. Essas condições dependem de diversos fatores, entre os quais a intervenção do/a educador/a nos parece fundamental.

As principais tendências pedagógicas expressas no âmbito da educação formal, como nos fala Balbinotti (1997, p. 86, apud VOSER, 2014, p. 54; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 74), podem ser denominadas e definidas como **reprodutivistas** e **construtivistas**.

A concepção **reprodutivista (tradicional)** é aquela que prioriza as capacidades intelectuais, situando-as como primeiro e mais relevante objetivo na formação do ser humano. Seus procedimentos didáticos enfatizam processos normativos que visam a uma disciplina rígida. A tônica dessa concepção educativa é uma exposição de conhecimentos por parte do/a professor/a dirigidos a educandos ouvintes e passivos, bem-comportados e estáticos (1997, p. 86, apud VOSER, 2014, p. 55; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 74-75).

Para o mesmo autor, a concepção **construtivista** pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestadas por meio da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução. Isso significa que o processo de elaboração do conhecimento se dá com a participação e a intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem. A complexidade do processo de construção do conhecimento exige que o/a professor/a exerça o papel de agente estimulador dessas relações de interação, nas quais o indivíduo passa a ser um agente ativo (BALBINOTTI, 1997, apud VOSER, 2014, p. 55; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 75).

A prática pedagógica, segundo Shigunov e Pereira (1993, apud VOSER, 2014, p. 55; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 75), é um problema central da ação educativa para todos os contextos sociais e fatores envolvidos, tanto em âmbito de intervenção pedagógica como do conteúdo ou da relação.

As novas tendências pedagógicas para a Educação Física Infantil visam proporcionar que a criança experimente várias possibilidades de movimentos corporais a partir de sua criatividade e autoconstrução. Nessa abordagem, ela participa intensamente das decisões de todo o processo educativo (VOSER, 2014, p. 56; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 76).

Sabemos também que, para alcançar nossas metas no meio educativo, além de termos o conhecimento profundo ou até mesmo uma vivência da prática esportiva, é de suma importância possuímos um conhecimento mais amplo a respeito do grupo que será

trabalhado. Isso requer pesquisas e estudos nas áreas diretamente envolvidas com nosso trabalho (VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 76; VOSER, 2014, p. 56).

Por exemplo, quando se desenvolve um trabalho de iniciação esportiva para crianças na faixa etária entre 6 e 12 anos, deve-se estar atento a algumas questões pedagógicas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem (VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 76-79; VOSER, 1999b, apud VOSER, 2014, p. 56-58):

- ✓ O corpo, nessa fase (6 a 12 anos), é o referencial da percepção, o meio pelo qual a criança absorve o mundo e manifesta sentimentos, sensações e até mesmo opiniões;
- ✓ O/a professor/a deve desenvolver os aspectos do esquema corporal, do equilíbrio, da lateralidade, da organização do corpo no espaço e no tempo, da coordenação motora grossa e fina, não esquecendo o que é característico na idade: correr, saltar, lançar, transportar, trepar, rastejar e rolar;
- ✓ Deve ser oportunizada uma variedade de experiências motoras, bem como um contato com vários tipos de objetos em diferentes espaços, proporcionando, assim, a conscientização do próprio esquema corporal;
- ✓ No período escolar é possível realizar um trabalho integrado com as demais disciplinas, fazendo uso da interdisciplinaridade;
- ✓ Toda atividade em forma de recreação é mais atrativa para as crianças. O lúdico e o brincar são tão importantes para elas quanto respirar, comer e dormir;
- ✓ Torna-se importante elaborar atividades de acordo com o interesse das crianças, observando e não permitindo as manifestações de cansaço, impaciência e desinteresse;
- ✓ A linguagem utilizada deve ser objetiva e de fácil compreensão;
- ✓ As atividades desenvolvidas deverão propiciar a sociabilização, a integração e a autoestima;
- ✓ É importante que o/a professor/a estimule as crianças à criação e à organização das atividades sem perder o controle da turma. Ele/a poderá usar as seguintes perguntas: "Quem consegue...?", "Quem é capaz de...?", "Quem sabe outra maneira de...?";

- ✓ Deverá ser mantida a motivação da turma e o seu interesse pelas atividades, sabendo a hora de trocá-las;
- ✓ O/a educador/a deve auxiliar a desenvolver o gosto de aprender e de se aperfeiçoar, principalmente para despertar o interesse da criança pela prática esportiva;
- ✓ É necessário que as/os estudantes se sintam seguras/os e desinibidas/os para participarem de todas as atividades. Será oferecido um ambiente livre de tensões, mantendo, assim, um clima propício para a aprendizagem;
- ✓ Serão incentivados principalmente as/os estudantes que têm dificuldades, elogiando-as/os a cada conquista e deixando para aquelas/es que possuem mais facilidade o compromisso de auxiliar no compartilhamento da sua experiência;
- ✓ A individualidade de cada criança deve ser respeitada;
- ✓ Deve-se, também, estar atento à progressão dos exercícios, partindo sempre do mais fácil ao mais difícil, e do simples para o complexo;
- ✓ É preciso avaliar o desenvolvimento psicomotor dos/as estudantes que são mais desenvolvidos fisicamente, mas que, na realidade, possuem a mesma capacidade mental das outras crianças de sua idade. É necessário estar atento à maturidade motora e mental (emocional) das crianças;
- ✓ Faz-se necessário dar atenção a fatores externos que possam interferir no andamento do trabalho proposto. O maior exemplo a ser citado é a pressão que pais/mães/responsáveis exercem sobre seus filhos e filhas ao tentar satisfazer seus próprios desejos de infância ou projetando um futuro promissor para a criança no esporte. É indicado conversar com os responsáveis e mostrar a eles o que esse tipo de ação pode acarretar na criança.

Para concluir, lembramos que a criança não é um adulto (atleta) em miniatura, e o/a treinador/a ou professor/a, além de sua tarefa técnica, também tem responsabilidade pedagógica com o futuro do jovem a ele confiado (VOSER, 2014, p. 58; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 79).

Modelos de Ensino Esportivo

Embora existam vários modelos de ensino, este trabalho optará pela análise daqueles que prevalecem nos programas de iniciação esportiva. Portanto, dando seguimento às reflexões, utilizou-se a classificação de Heinila sobre o processo de ensino em Educação Física. Tal classificação foi utilizada no Brasil por Ferreira (1984, apud VOSER, 2014, p. 58-59; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 79). A autora elabora e acrescenta indicadores e referenciais para um esquema conceitual, denominado *matriz analítica*, a fim de realizar uma crítica à realidade do ensino da Educação Física Infantil.

Segundo a classificação de Heinila, o **modelo de reprodução** em Educação Física é caracterizado pela atitude acrítica tanto da realidade interna constituída pelas experiências que o/a estudante adquire quanto pelas condições econômicas, sociais e culturais que constituem a realidade externa. Nele, o Esporte é valorizado como paradigma ideal de Educação, reproduzindo os padrões sociais da classe dominante. Nesse sentido, os objetivos educacionais servem para conservar e reforçar as diferenças entre as classes sociais. O modelo de reprodução também assume o Esporte como foco do sistema de ensino e tem como fonte de informação as técnicas, as habilidades esportivas e o conhecimento dos mecanismos psicofisiológicos do treinamento esportivo. Sua fonte de normas e sanções provém da performance e das vitórias esportivas, das competições e das classificações por desempenho. O/a professor/a é visto/a como o/a controlador/a de atividades, treinador/a e técnico/a preocupado/a em fazer do/a estudante um/a atleta em potencial, ou seja, seu objeto de treinamento. As metodologias empregadas têm sua referência em modelos ideais de execução, predominando procedimentos diretivos. Finalmente, no que diz respeito ao critério de avaliação, há um predomínio de caráter *somativo* (VOSER, 2014, p. 59; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 80).

O **modelo de transformação**, por sua vez, é caracterizado pela atitude de reflexão sobre a realidade, modificando a percepção que o indivíduo tem de suas experiências e do mundo que o cerca (VOSER, 2014, p. 59). Nessa perspectiva, a Educação Física é sempre processo, realimentado pela prática consciente dos sujeitos sobre a realidade esportiva, numa concepção dialética, favorecendo a aprendizagem e a avaliação dos resultados. Desse ponto de vista, o/a professor/a explora situações de conflito que levam o/a estudante a perceber a realidade de forma múltipla e a si mesmo como agente dessa realidade. Assim, o foco do

ensino é o educando, capaz de decifrar o mundo que o cerca. A perspectiva de transformação tem como fonte de informação o conhecimento funcional da natureza do ser humano e como fonte de normas e sanções um amplo processo de negociação com as crianças, partindo de seus interesses, necessidades e motivações. Conseguir-se-ia, assim, articular um sistema de disciplina intrínseco ao processo. O/a professor/a, nesse enfoque, é visto como facilitador/a e orientador/a das atividades, preocupado/a em estimular uma participação maior e mais consciente dos/as estudantes em todos os níveis. As metodologias empregadas têm um caráter mais ativo e estimulante; utilizam procedimentos diversificados, dirigidos a motivar os diferentes níveis de aspiração das/os estudantes, com um predomínio dos processos indiretos de ensino (iniciativa centrada no discente). Finalmente, com relação ao principal critério de avaliação, haverá uma ênfase sobre a avaliação do tipo *formativa*. Isso significa que a preocupação existente é a de disponibilizar informações qualitativas em relação ao domínio e não aos objetivos, permitindo a devida colaboração e participação crítica do/a próprio/a estudante (VOSER, 2014, p. 60; VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 80-81).

Por exemplo, em estudos em escolinhas de Futsal, Brauner e Voser observam uma prática pedagógica tradicional, centrada na competição, no êxito e na seletividade, incidindo numa *iniciação precoce* (VOSER, 2014, p. 61). Esta não é uma regra geral, no entanto, historicamente foi esse tipo de prática pedagógica que foi preferida para ser implementada em diversas escolinhas ao longo do país.

2.3.3 Os Métodos de Ensino

Sendo muito sucinto, "*Método*" pode ser conceituado como "[...] uma forma de proceder no ensinar para facilitar a aprendizagem de um conteúdo específico" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 83). Assim, falar de "método" pode passar a ideia de que se trata de algo como uma "técnica do fazer, um conjunto de regras ou princípios normativos rígidos para dirigir o ensino dos conteúdos". No entanto, não trabalhamos com uma ideia assim. Trata-se de uma concepção muito mais flexível. Quando falamos de métodos, estamos nos referindo a uma "atitude intelectual que busca identificar, na heterogeneidade das aulas, formas de mediação que facilitem a aprendizagem dos alunos, ainda sabendo que não é possível conseguir o artifício universal para ensinar a todos todas as coisas" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 77).

Portanto, antes de mais nada, há de se ter a noção que os *Métodos de Ensino* não podem ser considerados um mero "receituário de atividades", uma "lista de novos exercícios e de novos jogos". Mais do que isso, uma Metodologia deve "[...] fornecer elementos teóricos para a assimilação consciente do conhecimento, de modo que possa auxiliar o professor a pensar autonomamente" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 10). Nesse sentido, é importante termos em mente que:

A apropriação ativa e consciente do conhecimento é uma das formas de emancipação humana. Por isso mesmo, o domínio de conhecimentos permite ao professor tomar consciência de que não é um livro que o ajudará a enfrentar os problemas da sala de aula, mas sua própria reelaboração dos conhecimentos e de suas experiências cotidianas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 10).

Assim, justamente por todo esse dinamismo e pluralidade de vivências, que "[...] a aula é um fenômeno vivo, capaz de nos surpreender (negativa ou positivamente), gerando situações inusitadas, o que de forma nenhuma justifica a ausência de um planejamento prévio, mas reconhece a sua insuficiência diante da dinâmica do acontecer da aula" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 76).

Dito com outras palavras:

— Não existem "receitas prontas"!

Não existe um "se acontecer aquilo, devo necessariamente fazer isso...". Não importa se é um livro, um TCC, uma Dissertação de Mestrado ou uma Tese de Doutorado. Nenhum trabalho acadêmico nos dará respostas "prontas e acabadas". O processo de ensino-aprendizagem é dinâmico e em constante transformação! Cada turma, cada ambiente, cada aula e cada professor/a produzirá um novo contexto em si, com o qual cada docente terá de lidar com distintos, diferentes e fascinantes desafios – se assim nos permitirmos.

Além disso, permeando as nossa Metodologias, não podemos deixar de levar em conta que "[...] uma habilidade corporal envolve, simultaneamente, domínio de conhecimentos, de hábitos mentais e habilidades técnicas" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 44). Portanto, o tempo pedagogicamente necessário no processo de ensino-aprendizagem ao

desenvolvimento de um determinado conhecimento teórico-prático não pode ser deixado em segundo plano durante o planejamento de nossas atividades docentes; dependendo da Metodologia empregada, para cada uma serão necessárias adaptações em relação a esse tempo.

Olhando para as aulas em que se ensinam esportes, identificamos, no mínimo, três elementos-chave: a) as tarefas; b) a intervenção do/a professor/a (o que o/a professor/a comunica); e c) o papel que é atribuído ao estudante durante esse espaço-tempo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 77). Na sequência, veremos esses elementos.

a) As tarefas

A seleção, criação e adaptação das tarefas propostas pelo/a professor/a durante a aula (exercícios, educativos, jogos, dribles) é um processo fundamental para oferecer aos estudantes experiências de movimento significativas que oportunizem aprendizagem. Elas devem envolver dificuldades, esforço e/ou prazo determinado. Entendemos a tarefa como uma ferramenta que não pode ser em si classificada como “boa” ou “ruim”, e sim como adequada ou inadequada aos propósitos para a qual foi selecionada (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 80).

Aprender a “ler” as tarefas é fundamental. A experiência que elas oferecem são as que possibilitam a aprendizagem (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 80). Atrelado a isso está a importância de saber quando uma determinada atividade se "esgotou", ou seja, quando é o momento de trocá-la ou de se fazer alguma variação, adaptação ou evolução na mesma.

b) A intervenção do/a Professor/a

O relacionamento entre professor/a e estudante – ou treinador/a e atleta, dependendo do caso –, é um dos pontos mais importantes do processo de formação do indivíduo. Dentro desse processo de relação, os/as professores/as desempenham papel de pais/mães, amigos/as, conselheiros/as e, para muitos, de ídolos e exemplos de vida. O/a professor/a pode ser visto como um exemplo dentro e fora da quadra (VOSER, 2014, p. 20).

Outro elemento fundamental, quando pensamos o Ensino, é o papel que desempenhamos, enquanto docentes, durante as aulas. Em grande parte, a nossa intervenção é mediada pelo que comunicamos verbalmente, ainda que, particularmente na Educação Física, muito também se diga pelo corpo (gestos, posturas, tonicidade muscular) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 80). Todos esses elementos

[...] participam dessa estética de conhecimento e formação. Os gestos, a entonação da voz, o caminhar pela sala, a postura – podemos fazer tudo isso sem estar conscientes o tempo todo de seu aspecto estético, de seu impacto na formação dos alunos, através do ensino (FREIRE; SHOR, 1986, p. 76).

Desta maneira, podemos estabelecer, pelo menos, quatro grandes momentos durante uma aula (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 80-81):

- i. Organizar o trabalho: vincula-se com o propósito de que a aula aconteça (explicar como os grupos realizarão o trabalho, de que forma a quadra será ocupada, qual tarefa será desenvolvida);
- ii. Motivar os/as estudantes: atenção especial destinada aos estudantes em geral ou em particular, buscando que se envolvam na realização das tarefas propostas;
- iii. Disciplinar estudantes que não observam as orientações da aula e/ou do trabalho: trata-se de inibir comportamentos que atrapalhem o andar da aula e o empenho da turma com o trabalho;
- iv. Instruir: refere-se aos processos orientados explicitamente a auxiliar as/os estudantes a apreenderem os conteúdos da aula. A instrução pode ocorrer por meio de quatro formas típicas: explicação, demonstração, orientação e indagação.

Obs.: Falamos de instruir e não de ensinar, porque nos referimos às intervenções diretamente vinculadas com o conteúdo objeto da aula, entendendo que o ensinar é um processo mais amplo que também atravessa as outras dimensões da intervenção durante a aula (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 81).

É necessário compreendermos que a nossa intervenção durante a aula é fundamental. As tarefas em si têm pouco “feito” se a experiência não for acompanhada de informações

e/ou reflexões sobre os conteúdos que se pretendem ensinar com a sua realização. As/os estudantes, eventualmente, podem fazer diversas vezes a mesma ação e o comportamento tático individual continuar o mesmo, caso não haja um processo de reflexão sobre o que se fez e faz em aula (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 82).

Porém, permeado a todo esse processo, não podemos nos esquecer de estabelecer um vínculo afetivo com a turma, oferecendo apoio e segurança. Manter a motivação, quando não se tem a turma 'do seu lado', pode ser uma tarefa muito mais difícil do que se pode imaginar. Talvez um dos maiores desafios que quase sempre estará presente para o nosso trabalho enquanto professoras/es de Educação Física seja justamente o modo de lidar com tantas diferenças culturais, sociais e cognitivas. Como agregar todo mundo na mesma atividade sem excluir ninguém? Isso é possível? São questões que devem sempre estar envolvidas em nossos planejamentos. Logo, se uma turma não está receptiva para uma determinada atividade proposta, cabe ao professor/a torná-la mais atrativa, dinâmica, motivando a turma ou instruindo melhor. Não podemos ficar "engessados" por um 'Plano de Aula' se ele não estiver funcionando. Temos de alterá-lo, adaptá-lo, se for o caso, a fim de que a turma aceite o convite para participar da aula e, então, possamos atingir os objetivos propostos com o nosso trabalho.

Até porque, como se sabe em educação, as mensagens, ideias, pensamentos, teorias e ensinamentos mais relevantes e complexos que o professor quer que os seus alunos aprendam e entendam, devem ser apresentados e comunicados de modo que o mais importante seja a culminância da aprendizagem e, principalmente, no sentido de que o conteúdo abordado seja facilmente entendido (TENROLLER, 2015, p. 15).

Algumas possibilidades de intervenção do/a professor/a também se dão no quesito relacionado ao incentivo à reflexão e à verbalização dos discentes sobre o que fazer e quando fazer o que se tem para fazer no jogo (intervenção que favorece a indagação) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 84). Sinteticamente, "as perguntas realizadas pelo professor devem ser bem formuladas e conseguir orientar a reflexão dos alunos sobre o tema da aula", além disso, "as indagações devem levar o aluno a focar sua atenção sobre o que está sendo ensinado" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 84). Para estimular a verbalização durante as aulas, uma possível (dentre várias) estratégias é estabelecer que os discentes desempenhem os papéis de árbitro e técnico durante o desenvolvimento das tarefas (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.

86). Todavia, mesmo com estas estratégias, uma turma continuará, na maior parte das vezes, por deveras heterogênea. Assim,

É também fundamental pensar em estratégias para lidar com as diferenças de desempenho entre colegas de uma mesma turma, especialmente quando o trabalho se baseia em tarefas com interação entre adversários. Neste ponto, é fundamental lembrar que, em um processo de aprendizagem, uma tarefa cumpre seu papel quando está em um nível de dificuldade compatível com as possibilidades dos alunos. Se for demasiado difícil, o praticante não terá êxito em sua realização e, portanto, não aprenderá. Inversamente, se não for desafiadora, o aluno não será exigido a alcançar novos níveis de desempenho e também não aprenderá. Em ambos os casos, é possível que os alunos se desmotivem com a proposta. Uma das estratégias que permite lidar com a diferença de nível intraturma em favor da aprendizagem é a composição de grupos homogêneos (o máximo possível) que promova desafios aos alunos de acordo com o nível de dificuldade próximo de suas possibilidades de desenvolvimento e superação. Essa organização dos alunos é denominada grupos de trabalho (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 87).

Ainda em relação a essa questão das diferenças de desempenho, é relativamente comum que, para a realização de um jogo, dois ou mais estudantes sejam eleitos para escolher os times. Nesse caso, é muito frequente que os mais habilidosos sejam escolhidos primeiro e os menos habilidosos tenham que passar pelo constrangimento de serem preteridos e, às vezes, alvo de comportamento desrespeitoso dos colegas. Se a turma, além disso, for composta também por meninas, isso costuma ser acentuado (por uma série de questões culturais relacionadas ao gênero que são históricas, algumas inclusive já elencadas aqui quando falamos sobre a 'História do Futsal'). A intervenção do/a professor/a, nesses casos, é imprescindível. O ponto não é fazermos um discurso moralista (nem seria muito produtivo), mas problematizar a situação, colocando situações do cotidiano e fazendo arranjos de aula (com alterações de regras e papéis nos jogos) de maneira que os/as próprios/as estudantes possam fazer experiências (viver também corporalmente) concretas de solidariedade e respeito às diferenças (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 93). A questão, talvez, seja de olharmos por um outro lado: buscarmos aproveitar ao máximo as capacidades das/os estudantes e desenvolver as suas potencialidades, em vez de apenas focarmos em suas possíveis limitações.

Precisamos estar extremamente atentos para o surgimento de situações de aula em que se expressam ações e atitudes de injustiça e desrespeito. Elas devem servir como uma oportunidade pedagógica para problematizar esses comportamentos, fazendo dessas atitudes

um tema de aula – além do mais, isso é mais do que evidente caso entendermos a busca por uma educação integral das/os estudantes (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 93).

Portanto, podemos apresentar alguns exemplos concretos de situações ricas para a reflexão, tais como as seguintes (VOSER, 2015, p. 42):

- Como se dá a escolha das equipes antes do jogo?
- Observa-se a inclusão e a diversidade?
- Durante o jogo, como são estabelecidas e respeitadas as regras?
- Existe cooperação e respeito durante a aula?
- Ocorreu alguma situação de *fair play* durante o jogo?

Além disso,

Também sempre tento fazer eles [as/os estudantes] se descobrirem como sujeitos. Fazê-los pensar além de suas capacidades e possibilidades. Fazê-los enxergar além, para terem uma visão de mundo maior e não limitada. Engana-se quem pensa que a aula de Educação Física é apenas um momento dos alunos relaxarem da carga horária de matérias teóricas ou ficarem na quadra "jogando bola" (VOSER, 2015, p. 65).

Outro papel de vital importância em uma aula de Educação Física que um/a professor/a deve sempre cuidar e, em hipótese alguma, jamais negligenciar, é o aspecto da segurança das atividades.

Durante uma aula de educação física, portanto, os cuidados dos professores devem ser redobrados quanto aos aspectos de segurança dos seus alunos envolvidos nas aulas práticas, em especial nas atividades de disputas e de jogos corpo a corpo. Apesar da atenção quanto a esta possibilidade, os problemas/acidentes acontecem das mais diferentes maneiras e quando menos 'se espera' (TENROLLER, 2015, p. 54).

Para além disso, precisamos refletir sobre a ação "correta" ou a 'melhor possível' que estiver à nossa disposição, para podermos lidar numa situação de acidente, caso ela ocorra – pois, um dia, certamente irá acontecer.

Afinal,

Lidar com seres humanos, independente da faixa etária, do local e do contexto é estar diante de uma infinidade de possibilidades tão extraordinária que não podemos ter a pretensão de sabermos exatamente como fazer e como lidar para antecipar-se ao problema [embora possamos – e devemos! – tentar], seja ele qual nível for, do fácil ao complexo, e assim, como se fosse uma fórmula de química, física ou matemática, pudéssemos resolvê-lo, ou até evitar que ele aconteça (TENROLLER, 2015, p. 94-95).

Observamos que exercer a função de professor/a requer muitos conhecimentos e habilidades. Assim, invariavelmente, ao comunicar-se verbalmente, é necessário que o ambiente esteja sem a concorrência de outros sons, de ruídos, de falas paralelas e de barulho para que as mensagens sejam apreciadas pelos ouvintes. Infelizmente, praticamente em todas as ocasiões, nós, professoras e professores, não conseguimos escolher o melhor ambiente ou os/as estudantes que saibam escutar e esperar a vez para ter a palavra. É uma (des)construção constante esse espaço de diálogo e está diretamente relacionado, entre inúmeros outros fatores, às posturas de educação dos/as estudantes em saberem e conseguirem praticar a escuta, de estarem 'dispostos a escutar' e não somente a falar, para que um diálogo efetivo possa ser estabelecido entre professor/a e estudante. Por isso, não são poucas as vezes que exercemos as nossas atividades letivas elevando o tom de voz para que consigamos ser "notados" (ainda que não necessariamente o suficiente para sermos entendidos) por toda a turma que está à nossa frente (TENROLLER, 2015, p. 113). As pessoas ficam estressadas em ambientes com poluição sonora. Imagina ter que viver e trabalhar sem proteção para os ouvidos e ter que sobrecarregar as cordas vocais durante várias horas e vários dias (TENROLLER, 2015, p. 117). Nesse sentido, um importante instrumento que pode vir em nosso auxílio é o uso do apito. Devemos ressaltar a sua importância e de outros recursos para preservarmos a nossa voz, a fim de que ela dure até o fim do nosso dia de trabalho.

Parece fácil? Parece difícil? Para tudo isso, ainda é necessário empatia, sensibilidade e ver de modo diferente – de modo (ainda) não visto. Esse parece ser o efeito mais importante e impactante para entender os/as nossos/as estudantes caso a caso (TENROLLER, 2015, p. 71). Além de formação sólida e contínua, precisamos desenvolver em nós mesmos muitas habilidades, determinação, sensibilidade, perseverança, agudeza de espírito e perspicácia, sem esquecer de "ter sangue frio" diante de algumas adversidades e surpresas (TENROLLER, 2015, p. 80). Precisamos estar dispostos a aprender, estar abertos aos aprendizados e prestar atenção aos ensinamentos que a vida nos traz quando menos esperamos.

Em suma: "a forma de realizar o ensino e a qualidade do conhecimento disponibilizado pelo professor faz toda a diferença na hora de aprender" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 82), pois trabalhamos com seres humanos em "contínuas e infinitas possibilidades de desenvolvimento, de formação e de autoformação" (TENROLLER, 2015, p. 17). Mas, para tanto, cada professor/a deve construir a sua própria identidade enquanto docente (de)formador/a de consciências, contribuindo para a formação de *sujeitos políticos históricos, críticos e ativos no processo de construção coletiva do conhecimento*.

c) O Papel do/a Estudante

Dentre diferentes tipos de caracterizações, as mais básicas colocam o/a estudante ora numa posição passiva (reprodução), e ora é levado à posição ativa (participar nas decisões e ações durante a aula) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 82).

O "papel passivo" é quando toca ao estudante apenas 'reproduzir' o que o/a professor/a propõe como modelo a seguir. Aprender, nesta perspectiva, basicamente significa "oferecer uma resposta com as mesmas características daquilo que foi colocado como a forma adequada" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 82-83). Sob esta perspectiva, não há espaço para a criatividade e a liberdade, assim como não se permite o desenvolvimento de autonomia, independência e nem criticidade durante as aulas.

Por outro lado, o "papel ativo" significa elaborar as suas "próprias respostas" sobre aquilo que a/o estudante está aprendendo; "a procurar, com base na experiência, a elaboração e testagem de hipóteses, formulação de perguntas e respostas para as dificuldades que o jogo lhe coloca" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 83).

Além disso, também é importante colocarmos o protagonismo dos/as estudantes na resolução dos desafios trazidos pelo jogo, por meio da busca, negociação e testagem de hipóteses sobre as ações de jogo (papel ativo) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 84).

Esses aspectos têm um efeito importante na aprendizagem dos conteúdos, particularmente se pensarmos nos conhecimentos vinculados à dimensão tática. Durante o jogo, não está definido o que o/a estudante deve fazer. Sendo assim, ele/a deverá decidir sua

ação. Assim, se o papel que desempenha durante as aulas é apenas o de reprodutor, as suas possibilidades de sucesso em frente à inevitável escolha serão menores. Além disso, o papel do/a estudante tem implicações também em outras dimensões dos saberes (conceitual e atitudinal) e, portanto, também deve ser levado em conta (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 83).

Métodos de Ensino na Educação Física e no Esporte

Todos os/as professores/as em suas atividades de ensino devem ter conhecimento do processo de aprendizagem e dos Métodos de Ensino a serem aplicados. Por muito tempo, ao abordarmos o tema dos Métodos de Ensino em Educação Física, logo eram referenciados os métodos *global, parcial e misto* (VOSER, 2014, p. 61; SANTINI; VOSER, 2012, p. 13).

Posteriormente, outros termos e métodos foram surgindo como global em forma de jogo, confrontação, série de jogos, entre outros tantos. Na verdade, a palavra "método" refere-se ao *caminho* a ser percorrido para se alcançar os objetivos propostos (VOSER, 2014, p. 61; SANTINI; VOSER, 2012, p. 14).

Com base na didática, cada professor/a, partindo de diretrizes metodológicas seguras e atualizadas, pode e deve organizar o seu próprio método. O bom professor ou professora é aquele/a que busca constantemente um método melhor e mais adequado a seus estudantes, respeitando a realidade, o momento e, principalmente, suas características individuais (VOSER, 2014, p. 61-62; SANTINI; VOSER, 2012, p. 14).

Na Educação Física escolar, a utilização de diferentes metodologias nas aulas, possibilita que os alunos vivenciem diversas experiências; conheçam os limites de seu corpo, aprendam a trabalhar em grupo e a tomar decisões, e a fazer escolhas, entre outros. É possível aprender habilidades sociais que podem ser generalizadas para a vida, como: tolerância a frustração, busca por objetivos, disciplina, respeito à diversidade, superação, cooperação, altruísmo, autoconhecimento e muitos outros comportamentos (VOSER, 2015, p. 42).

É importante frisar que cada método tem suas vantagens e desvantagens, mas todos são operacionais, e nenhum é desprezível. Cabe salientar que os procedimentos didáticos pedagógicos do/a professor/a também influenciam a qualidade das aulas e, conseqüentemente,

a motivação do/a estudante. O/a professor/a que leva a sério o que faz, que alia a sua competência técnica ao compromisso de ensinar, que desperta a criatividade e conduz as/os estudantes à reflexão, certamente não terá uma turma desinteressada ou desanimada. O docente desta área, sob certos aspectos, leva grande vantagem sobre os demais componentes curriculares, pois a Educação Física, por si só, costuma ser uma prática motivadora entre os discentes, em boa parte das vezes (VOSER, 2014, p. 62; SANTINI; VOSER, 2012, p. 14). Não que apenas isso seja o suficiente; não obstante, é todo um conjunto de fatores que se inter-relacionam no processo educacional. Desta maneira, quanto mais elementos desses fatores nós dominarmos e utilizarmos em nossas aulas e planejamentos, as chances de garantirmos um aprendizado efetivo e consistente tornam-se um pouco maiores.

Compreender um Método de Ensino é pensar em caminhos e perceber que os significados mais comuns estão relacionados à maneira de ordenar ou organizar uma ação em busca de um objetivo. Em se tratando de Esporte, o Método de Ensino trata do caminho que se percorre para ensinar e inserir os/as estudantes em suas práticas. Mas quem está envolvido com o processo de ensino dos esportes deve ter conhecimento de sua complexidade, especialmente pelas relações existentes em seu contexto – estudante-bola, estudante-espaco, estudante-alvo, estudante-companheiro, estudante-adversário, estudante-regra, entre outras (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 15).

Nos **Modelos Tradicionais** de ensino dos jogos desportivos coletivos, é enfatizada a aprendizagem dos elementos técnicos do jogo, e estes são apresentados e exercitados em situações descontextualizadas. Nessa perspectiva, o domínio dos fundamentos técnicos específicos é visto como mais importante do que os elementos táticos do jogo. A esse respeito, Garganta (2002, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 15-16) afirma que desde os anos de 1960 a didática dos jogos desportivos coletivos repousa numa análise formal e mecanicista de soluções preestabelecidas, centradas no ensino por meio de sucessões de gestos técnicos, empregando-se muito tempo no ensino da técnica e muito pouco ou nenhum no ensino do jogo propriamente dito.

Segundo Tavares (2013, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 16), a insatisfação com as limitações decorrentes do **modelo técnico**, centrado no domínio da execução, antes de passar à tática, tem motivado a procura de abordagens alternativas. Assim, segundo o autor, um conjunto de investigações realizadas por vários autores interessados em

demonstrar a validade do ensino do jogo, tendo a tomada de decisão como elemento central, permitiu confirmar as críticas endereçadas à abordagem técnica e a necessidade de contextualizar as aprendizagens baseando-se no jogo tal qual o/a estudante joga.

Existem diferentes formas didático-metodológicas de ensino dos jogos desportivos coletivos, decorrentes de diversas interpretações, sofrendo a influência de várias correntes. Segue, logo a seguir, uma classificação dos diferentes métodos de ensino dos esportes a partir de três grupos com características didático-metodológicas particulares (GARGANTA, 1995, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 16-17).

➤ Forma Centrada nas Técnicas (Solução Imposta):

- O aprendizado acontece pelo ensino das técnicas analíticas para o jogo formal.
- Características: Das técnicas analíticas para o jogo formal; o jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible); hierarquização das técnicas (primeiro a técnica A, depois a B, etc.).
- Consequências: Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas; comportamentos estereotipados; problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).

➤ Forma Centrada no Jogo Formal (Ensaio e Erro):

- O aprendizado acontece pela utilização exclusiva do jogo formal.
- Características: Utilização exclusiva do jogo formal; o jogo não é condicionado nem decomposto; a técnica surge para responder à situação global não orientada.
- Consequências: Jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia tática; soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas.

➤ Forma Centrada em Jogos Condicionados (Procura Dirigida):

- O aprendizado acontece por meio do jogo para situações particulares.

- Características: Do jogo para as situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente; os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
- Consequências: As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada; inteligência tática: conecta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e da criatividade nas ações de jogo.

A nossa compreensão sobre a relevância do "jogo" no processo de ensino e aprendizagem do Futsal nos levará a pautar a proposta conhecida como *Jogos Condicionados*. Por outro lado, cabe destacar que o aprendizado dos esportes – e, neste caso em específico, do Futsal – não se esgotará exclusivamente por meio de *Jogos Condicionados* (os quais abordaremos melhor mais adiante). Assim, deve o/a professor/a considerar, quando julgar adequado, a possibilidade da utilização de variados métodos, inclusive aqueles centrados nas técnicas ou no jogo formal em situações específicas. Ou seja, não há um método que responda a todas as exigências do processo de ensino, cabendo a nós, professoras e professores, a tarefa de sistematicamente julgar qual é o mais adequado a cada momento (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 18). Mais uma vez:

— Não há "*fórmula mágica*"!

Para além disso, seguem algumas dicas importantes para o sucesso no desenvolvimento de uma aula (SANTINI; VOSER, 2012, p. 14-17; VOSER; GIUSTI, 2002, apud VOSER, 2014, p. 62-63). Não significa que elas, por si só, serão suficientes (uma espécie de "macete universal"). Todavia, acreditamos que, sem elas, o nosso trabalho será muito mais árduo. Seguem aí as dicas:

- ✓ Estabelecer vínculo afetivo com os/as estudantes;
- ✓ Proporcionar apoio e segurança;
- ✓ É necessário que as/os estudantes se sintam seguras/os e desinibidas/os para participarem de todas as atividades. Oferecer um ambiente livre de tensões, mantendo, assim, um clima propício para a aprendizagem;
- ✓ Usar o reforço positivo;

- ✓ Manter a motivação da turma e o seu interesse pelas atividades, sabendo a hora de trocá-las;
- ✓ Trabalhar com as diferenças, assegurando a participação de todos e todas as/os estudantes;
- ✓ Incentivar, principalmente, os/as estudantes que têm dificuldades, elogiando-os/as a cada conquista, e deixando para aqueles/as que possuem mais facilidade o compromisso de auxiliar no compartilhamento da sua experiência;
- ✓ Promover a convivência entre meninos e meninas;
- ✓ Estimular a interdisciplinaridade, fazendo uso de um trabalho integrado com as demais disciplinas;
- ✓ Contemplar, por meio da metodologia indicada no período de iniciação, as características, necessidades e interesses da criança. O lúdico, a recreação e as atividades pré-esportivas são bem indicados;
- ✓ Torna-se importante elaborar atividades de acordo com o interesse das crianças, observando e não permitindo as manifestações de cansaço, impaciência e desinteresse;
- ✓ Atentar para a adaptação da criança ao jogo, permitindo a sua relação com o espaço, com a bola, com os/as colegas e com os/as adversários/as;
- ✓ Enfatizar as capacidades motoras;
- ✓ Oportunizar uma variedade de experiências motoras, bem como um contato com vários tipos de objetos em diferentes espaços, proporcionando, assim, a conscientização do próprio esquema corporal;
- ✓ As atividades desenvolvidas deverão propiciar a sociabilização, a integração e a autoestima;
- ✓ Mostrar-se organizado, apresentar os objetivos no início da aula e sempre finalizar com atividades calmantes, tais como brincadeiras, alongamentos e, principalmente, uma conversa final abordando os fatos ocorridos (positivos e negativos). Ao final, as/os estudantes devem ajudar o/a professor/a a recolher o material utilizado na aula;
- ✓ A linguagem utilizada deve ser objetiva e de fácil compreensão;
- ✓ Explicar e demonstrar a atividade, quando necessário;
- ✓ Participar efetivamente das atividades;
- ✓ Incentivar as/os estudantes à criação e à reformulação de regras;
- ✓ Considerar o contexto e o interesse da turma;

- ✓ Perceber quando a atividade perdeu a motivação (se "esgotou") ou quando o grau de exigência está muito elevado;
- ✓ A individualidade de cada criança deve ser respeitada;
- ✓ Deve-se, também, estar atento à progressão dos exercícios, partindo sempre do simples para o complexo, e do fácil para o difícil;
- ✓ O/a educador/a deve auxiliar a desenvolver o gosto de aprender e de se aperfeiçoar, principalmente para despertar o interesse da criança pela prática esportiva;
- ✓ É preciso avaliar o desenvolvimento psicomotor dos/as estudantes que são mais desenvolvidos fisicamente, mas que, na realidade, possuem a mesma capacidade mental das outras crianças de sua idade. É necessário estar atento à maturidade motora e mental (emocional) das crianças;
- ✓ Faz-se necessário dar atenção a fatores externos que possam interferir no andamento do trabalho proposto. O maior exemplo a ser citado é a pressão que pais/mães/responsáveis exercem sobre seus filhos e filhas ao tentar satisfazer seus próprios desejos de infância ou projetando um futuro promissor para a criança no esporte. É indicado conversar com os responsáveis e mostrar a eles o que esse tipo de ação pode acarretar na criança;
- ✓ Manter reuniões periódicas com os/as demais professores/as e pais/mães/responsáveis, apresentando a metodologia utilizada.

Por fim, deve-se ter em mente que a criança não é um adulto em miniatura. Na fase inicial de ensino-aprendizagem esportiva temos que ter paciência e muita dedicação. As atividades devem ser direcionadas ao lúdico e à aquisição da melhoria dos aspectos psicomotores. Portanto, é necessária uma proposta pedagógica que seja eficaz quanto às necessidades e aos interesses da criança. Deste modo, o esporte de base deverá propiciar o prazer, criando, assim, experiências positivas fundamentais para que, quando adultos, possam incluir a prática esportiva como um hábito saudável de vida (VOSER, 2014, p. 63; SANTINI; VOSER, 2012, p. 179-180). Nunca nos esquecendo, obviamente, da parte crítica do ensino que permeia toda a nossa atividade docente.

Atividades Pré-Desportivas e Recreativas para o Ensino Desportivo

Nestas atividades, os fundamentos técnicos do desporto são apresentados de forma pré-desportiva e recreativa, aumentando a motivação das crianças ao mesmo tempo em que abrem canais para o aprendizado. Dentro desse enfoque pedagógico, não podemos esquecer da "ideia central do jogo", bem como é necessário ter em mente as "ações do jogo" que estão sendo desenvolvidas, pois serão elementos básicos para a elaboração dessas atividades. Outro aspecto a considerar é que essas atividades deverão apresentar baixo grau de dificuldade e regras simplificadas. Nesse contexto, a participação da criança na confecção do material alternativo a ser utilizado em algumas dessas atividades, como bolas de papel, de meia, bastões de papel, cones de garrafas de refrigerante, entre outros, deverá, dentro do possível, fazer-se presente (VARGAS NETO; VOSER, 2001, p. 84).

A Metodologia "Global-Funcional" para o Ensino dos Jogos Esportivos

Uma possibilidade é a metodologia que propõe o ensino-aprendizagem dos esportes utilizando uma abordagem global-funcional. Essa metodologia proposta enfoca os "jogos", sejam eles recreativos, pré-desportivos, situacionais (GRECO; BENDA, 2006, apud VOSER, 2015, p. 23) ou condicionados. São métodos de ensino que enfatizam os aspectos tático-cognitivos do esporte, a compreensão tática, a importância do entendimento do jogo e da tomada de decisão.

O método centrado "no jogo", diferentemente do analítico-sintético, não é dividido em fundamentos técnicos (passe, condução, etc.), e sim, em unidades funcionais, criando etapas de ensino correspondentes aos diversos níveis de relação. Segundo Garganta (1995, apud VOSER, 2015, p. 23), teremos:

- **Eu – bola:** Familiarização com a bola e seu controle;
- **Eu – bola – alvo:** Objetivo do jogo, finalização;
- **Eu – bola – adversário:** Atenção sobre a oposição existente no jogo, conservação da posse da bola, busca do objetivo, drible, 1x1;
- **Eu – bola – colega – adversário:** Desmarque, passe, contenção, jogo 2x2;

- **Eu – bola – colegas – adversários:** Criação e anulação de linhas de passe, coberturas, penetração, 3x1, 3x2, 3x3;
- **Eu – bola – equipe – adversários:** Jogo formal, aplicação dos princípios do jogo.

Os Jogos Condicionados

Os jogos para o desenvolvimento da inteligência tática ou atividades direcionadas ao desenvolvimento das capacidades táticas básicas ("*Jogos de Inteligência*") têm por finalidade a compreensão da lógica do jogo, a compreensão do jogo na sua visão tática, o que fazer para obter melhores resultados, o que fazer para superar o adversário, o que fazer para ganhar uma partida, etc. (KRÖGER; ROTH, 2002, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 19).

Os Jogos de Inteligência são jogos propostos particularmente nos jogos esportivos coletivos, a fim de melhorar a capacidade de jogo dos/as estudantes por meio de regras simplificadas ou modificadas (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 19).

Portanto, os Jogos Condicionados são jogos de regras simplificadas ou modificadas, em que podem ser alterados o tipo de bola, o número de jogadores (também com curingas e/ou com apoios), as traves, as dimensões da quadra, estabelecer uma situação de superioridade numérica ou se pode, até mesmo, enfatizar algum componente da técnica ou da tática. O objetivo desses jogos é promover a compreensão dos componentes do jogo pela prática de situações reais (VOSER, 2014, p. 149; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 19; VOSER, 2015, p. 24).

Criam-se alternativas em que a finalidade é repetir essas circunstâncias por diversas vezes. Nesse modelo, o/a estudante/atleta executa e aprende os objetivos propostos, mas também pratica o desporto Futsal e suas relações, ou seja, ataque, defesa, fundamentos técnicos, regras etc. (BALZANO, 2007, apud VOSER, 2014, p. 149; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 19; VOSER, 2015, p. 24).

Segundo Garganta (1998, apud VOSER, 2014, p. 149; VOSER, 2015, p. 24-25), são jogos voltados para o todo, em que as relações das partes são fundamentais para a compreensão da atividade, facilitando o processo de aprendizagem da técnica. As ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada (GARGANTA, 1995, apud VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 19).

Conforme a lógica dessa proposta, para ensinar qualquer jogo desportivo coletivo, o processo deve estar centrado nos *Jogos Condicionados*, em que, do jogo, parte-se para as situações particulares. O jogo é decomposto em unidades funcionais (e não em movimentos técnicos), e o seu desenvolvimento ocorre de forma sistemática e com uma complexidade crescente (VOSER, 2014, p. 149; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 20; VOSER, 2015, p. 25).

Tem-se, como consequência dessa proposta, o aparecimento das técnicas em função da tática (ação desencadeada em função da lógica do jogo), de forma orientada e provocada (pelas situações de jogos). Há, também, o surgimento da inteligência tática, que nada mais é do que a correta interpretação e a aplicação dos princípios do jogo, por meio de uma viabilização criativa da técnica nas ações do jogo (VOSER, 2014, p. 150; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 20; VOSER, 2015, p. 25).

Nos jogos desportivos coletivos o problema fundamental que se coloca ao indivíduo que joga é essencialmente tático. Trata-se de resolver as situações-problema que ocorrem durante o jogo, várias vezes e simultaneamente, cascatas de problemas não previstos *a priori* na sua ordem de ocorrência, frequência e complexidade (VOSER, 2014, p. 150; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 20; VOSER, 2015, p. 25).

O que temos de ter bem nítido é que

Os esportes com interação requerem dos participantes a permanente tomada de decisões sobre como se comportar diante da situação que a dinâmica de jogo cria a cada instante, modificando as condições para atingir os objetivos imediatos (por exemplo: progredir para o campo de ataque quando de posse da bola, com a marcação direta do adversário e sem uma linha de passe de apoio), buscando concretizar o objetivo do jogo (marcar mais pontos/gols que o adversário). Desse modo, a tática individual é a adaptação consciente da ação em frente a situações nas quais se enfrenta a oposição de um

adversário, escolhendo o que fazer para obter sucesso na atuação (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 44).

Assim, quando tratamos de *Jogos Condicionados*, essa tomada de decisões pode ser ampliada e maximizada de tal forma que tira o/a jogador/a de sua zona de conforto, devido a criar jogos que não são habituais, além de que esses jogos sempre podem ser adaptados para o objetivo que se quer atingir.

Essa prática tem as seguintes vantagens (VOSER, 2014, p. 150; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 20; VOSER, 2015, p. 25):

- ✓ Proporciona um aprendizado prazeroso, inteligente e eficaz;
- ✓ Serve para o aquecimento ao treino ou à aula;
- ✓ Aprendizado do jogo por meio de situações reais;
- ✓ Trabalha o coletivo;
- ✓ Desenvolve a parte coordenativa;
- ✓ Estimula a tomada de decisão;
- ✓ Favorece a leitura do jogo;
- ✓ Estimula a visão periférica;
- ✓ Estimula o cognitivo;
- ✓ Desenvolve a técnica individual;
- ✓ Desenvolve os aspectos táticos;
- ✓ Desenvolve a capacidade técnica e tática de forma simultânea;
- ✓ Estimula o espírito competitivo.

Didática para a execução dos Jogos Condicionados (VOSER, 2015, p. 26):

- Material apropriado para a realização dos jogos;
- Local demarcado para realizar os jogos;
- Ter claro os objetivos propostos pelos jogos;
- Ao separar as equipes, tentar não repeti-las constantemente;
- Explicações claras a respeito dos jogos;
- Esclarecer as dúvidas que surgirem durante a realização dos jogos;
- Corrigir sempre que necessário os jogos e estimular os/as estudantes;
- Paralisar os jogos se as regras forem violadas;

- Permitir a participação dos discentes na elaboração ou proposição das regras.

O processo de ensino que privilegia a utilização dos jogos, nas suas mais diversas formas, também se sustenta na concepção de que a aprendizagem nas idades mais precoces (a partir dos seis anos) deva centrar-se na perspectiva incidental, ou seja, num ambiente em que a busca por soluções motoras e cognitivas para as tarefas ou os problemas impostos pelo jogo faça parte do processo de aprendizagem (GRECO; BENDA, 1998) (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 21).

Por outro lado, cabe destacar que a utilização dos jogos, especialmente nos primeiros anos da formação esportiva (a partir dos seis anos), deve ser acompanhada do trabalho específico do aprimoramento das habilidades motoras fundamentais (correr, saltar, lançar, receber, etc.) isoladas e posteriormente combinadas, evoluindo para o seu desempenho em ações cada vez mais próximas às exigências das modalidades esportivas (habilidades técnicas) (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 21).

A utilização do jogo formal (5x5 em quadra inteira) também merece reflexão. Apesar de suas limitações no processo de ensino do Futsal (alta complexidade), o jogo formal irá fazer parte do dia a dia de qualquer intervenção pedagógica que se proponha. Tal fato se justifica a partir da necessidade e da cobrança demonstradas pelas/os estudantes em jogar o "jogo real". Por outro lado, ao ser comparado com jogos em estruturas e formatos menores, precisamos ter ciência de que o potencial de aprendizagem do/a estudante iniciante (criança) diminui devido às dificuldades de efetiva participação no jogo para uma parte considerável dos discentes (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 22).

É fato (a prática nos mostra) que alguns estudantes (melhores dentro daquele contexto) tendem a monopolizar o controle da bola e as ações do jogo. Em jogos menores e/ou com regras específicas, maiores serão as chances de todo mundo se envolver no jogo do ponto de vista técnico e tático. Nesse sentido, o jogo cumpre o papel de formação para todas e todos os envolvidos (VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2016, p. 22).

2.3.4 As Dimensões de Ensino

Dentro do processo de ensino-aprendizagem em Educação Física, é importante a consideração de que são envolvidos aspectos de conhecimento, habilidades e atitudes. Em toda aula, o Ensino do Futsal deve levar em conta as condutas sociais dos/as estudantes nas suas mais diversas manifestações, tendo a expressão corporal como uma linguagem. Deve-se levar em conta a observação, análise e conceituação de elementos que compõem a totalidade da conduta humana e que se expressam no desenvolvimento das atividades (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 74).

Assim, o Ensino de Futsal pode ser subdividido, apenas para fins didáticos, em três dimensões. Delimitaremos, a partir de agora, cada uma delas.

I) Dimensão Conceitual de Ensino

É o "[...] eixo que abarca os saberes relativos ao conjunto de dados e conceitos que descrevem e explicam diferentes aspectos relativos a essa prática corporal sistematizada (saber sobre)" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 49). Nesta dimensão estão centrados os aspectos teóricos dos conteúdos, os quais deverão ter alguma relação, direta ou indireta, com os conhecimentos práticos que se relacionam com eles. Os "saberes conceituais" reúnem as informações, ideias e teorias que nos permitem compreender melhor os fenômenos em estudo.

É possível identificar dois tipos de conhecimentos, em consonância com os aspectos estudados sobre o Esporte. O primeiro é denominado "conhecimento técnico", que articula os conceitos e fatos necessários para o entendimento das características e o funcionamento dessa prática corporal sistematizada em uma dimensão mais operacional, o que pode ajudar a entender melhor o desenrolar das modalidades. Esse conhecimento conceitual está fortemente atrelado às descrições permitidas pelas análises da lógica interna do esporte. Aqui pode ser estudado, por exemplo, como se classificam os esportes de acordo com os princípios táticos, as demandas orgânicas geradas por diferentes modalidades, mas também por conhecimentos vinculados à modalidade (o que se cobra e como se dá continuidade a uma partida após uma falta) e à gestão do jogo (forma como se preenche uma súmula) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 57).

O segundo tipo de conhecimento conceitual foi denominado “conhecimento crítico”, o qual estuda o lugar que o esporte ou determinada modalidade ocupa em contextos socioculturais específicos. Em linhas gerais, essa dimensão do conhecimento lida com temas que permitem aos estudantes analisarem as manifestações da Cultura Corporal em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou, às razões da sua produção e transformação, à vinculação local, nacional e global. Além disso, contempla a reflexão sobre as possibilidades que as/os estudantes têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar onde moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos em tal configuração, os aspectos socioculturais que atravessam seu desenvolvimento, entre outros (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 57).

Os saberes conceituais, como descritos, referem-se a conhecimentos sobre os esportes. Além de auxiliar na melhora das possibilidades dos/as estudantes participarem nos jogos, é fundamental que sejam desenvolvidos conceitos que lhes permitam conhecer melhor as modalidades (conhecimentos técnicos), como conhecimentos que lhes deem elementos para entender o fenômeno esportivo na sociedade (conhecimentos críticos) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 114). Algumas possibilidades de temáticas a serem trabalhadas na dimensão conceitual de ensino estão elencadas logo a seguir.

Conhecimentos conceituais técnicos

Os conhecimentos conceituais técnicos devem auxiliar no entendimento ampliado do fenômeno esportivo e podem ser desenvolvidos a partir dos seguintes pontos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 57-58):

- a) conceito de esporte;
- b) transformação de jogos em esporte;
- c) lógica interna e externa;
- d) categorias e tipos de esportes;
- e) regras esportivas (aspectos formais, limites das ações de jogo e metarregras);
- f) elementos de desempenho esportivo (técnica, tática individual, combinações táticas, sistemas de jogo, estratégia, capacidades físicas, capacidades volitivas);

- g) relação entre categorias de esportes e demandas dos elementos de desempenho esportivo;
- h) papéis (subpapéis) dos/as jogadores/as nos diferentes tipos de esportes;
- i) nomenclatura e características das técnicas dos diferentes tipos de esporte e nomenclatura e características das intenções táticas, combinações táticas e sistemas de jogo das modalidades com interação entre adversários;
- j) atores do esporte institucionalizado: técnico/a, árbitro/a, dirigente;
- k) avaliação e orientação do desempenho esportivo;
- l) condução e organização de equipes durante uma competição;
- m) arbitragem de modalidades esportivas;
- n) auxílio na arbitragem de modalidades esportivas;
- o) organização clássica e alternativa de torneios e campeonatos.

Conhecimentos conceituais críticos

Dados, informações, ideias e teorias sobre um fenômeno não devem ser apresentados de maneira estanque, separados de suas condições de produção, do tipo de sociedade em que são gerados e recebidos, de sua relação com outros conhecimentos. Com os conhecimentos de esporte não poderia ser diferente. Nessa linha, os conhecimentos conceituais críticos estão diretamente vinculados à ideia de contextualização, a qual deve operar, pelo menos, em três níveis diferentes (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 58-59):

Contextualização sincrônica

- a) origem do esporte e das modalidades estudadas;
- b) contexto de institucionalização.

Contextualização diacrônica

- c) mudanças do esporte e das modalidades estudadas ao longo dos anos: “globalização” do esporte, profissionalização, mercadorização, instrumentalização política;
- d) transformação do equipamento esportivo (segurança, desempenho, mercadorização).

Contextualização contemporânea

O esporte e a modalidade estudada, no mundo:

- a) a prática esportiva formal ou institucionalizada;
- b) a prática esportiva no tempo livre;
- c) grupos sociais envolvidos (praticantes, espectadores) com as modalidades esportivas estudadas e marcadores sociais (gênero, classe social, nível de escolaridade, renda, etnia/raça);
- d) consumismo e grifes de material esportivo;
- e) dinâmica esportiva contemporânea: surgimento e desaparecimento de modalidades no mundo, Brasil, realidade local.

O esporte e a modalidade estudada, na cultura corporal local:

- a) envolvimento/acesso da população em práticas esportivas;
- b) organização, condições socioeconômicas e estrutura física para a prática esportiva.

Manifestações do esporte (rendimento e participação):

- a) esporte espetáculo e mercado:
 - o esporte como profissão: o profissional do Futebol, ídolos esportivos e mercado consumidor, “pé de obra” barato no futebol brasileiro.
- b) mídia e esporte:
 - a construção de representações sociais sobre o esporte;
 - esporte e negócios;
 - mercado, publicidade e esporte.

- c) relações entre esporte, saúde e aprendizagem de valores sociais positivos:
 - esporte de alto rendimento e saúde;
 - doping;
 - violência.
- d) Megaeventos Esportivos:
 - Copa do Mundo;
 - Jogos Pan-Americanos;
 - Jogos Olímpicos.
- e) torcedor: gosto, paixão, fanatismo:
 - torcidas e violência;
 - torcida, mercadoria e mercado.

Esporte Participação:

- a) práticas esportivas de lazer como direito, gestão pública e esporte, alternativas locais/regionais para acesso às práticas esportivas;
- b) sentidos e significados atribuídos à prática esportiva no tempo livre (esporte participação):
 - a contaminação do espírito do esporte de rendimento no esporte de lazer;
 - formas de organização para a manutenção do espírito lúdico no esporte participação;
- c) características dos espaços físicos disponíveis, possibilidades de acesso, agentes sociais envolvidos (poder público, sociedade civil, iniciativa privada).

Ainda em relação aos *conhecimentos conceituais críticos*, poderíamos tecer algumas reflexões sobre as regras do jogo e suas possíveis mudanças, tomando como base diferentes assuntos. Por exemplo, poderiam ser colocadas questões do tipo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 121):

- A) Se o Esporte se adapta para atender aos interesses da mídia, poderia ser adaptado para atender a outras necessidades/interesses? Poderíamos, por exemplo, adaptá-lo para atender às necessidades/interesses de nossa turma?

- B) Se as mudanças nas regras (por questões técnicas) do Basquetebol são com base nas modificações na forma de jogar dos homens, as regras para as mulheres deveriam mudar também?
- C) Em algumas modalidades esportivas, as regras (particularmente as vinculadas aos equipamentos) para homens e para mulheres não são as mesmas. No Basquetebol, sim. Será que isso está certo?
- D) O Basquete de rua tem regras diferentes do Basquete oficial? Será que está certo?

II) Dimensão Procedimental de Ensino

É o "[...] eixo que reúne os conhecimentos que se produzem/constroem/manifestam com base na experiência/ação corporal, o saber fazer" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 49). É a "parte prática" da aula. Nesta dimensão a preocupação costuma estar associada ao aspecto motor, aos ditos "saberes corporais". Porém, temos de levar em conta que, na verdade, uma terminologia um pouco mais adequada deveria, no mínimo, utilizar o termo cognitivo-motor, visto que as nossas ações práticas deverão estar sendo guiadas pelos conteúdos teóricos – também por isso que se diz uma aula "teórico-prática", e não somente prática (uma aula exclusivamente prática não seria uma 'aula', seria um 'jogar pelo jogar'). Exemplo: aprender a desmarcar-se para receber a bola de um companheiro durante o ataque num jogo de Futsal é um tipo de saber que permite desenvolver a competência de usar essa prática esportiva de forma proficiente e autônoma em atividades recreativas, no contexto de lazer (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 50).

A análise da lógica interna dos esportes nos permite identificar a “natureza” das modalidades que ensinamos e, conseqüentemente, reconhecer os conhecimentos dos quais as/os estudantes necessitam para se saírem melhor em sua prática. Sinteticamente, podemos afirmar que os conhecimentos sobre os saberes corporais dos esportes de invasão se reúnem em quatro categorias: tática individual, habilidades técnicas, combinações táticas e sistemas de jogo – não estão consideradas, nessa descrição, as capacidades físicas e volitivas, nem as estratégias de jogo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 50).

Assim, devemos "[...] priorizar atividades que ampliam as oportunidades de desenvolver aspectos cognitivos, psicomotores e socioafetivos, com jogos cooperativos e recreativos principalmente" (VOSER, 2015, p. 71), para além de somente atividades de caráter competitivo e/ou focadas no individualismo dos/as estudantes.

III) Dimensão Atitudinal de Ensino

Por fim, e, talvez, até a mais importante das dimensões, pois permeia as outras duas e está intrinsecamente relacionada a todo o processo de ensino-aprendizagem. Aqui temos os valores sociais, normas, atitudes. Abrem-se caminhos para se trabalhar questões de ética e moral. Dentro da dimensão atitudinal de ensino teremos possibilidades para a formação de condições que, eventualmente, farão aflorar conflitos nas relações pessoais entre as/os estudantes. Nessas situações, cabe ao/à professor/a a oportunidade de abordá-los, de modo a orientar a turma para as questões do coletivo e das regras necessárias à convivência social (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 47).

Essa "terceira dimensão de saberes", por se referir às atitudes, valores sociais e normas, irá necessariamente atravessar qualquer processo de ensino. Entretanto, diferentemente dos outros saberes, esses conhecimentos dependem mais do "caldo de cultura" gerado no universo das aulas pelo/a professor/a do que do ensino formal ou intencional. "Isso não significa que as atitudes, valores e normas não possam ser tematizados com ênfase na dimensão conceitual que eles comportam, mas é importante ter em conta que é insuficiente ficar apenas nessa dimensão. O aspecto afetivo e o da ação são tão importantes quanto a discussão" (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 50).

A Escola, como a Educação Física, não se limita (e nunca o fez) a ensinar somente saberes conceituais e corporais. A instituição educativa, como parte da sociedade, integra um sistema cultural, o qual tende a "transmitir" os valores que o permeiam. O ensino sempre afirma um modelo, influenciando em determinado sentido, de modo sistemático e duradouro. Fatos, dados, conceitos, regras sobre os esportes podem ser esquecidos, mas as disposições morais, éticas, políticas que a Educação Física ajuda a introjetar quando ensina seus conteúdos são mais profundas e a desaprendizagem ou reaprendizagem dessas atitudes implica longos períodos e grandes esforços. Assim, quando trabalhamos em nossas aulas,

devemos perguntar quais são as atitudes, valores e normas que estamos ajudando a construir (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 59-60).

A Escola deve contribuir para uma formação cidadã, produzindo sujeitos capazes de produzir a democratização da sociedade, que consiste na conquista, pelo conjunto da população, das condições materiais, sociais, políticas e culturais por meio das quais se possibilite a ativa participação de todos e todas na direção de uma sociedade mais justa, plural, igualitária e democrática (LIBÂNEO, 1992, apud GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 60).

Professores e professoras ajudam a formar estudantes nessa perspectiva quando trabalham sobre valores como a solidariedade, igualdade e liberdade, empenhando-se em questionar atitudes pautadas pelo preconceito e pela intolerância. Para ensinar esse tipo de saberes, além da possibilidade de abordar os valores e atitudes sob o ponto de vista conceitual/cognitivo, é necessário pautar o convívio nas aulas em princípios gerais que primem pelo bem viver coletivo e, conseqüentemente, pelo favorecimento de valores importantes para o exercício da cidadania. Dessa forma, entende-se que a Educação Física, além dos princípios que compartilha com as demais disciplinas, pode pautar o envolvimento dos/as estudantes nas aulas em orientações como as que seguem (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 60-61):

- a) participar das práticas esportivas estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando o nível de conhecimento, as habilidades físicas e os limites de desempenho de si mesmo e dos outros;
- b) evitar qualquer tipo de discriminação quanto à condição socioeconômica, à deficiência física, ao gênero, à idade, à nacionalidade/regionalidade, à raça/cor/etnia, ao tipo de corpo etc.;
- c) repudiar qualquer espécie de violência, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade nas práticas esportivas;
- d) argumentar de maneira civilizada perante os/as colegas, funcionários/as, professores/as, equipe diretiva, pais/mães/responsáveis, especialmente quando se deparar com situações de conflito geradas por divergência de ideias, de

credo, de posição política, sobre preferência estética, sexual, partidária, clubística;

- e) contribuir de maneira solidária no desenvolvimento de tarefas coletivas (práticas ou teóricas) previstas para serem realizadas na turma e em grupos;
- f) reconhecer e valorizar a aplicação dos procedimentos voltados à prática segura em diferentes situações de aprendizagem nas aulas de Educação Física;
- g) saber lidar com as críticas construtivas feitas por colegas, funcionários/as, professores/as, equipe diretiva, pais/mães/responsáveis e percebê-las como oportunidade de aprimoramento pessoal e do convívio em comunidade.

Contudo, cabe lembrar que toda esta "divisão" do ensino é apenas uma simplificação para fins didáticos. Nos processos de ensino-aprendizagem ela não acontece de fato. Isto é, saberes conceituais, procedimentais e atitudinais estarão sempre em constante interação e inter-relação. Quando isso não ocorre com certa harmonia e periodicidade, temos um desequilíbrio no ensino, podendo resultar em aulas teóricas demais e pouco críticas ou em uma 'prática só pela prática', sem uma reflexão sobre os conteúdos trabalhados.

2.4 Práxis Pedagógica

A Práxis

A "*práxis*", em nossa concepção, pode ser entendida com uma "unidade dialética entre teoria e prática" (FREIRE, apud FERNANDES, 2019). Compreendemos a '*Dialética*', resumidamente, como *um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam à formulação de outras ideias [Tese (Proposição/Afirmação) + Antítese (Oposição/Negação) = Síntese (Conclusão) -> Nova Tese + Nova Antítese = Nova Síntese -> (...)] [Configura-se em um processo na forma de uma 'Espiral Cíclica de Superação']*. Ou seja, a '*práxis*' não é somente teoria, nem apenas ativismo; é mais do que uma 'prática reflexiva', uma 'prática aliada à teoria' ou uma "ação e reflexão" (*reflexão-ação-reflexão*). Em outras palavras:

Práxis é uma atuação que é informada pela teoria e impacta a realidade de forma a informar a teoria também. E, assim, a *práxis* é uma atuação que confronta contradições, e resolve contradições. A gente age, a gente reflete; a gente reflete sobre a nossa ação. A gente pega essa reflexão e a usa para orientar a nossa ação de novo (FERNANDES, 2019).

A *práxis*, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela (FREIRE, 1982, p. 40).

Nisso está a importância de que a nossa prática não seja desconectada com a nossa teoria, e vice-versa. Sem *práxis*, a prática não tem a capacidade de enxergar por si só e seguir adiante. Há uma tendência de que a nossa consciência prática entre em contradição com a nossa consciência teórica quando não estão em um processo de *práxis*. Por outro lado, uma teoria estaria incompleta sem a sua prática correspondente, além de poder ser problemática. Uma teoria sem prática ficaria ultrapassada rapidamente, estaria desconectada da realidade e poderia gerar leituras de mundo com certo potencial de erro ou até mesmo problemas mais graves ainda. Por isso a importância da teoria dialogar com a prática, estar presente na realidade concreta das pessoas – e também ser formulada e elaborada pela classe trabalhadora, a fim de se produzir uma 'consciência de classe'. A teoria é muito relevante, mas tem de estar estruturada em um processo de *práxis* (FERNANDES, 2019).

Desta forma, nem um diletante jogo de palavras vazias – quebra-cabeça intelectual – que, por não ser reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem ação pela ação. Mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada (FREIRE, 1982, p. 57).

Nós pegamos uma "teoria" (por vezes, advinda de outras teorias e/ou embasada em muita prática) para ser utilizada com a intenção de construirmos a nossa 'prática' atual. Todavia, após esse momento, teremos um movimento de retomarmos ao que deu certo e errado na prática, confrontar com o que tínhamos de teoria, para que, assim, possamos construir novas teorias e práticas daqui para frente. Deste modo, estaremos agindo com base em uma teoria, refletindo sobre a nossa ação, para que, enfim, possamos reformular teorias com a finalidade de agir novamente, intervindo na realidade, em um eterno processo de crescimento e amadurecimento de ideias.

Em suma, caracterizaremos a *práxis*, neste trabalho, como uma "*relação dialética de unidade entre teoria e prática*" (uma forma de interação que articula teoria e prática, envolvendo de forma ativa 'saber' e 'ação').

A Práxis Pedagógica

Levando-se tal definição para a nossa atuação docente, no âmbito educacional, podemos caracterizar a "Práxis Pedagógica" como um processo pelo qual uma teoria, lição ou habilidade é executada em sua relação dialógica com a prática, de maneira a se converter em parte da experiência vivida por seus praticantes. Nesse processo, a teoria está se modificando constantemente com a experiência prática, assim como a prática deverá se modificar/adaptar com a teoria, conforme as duas vão se desenvolvendo. É um processo simultâneo, concomitante, no qual as ideias podem – e, frequentemente, devem! – ser postas à prova e experimentadas no 'mundo real', sendo seguidas, necessariamente, de uma contemplação reflexiva. Isso impede, automaticamente, que uma teoria se transforme em uma espécie de 'dogma', ao mesmo tempo que impossibilita as nossas práticas de se cristalizarem em uma alienação. Deste modo, os conceitos abstratos que trabalhamos em aula podem se ligar com a realidade vivida por cada um/a em suas próprias especificidades.

Dito de outra maneira, a '*Práxis Pedagógica*' é um *processo cíclico de aprendizagem experimental*, no qual uma teoria se confronta com a sua prática, uma validando e/ou refutando a outra em constante aprimoramento e aperfeiçoamento, sem nunca chegarmos a algo em definitivo, sempre havendo possibilidade para se melhorar o que temos construído em termos de teoria ou de prática.

Desta maneira, a *Práxis Pedagógica* não pode ser reduzida somente à questão didática ou às Metodologias de Ensino. Analogamente, não podemos conceber uma relação dicotômica entre teoria e prática. É importante que possamos vê-la e entendê-la como estando intimamente articulada com a Educação, como prática social, não esquecendo que o conhecimento também é uma produção sócio-histórico-cultural.

Mas, e então, qual é o problema com as nossas Universidades?

Pensando em uma aula qualquer, podemos ter uma grande profusão de cenários: desde receber estudantes regulares, especiais ou com deficiência; de diferentes idades, tamanhos ou níveis de maturação; com poucos ou muitos materiais à disposição; com uma estrutura adequada ao nosso trabalho ou não; com estudantes participativos, desafiadores ou com dificuldades de aprendizado; tudo em uma mesma turma, eventualmente. Porém, temos a impressão que a faculdade não nos proporciona subsídios necessários e suficientes para lidar com todos esses casos. Mas, por quê?

Dentre alguma hipóteses, temos chegado a algumas dúvidas que podem explicar, pelo menos em parte, o nível do nosso problema:

- ❖ Haverá um afastamento ou mesmo uma desvinculação entre teoria e prática em nossas disciplinas acadêmicas?
- ❖ Há falta de conhecimento dos/as professores/as das Universidades perante as realidades escolares?
- ❖ Estariam as/os docentes universitários em alguma espécie de 'isolamento' dentro dos meios acadêmicos, presos em "bolhas" que as/os impedem de ver as possíveis e distantes realidades com relação à Escola?
- ❖ Existiria um distanciamento entre o que é aprendido na Universidade e a realidade prática docente?

O que temos notado, em muitos desses casos, é que o conhecimento acaba sendo produzido longe das salas de aula, por pesquisadores, acadêmicos, escritores de livros didáticos e comissões oficiais de currículo, mas não é criado e recriado pelos/as estudantes e pelos/as professores/as em sala de aula (FREIRE; SHOR, 1986, p. 14). Porém, a partir do que vivenciamos empiricamente em nossa profissão, podemos nos perguntar:

Como posso escapar aos discursos e regimes de verdade? Isto é, como posso pensar e agir fora da lógica? Fora das normas estabelecidas? Fora das verdades que são entendidas quase como "inquestionáveis"? Em suma, refletir sobre o meu fazer é apenas um pequeno passo. Um pequeno passo em direção a novas possibilidades de fazer de outro modo, de outra forma que não fiz. De outro jeito que não pensei... (TENROLLER, 2015, p. 36).

Independentemente disso, cremos que o que falta é precisamente a conexão dialética da teoria com a prática em forma de *Práxis*, como a que defendemos aqui. Só então que, enfim, poderemos perceber que é somente quando exercemos a docência que vamos realmente aprender a como lidar com as múltiplas e diversas situações que nos aparecerão cotidianamente durante as nossas rotinas de trabalho docente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (METODOLOGIA)

Como mencionado no Capítulo 1. **Introdução**, dispus-me a realizar uma análise por meio de uma observação na disciplina de "*Esporte II - Futsal (EFI04333)*", em 2018/01.

Considerando o Plano de Ensino da disciplina de Futsal, podemos dividi-lo – apenas para fins de análise – em três grandes Blocos/Módulos (vide *Cronograma* da disciplina, em *Plano de Ensino*; contido no *Anexo A*). Obviamente, esta é uma divisão arbitrária e não se configura como uma cisão ou ruptura na estrutura da disciplina durante o semestre. Por outro lado, serve apenas, no nosso caso, para melhor delimitar os tempos/espacos que estamos lidando e tentar elucidar a forma como a disciplina foi pensada e é aplicada na prática. Sendo assim, estes Blocos/Módulos são:

1.º Histórico, Iniciação, Fundamentos do Futsal (teoria e prática):

Conduzido pelo professor Voser e pelo monitor Diego

[06/Março/2018 a 19/Abril/2018];

2.º Apresentações dos Planos de Aula (teoria e prática):

Conduzido pelos/as discentes

[24/Abril/2018 a 22/Maio/2018];

3.º Regras, Sistema e Tática (teoria e prática):

Conduzido pelo professor Voser e pelo monitor Diego

[24/Maio/2018 a 28/Junho/2018].

A saber, será justamente durante o Bloco/Módulo 2 que foi realizada esta pesquisa/estudo.

Observação: Embora possa já estar evidente no decorrer do trabalho – e, talvez, seja até óbvio nesta altura do que estamos apresentando –, gostaríamos de explicitar que nos focamos na análise da parte 'prática' das aulas de Futsal (ou 'teórico-prática', se formos mais rigorosos em seu tratamento). Quanto às aulas de caráter exclusivamente teórico, ainda que não tenhamos nos detido a este estudo, conjecturo que os processos de ensino-aprendizagem que envolvem a nossa pedagogia e os métodos de ensino equivalentes sejam análogos aos desenvolvidos nas demais disciplinas escolares e/ou acadêmicas, por exemplo. Esta é apenas

uma hipótese da nossa parte, de modo que não nos preocuparemos em analisá-la por não ser o foco deste TCC.

Neste período – Bloco/Módulo 2 –, a proposta é que as Práxis Pedagógicas de Aula sejam construídas e estruturadas pelos/as estudantes na disciplina de Futsal, com a supervisão e o apoio do monitor e do professor regente da disciplina. Deste modo, para além dos encontros presenciais – aulas teóricas e práticas – e da nossa presença física – seja antes, durante ou após as aulas –, disponibilizamos diversos outros materiais de apoio e auxílio, tais como:

- ✓ Livros;
- ✓ Slides das aulas;
- ✓ Fotos;
- ✓ Vídeos;
- ✓ Programas de computador;
- ✓ Artigos científicos;
- ✓ Textos acadêmicos;
- ✓ Planos de Aula;
- ✓ Plano de Ensino da disciplina;
- ✓ Websites da internet (site de Futsal do Voser e conta no YouTube);
- ✓ Página (Voser) e Perfil (Diego) de Facebook e Instagram;
- ✓ Meios eletrônicos: Contatos de e-mail (Voser e Diego);
- ✓ Telefones pessoais: Celular/WhatsApp (Voser, Diego).

Eventualmente, temos leves alterações no Cronograma da disciplina. Porém, toda e qualquer modificação é prontamente informada e enviada às/aos estudantes pelos meios eletrônicos convenientes (pelo *Portal do Aluno* da UFRGS, por intermédio da *Sala de Aula Virtual*).

Um exemplo de mudança ocorrida foi quando a Universidade suspendeu as suas aulas em virtude da justíssima **Greve dos Caminhoneiros** e, posteriormente, **Petroleiros**. Com isso, o nosso Cronograma estendeu-se por mais alguns dias para além do inicialmente acordado na primeira semana de aula. A Greve dos Caminhoneiros se deu entre

21(Seg)/Maio/2018 e 31(Qui)/Maio/2018; já a dos Petroleiros limitou-se a menos dias, começando efetivamente no dia 30(Qua)/Maio/2018.

Também conhecida como "*Crise do Diesel*", por alguns, a Greve fora devido aos reajustes frequentes realizados pela PETROBRAS no preço dos combustíveis, mais especificamente do Diesel, da parte dos Caminhoneiros. Do lado dos Petroleiros, aconteceu por causa do preço do petróleo sendo regulado pelo Mercado Internacional/Externo e graças às Refinarias ociosas, fazendo com que tivéssemos uma subprodução de petróleo propositadamente, com a capacidade de produção nacional sendo subutilizada – o que igualmente contribuía para a elevação dos preços dos combustíveis nas refinarias e postos.

Como principais resultados, 'ganhos' ou "vitórias" da Greve, temos: a redução de R\$ 0,46 no preço do litro do Óleo Diesel (com o subsídio, o Governo fixou o preço do Diesel em R\$ 2,0316 por litro nas refinarias até o fim de Julho); o Presidente da Petrobras, Pedro Pullen Parente, pedindo demissão; a inserção do debate "O Petróleo é nosso!" no calendário da população brasileira; a discussão de alternativas ao Sistema Rodoviário como Modalidade de Transporte de Mercadorias em âmbito Nacional.

Nessa agenda de reivindicações, ainda tivemos um **Ato em Apoio à Luta dos Caminhoneiros e Petroleiros**. Com palavras de ordem como "*Pela redução do preço dos combustíveis e do gás de cozinha!*", "*Fora Temer!*", "*Fora Pedro Parente!*", "*A Petrobrás é do povo brasileiro!*", "*Nossos direitos já!*", "*Não à intervenção militar!*", o povo saiu às ruas em protestos e manifestações generalizadas no dia 28(Seg)/Maio/2018.

Portanto, baseado em tudo o que apresentamos até agora, este projeto de pesquisa/estudo procurará responder ao seguinte **Problema de Pesquisa [Questão Orientadora/Diretriz ("Suleadora")]**:

“A Práxis Pedagógica desenvolvida em uma disciplina de Futsal poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física?”

3.1 Caracterização do Estudo

Método

- Descritivo.

Abordagem

- Qualitativa.

Técnicas de Pesquisa ou Estratégias do Método

- Estudo Exploratório.

Definição Operacional das Variáveis/Constructos

→ Variável/Constructo do tipo: Discreta Nominal.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da Pesquisa foram estudantes de Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS], regularmente matriculados/as na disciplina de "*Esporte II - Futsal (EFI04333)*", em 2018/01.

Contávamos com duas turmas: Turma A (Manhã) e Turma B (Tarde). A Turma A dispunha de um total de 20 estudantes, sendo 8 mulheres e 12 homens. Já a Turma B, esta possuía ao todo 19 estudantes, com 4 mulheres e 15 homens. Não havia qualquer divisão por

sexo/gênero, cor/raça/etnia, orientação sexual ou qualquer outra entre as turmas, sendo elas sempre mistas durante as aulas.

3.3 Instrumentos de Coleta dos Dados

Os instrumentos de Coleta de Dados foram dois, basicamente:

❖ Diário de Campo:

Por intermédio de uma observação direta e sistemática com observador externo (observador não participante do grupo observado);

❖ Entrevista Estruturada para Grupos Focais:

Por meio de um Questionário com questões/perguntas abertas (participação livre e voluntária).

OBS.: Grupo Focal por livre e espontânea vontade – pessoas interessadas em participar do projeto de pesquisa.

3.4 Procedimentos da Coleta de Dados

Em relação ao Diário de Campo, mantive ele sempre comigo em todos os encontros, fazendo as anotações referentes às aulas que considerasse pertinentes ao meu estudo.

Quanto à Entrevista Estruturada para Grupos Focais, esta foi realizada em um único dia, depois de todas as duplas/grupos terem realizado a apresentação de suas aulas.

3.4.1 Instrumento Procedimental (Momentos, Estágios, Fases ou Etapas)

Durante o decorrer do Bloco/Módulo 2 da disciplina de Futsal, podemos caracterizar dois momentos, estágios, fases ou etapas, os quais são:

-> Etapa/Fase 1: Apresentação dos Planos de Aula em Duplas/Grupos de Trabalho, consistindo em:

- Entrega dos Planos de Aula;
- Análise das aulas de cada Grupo (pesquisador fazendo anotações de pontos pedagógicos);
- Debate ao final da aula, seguindo uma determinada ordem de fala:
 - 1.º) Fala da Dupla/Grupo que apresentou;
 - 2.º) Fala da Turma (grande grupo);
 - 3.º) Fala do professor e do monitor/pesquisador.

-> Etapa/Fase 2: Entrevista Estruturada para Grupos Focais (Questionário com questões/perguntas abertas).

- As turmas foram divididas em grandes grupos (4 grupos na turma da manhã – Turma A – e 3 grupos na turma da tarde – Turma B) [As duplas/grupos de trabalho foram separadas].

{Realizada ao final das apresentações, em um único dia após todo mundo já ter ministrado a sua aula em Dupla/Grupo }.

3.4.1.1 Roteiro da Entrevista (Questões da Entrevista Estruturada para Grupos Focais)

Conforme referenciado na Etapa/Fase 2, as turmas foram divididas em grandes grupos (4 grupos na turma da manhã – Turma A – e 3 grupos na turma da tarde – Turma B). Foi proposto que as duplas/grupos que trabalharam juntas durante o semestre sentassem em grupos diferentes, a fim de que ficassem separadas nos grandes grupos.

Com isso, foram desenvolvidas as seguintes questões, sendo apresentadas para que os grupos debatessem e respondessem em conjunto:

- 1) Gostaria que vocês, de forma livre, comentassem o que acharam do momento das apresentações dos trabalhos em nossa disciplina.
- 2) Gostaria que vocês levantassem elementos importantes da Práxis Pedagógica – pontos pedagógicos e estratégias didáticas evidenciadas durante as aulas.

- 3) Agora, pediria a vocês que falassem pontos positivos, além de cuidados e desafios quando aplicados aos métodos de ensino trabalhados: recreativo, analítico, situacional, condicionados e transfert.
- 4) Por fim: a Práxis Pedagógica, desenvolvida ao longo deste módulo da disciplina de Futsal, poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física? De que maneira?

3.4.1.2 Dimensões de Análise

As questões da Entrevista se propunham a abarcar as dimensões de análise elencadas a seguir:

- Disciplina de Futsal contribuindo para o processo de formação de professores/as de Educação Física (Questões 1 e 4);
- Elementos da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula* (Questão 2);
- Pontos positivos, cuidados e desafios ao desenvolver os diferentes métodos de ensino trabalhados* (Questão 3).

* Nas situações das apresentações das Duplas/Grupos.

3.4.2 Divisão das Turmas em Duplas/Grupos de Trabalho

Na primeira aula do Bloco/Módulo 2 da disciplina de Futsal, fora realizado um Sorteio. Desta maneira, por meio de papéis numerados, tivemos a divisão das turmas da manhã (A) e da tarde (B) em duplas/grupos de trabalho, quais sejam:

=> Turma da Manhã (Turma A)

- Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)
- Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)

- ❖ 08(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)
 - Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)

- ❖ 10(Qui)/Maio/2018
 - Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]
 - Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)

- ❖ 15(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]
 - Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)

- ❖ 17(Qui)/Maio/2018
 - Grupo 9 (Tema da Aula: Atividades Recreativas) [Fundamento Livre]
 - Grupo 10 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]

- ❖ 22(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 11 (não teve!):
 - Grupo 12 (não teve!):
 - 🚩 Debate Pedagógico sobre as Apresentações com todo mundo (Grupos Focais).

=> Turma da Tarde (Turma B)

- ❖ 03(Qui)/Maio/2018
 - Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)
 - Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)

- ❖ 08(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)
 - Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)

- ❖ 10(Qui)/Maio/2018
 - Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]
 - Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)

- ❖ 15(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]
 - Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)

- ❖ 17(Qui)/Maio/2018
 - ~~Grupo 9 (Tema da Aula: Atividades Recreativas) [Fundamento Livre]: Não tem!~~
 - Grupo 9 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre] {Único Trio entre todos os Grupos de Trabalho (todos os outros eram Duplas!)}

- ❖ 22(Ter)/Maio/2018
 - Grupo 11 (não teve!):
 - Grupo 12 (não teve!):
 - ✚ Debate Pedagógico sobre as Apresentações com todo mundo (Grupos Focais).

3.4.2.1 Combinações Pedagógicas

Ao longo da disciplina de Futsal, fomos estabelecendo certas 'Combinações Pedagógicas' com as/os estudantes. Algumas já teriam sido levantadas desde o primeiro dia de aula, sendo apenas reforçadas no decorrer das semanas. Ainda assim, a série de combinações delimitadas nas próximas páginas, as quais citamos a seguir, foram todas repassadas

novamente às turmas, antes de começarmos as apresentações das duplas/grupos, de maneira que pudéssemos lembrá-los dos nossos acordos coletivos para o bom funcionamento do semestre:

- A dupla/grupo que apresenta deverá chegar antes para preparar o ambiente de aula (iremos apenas abrir o carrinho do Futsal);
- Cada dupla/grupo será responsável por trazer o seu próprio apito e relógio para cuidar o tempo de aula;
- Ministrante Vs. Apoio: Enquanto o Ministrante da atividade está realizando a sua fala, o Apoio não poderá interferir com fala alguma, sendo vedado aos integrantes da dupla/grupo ministrarem a aula com fala ativa concomitantemente (funções do Apoio: observar de fora e sugerir/informar possíveis modificações durante a aula; preparar os materiais para a próxima atividade; completar alguma coluna/fileira; mas nada que envolva ministrar a atividade);
- A ordem de quem será Ministrante e Apoio é de exclusiva autonomia da dupla/grupo para decidir, podendo ocorrer alternadamente com uma atividade para cada um/a, ou uma pessoa da dupla/grupo ministra as primeiras atividades e vira apoio nas últimas. O importante é que a divisão seja equilibrada, isto é, cada um/a ficando com uma quantidade parecida de atividades, além dessas atividades serem de uma ordem de complexidade semelhante (ou seja, não queremos que uma pessoa fique com Aquecimento e Volta à Calma enquanto a outra da dupla/grupo pegue toda a Parte Principal);
- A dupla/grupo que apresenta deverá fazer/participar das outras aulas do dia (respeito aos/às demais colegas que apresentarão);
- Não ficar "dedurando" o/a colega caso houver problemas de relacionamento entre os/as integrantes da dupla/grupo (resolver os problemas antes!) [Cada dupla/grupo terá a sua nota individual];
- Enviar o Plano de Aula antes para o monitor (podem ser enviadas quantas versões quiserem) [Ao final deste Bloco/Módulo, iremos juntar todos os planos e disponibilizá-los para todo mundo, a fim de que vocês possam ter esse material para consultas futuras];
- Trazer impresso o Plano de Aula no dia da sua apresentação;

- Item essencial para a dupla: "Criatividade!" (para os casos em que o todo planejamento falha...);
- O Plano de Aula poderá ser alterado antes ou durante a aula, conforme a necessidade ou intenção da dupla/grupo.

=> Materiais do Plano de Aula que serão disponibilizados para as aulas (limite máximo que poderá ser utilizado em cada aula):

- ✓ 1 Quadra Poliesportiva (com 2 goleiras);
- ✓ 6 bolas de Futsal;
- ✓ 2 bolas de Vôlei;
- ✓ 6 cones/pratos demarcatórios ("chinesinhos");
- ✓ 2 arcos (bambolês);
- ✓ 15 coletes;
- ✓ Cordas/balões/jornal... (pode trazer, mas é por conta própria);
- ✓ Sugere-se trazer relógio e apito (itens 'obrigatórios' em termos de organização).

=> Partes de um Plano de Aula:

0. *Introdução* (Explicação dos Objetivos da Aula) [1-2 min].

1. *Parte Inicial – Preparação (Aquecimento)* [5-7 min] {1 ou 2 atividades}.

2. *Parte Principal – Desenvolvimento* (15-20 min) {2 a 3 atividades + variações/evoluções}.

3. *Parte Final – Conclusão (Volta à Calma)* [3-5 min] {1 atividade}.

- > Não repetir o que já fizemos – professor e/ou monitor – em aulas anteriores;
- > Não complicar demais nos exercícios (fazer o 'simples');
- > Outro item fundamental: Sincronismo/Harmonia da dupla ("Simbiose");
- > Críticas sempre devem ser "construtivas".

=> Estrutura das Apresentações dos Grupos:

- > Primeira Dupla/Grupo do dia: 25 a 30 minutos.
- > Segunda Dupla/Grupo do dia: 25 a 30 minutos.
- > Debate Final: 30 minutos*.

[Falas nesta ordem: 1.º) Dupla/Grupo; 2.º) Turma; 3.º) Professor + Monitor].

* Nota/Obs.: Há apenas um único Grupo de Trabalho composto por um trio. Desta maneira, devido a isso, este terá o seu tempo máximo de aula aumentado de 25 a 30 minutos para 40 minutos. A saber, tal grupo é da Turma da Tarde (Turma B), do dia 17(Qui)/Maio/2018: '*Grupo 9 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]*'. O trio foi formado para se evitar que uma pessoa ministrasse uma aula sozinha.

=> Acordos preestabelecidos com as turmas no primeiro dia de aula:

- Responsabilidade;
- Compromisso;
- Assiduidade;
- Pontualidade.

4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apenas para relembrar, conforme já fora descrito no Capítulo anterior – **3. Procedimentos Metodológicos (Metodologia)** –, durante o decorrer do Bloco/Módulo 2 da disciplina de Futsal, podemos caracterizar dois momentos, estágios, fases ou etapas, os quais são:

→ Etapa/Fase 1: Apresentação dos Planos de Aula em Duplas/Grupos de Trabalho, consistindo em:

- Entrega dos Planos de Aula;
- Análise das aulas de cada Grupo (pesquisador fazendo anotações de pontos pedagógicos);
- Debate ao final da aula, seguindo uma determinada ordem de fala:
 - 1.º) Fala da Dupla/Grupo que apresentou;
 - 2.º) Fala da Turma (grande grupo);
 - 3.º) Fala do professor e do monitor/pesquisador.

→ Etapa/Fase 2: Entrevista Estruturada para Grupos Focais (Questionário com questões/perguntas abertas).

- As turmas foram divididas em grandes grupos (4 grupos na turma da manhã – Turma A – e 3 grupos na turma da tarde – Turma B) [As duplas/grupos de trabalho foram separadas].

{Realizada ao final das apresentações, em um único dia após todo mundo já ter ministrado a sua aula em Dupla/Grupo}.

Desta maneira, as observações que seguem nos próximos subtítulos foram divididas em dois itens, sendo eles:

- ✓ Observações da Turma: realizadas na Etapa/Fase 1, durante as falas da Dupla/Grupo de Trabalho e da própria Turma como um todo;
- ✓ Observações Pessoais: as quais consistem nas observações do monitor Diego, ou seja, a minha análise do conjunto Aula em si – também realizadas no

decorrer da Etapa/Fase 1. Para tanto, utilizei-me de um *Diário de Campo*, fazendo anotações enquanto as aulas eram ministradas e ao final das mesmas.

4.1 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [03(Qui)/Maio/2018]

4.1.1 Turma da Manhã (Turma A)

4.1.1.1 Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Gostei da nossa aula; tivemos algumas pequenas divergências; dificuldades com o controle do tempo. Primeiro surgiram as atividades analíticas, daí lembramos do que já havíamos feito em aula para tornar a aula mais lúdica – fizemos uma variação da "atividade dos números" com a "cobra condutora".

Ministrante/Apoio 2: A turma ajudou bastante; foi legal; foi tranquilo, o pessoal foi bem. Tentamos fazer progressões, com mesclas de metodologias.

Observações Pessoais

- ✓ Desenvolver a sensibilidade e a percepção de quando a atividade se esgota, seja por cansaço físico/mental ou quando ela não motiva mais por si só (por exemplo, quando todo mundo errar a proposta da atividade -> Finalizá-la!).
- ✓ Utilização de brincadeiras no aquecimento para dar um tom mais lúdico à aula.
- ✓ Delimitação do espaço físico da quadra de jogo.
- ✓ Fizeram variações a partir de uma atividade base.
- ✓ O apoio da dupla auxiliou uma das estudantes em certo momento da aula.

- ✓ Sobre a voz de comando: boa voz, mas seria necessário um pouco mais de envolvimento, de paixão, de "tesão" pelo que estão fazendo (embora fossem se soltando ao longo da aula).
- ✓ Cuidar para que o desafio à turma seja adequado às habilidades que a mesma possa desenvolver em cada atividade (e que seja de acordo com o objetivo da atividade proposta – há atividades para 'provocar' a turma; outras, não...).
- ✓ Dependendo da atividade, usar o apito em vez de ficar sempre repetindo uma determinada palavra – como a que usaram: "troca" –, pois isso pouparia a voz, pensando-se em uma carga de trabalho elevada.
- ✓ Poderia haver um pouco mais de reforço positivo (por exemplo: "Muito bem!"; "Isso!"; etc.).
- ✓ Uso de balões (sugestão/possibilidade): guardá-los para voltar a usá-los na volta à calma, para, então, estourá-los na própria volta à calma.
- ✓ Atividades analíticas, em geral, exigem mais envolvimento e motivação de quem ministra a aula.

4.1.1.2 Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: As atividades fluíram bem, a turma colaborou; tivemos alguns ruídos de comunicação durante a aula (podemos melhorar isso...). Dificuldades: como fazer um aquecimento que já inserisse no fundamento chute. A nossa aula foi bastante analítica.

Ministrante/Apoio 2: Gostei da aula, fiquei feliz com a turma; e já avisar aos colegas que o tempo voa! [A nossa aula foi bastante analítica] Até porque a nossa ideia era fazer em uma Escolinha.

Observações Pessoais

- ✓ Em uma atividade faltou todo mundo de um grupo fazê-la.

- ✓ Um dos integrantes da dupla, enquanto explicava, virava-se de costas para parte da turma.
- ✓ Cuidar o tempo de espera das colunas! Em certo momento, enquanto faziam uma determinada atividade de cunho mais analítico, em colunas, duas pessoas já estavam começando a brincar com a bola antes de voltar, pois a coluna demorava muito até repetir a atividade.
- ✓ Estratégia didática para se dividir a turma: se queremos 3 grupos, enumerar as pessoas com números de 1 até 3, contando: 1, 2, 3; 1, 2, 3; 1, ... Com isso, teremos uma divisão em três grupos da turma feita de maneira razoavelmente aleatória.
- ✓ Ao explicar para a turma: não caminhar enquanto fala; elevar o tom da voz; não ficar distante de quem se fala. De preferência, explicar e depois dispersar o grupo. Se for necessário, pedir para que parem com a bola (exemplo: "*Segura a bola!*"), e só então falar.
- ✓ Sobre a segurança da turma: cuidar com a dinâmica de atividades que exijam maior segurança, como as de chute (se necessário, utilizar o apito para delimitar quando o próximo da coluna pode executar a atividade).
- ✓ Principalmente se for em Escolinha, mas não excluindo as Escolas, dependendo do nível, falar o nome das linhas em vez de referenciá-las apenas por suas cores (por exemplo: "*Não passar da linha vermelha!*" poderia ser dito como "*Não entrar na área!*" – isso faz com que estejamos abordando mais elementos do Futsal).
- ✓ Para atividades com alvos, como os coletes: sempre amarrá-los bem, para evitar que caíam com os chutes e se precise ficar juntando eles durante a atividade.
- ✓ Para aulas em duplas: é fundamental a boa sincronia e harmonização da dupla para evitar os "gaps" entre uma atividade e outra, quando o apoio deveria estar preparando e organizando antecipadamente a próxima atividade a ser realizada pela dupla.
- ✓ Atividades que exijam do cognitivo – como jogos mentais, trava-línguas, formação de frases e/ou palavras relacionadas, contação de histórias, entre outras – são bastante apropriadas para a volta à calma. Porém, cuidar as atividades de caráter eliminatório: em alguns casos, pode acontecer de haver a pouca participação de algumas pessoas, devido à eliminação precoce da

atividade (isso pode atrapalhar até para o controle da turma, pois poucos continuarão a fazê-la enquanto um grande grupo já terá errado e estará fora do jogo).

- ✓ Ainda sobre as atividades que exijam do cognitivo: geralmente, elas propiciam risadas, pois acabam sendo mais lúdicas e diferenciadas em relação ao restante da aula.
- ✓ O apoio deve sempre recolher o material de aula!
- ✓ Fazer variações com o pé dominante e não dominante (desenvolver a lateralidade).

4.1.2 Turma da Tarde (Turma B)

4.1.2.1 Grupo 1 (Tema da Aula: Condução + Passe)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Acho que o mais difícil foi a experiência; ou tu tem o 'dom' ou consegue treinando. Falta em mim a didática. Eu não tenho o lúdico; venho da linha de treinamento físico. Faltou tornar a aula um pouco mais dinâmica... Espero que tenha sido legal pro pessoal.

Ministrante/Apoio 2: Tô no mesmo nível que tu [referindo-se ao comentário anterior do colega de dupla de trabalho], só que, talvez, eu jogue [Futsal] com mais frequência. Acho que foi divertido, mesmo que não tenha saído da maneira como pensado. Acho que foi válido. Dentro do curso, é o segundo trabalho que faço ministrando [uma aula]. Antes eu ficava mais vermelho [com vergonha], não conseguia nem falar. A intenção desse trabalho era também estimular a criatividade. Acho que foi válido a questão de limitar o material [aqui, ele se referia ao limite máximo de material que poderia ser utilizado nas aulas das duplas/grupos, conforme já explicado anteriormente neste trabalho].

Turma 1: Aproveitar melhor o material máximo que dispomos em mãos [para tornar mais dinâmicas determinadas atividades de cunho mais analítico, por exemplo].

Observações Pessoais

- ✓ Volta à calma: adaptar o jogo para se ir diminuindo a intensidade da atividade/aula.
- ✓ Importantíssimo ter o conhecimento para se poder colocá-lo em prática; nesse sentido, as aulas práticas que temos no início da disciplina auxiliam bastante.
- ✓ Utilização da 'palma' para se trocar o sentido em determinada atividade – em vez do uso da fala ou do apito.
- ✓ Pequeno "gap" interatividades devido ao apoio não ter deixado os cones prontos para a próxima atividade.
- ✓ Cuidar para as colunas não fiquem próximas demais nas atividades de caráter analítico.
- ✓ Observar estudantes que fiquem com as mãos nos bolsos, parecendo não estarem dispostos/as a participar da aula.
- ✓ Atividades de cunho analítico: necessário maior envolvimento e motivação da parte dos/as professores/as.
- ✓ Não sair caminhando de costas para a turma e falando/explicando a atividade ao mesmo tempo (importante cuidar a questão da projeção da voz).
- ✓ Possíveis perguntas para saber se a turma entendeu a explicação recém feita: *"Tudo mundo entendeu?"*; *"Podemos começar?"*.
- ✓ Nas atividades analíticas e/ou de estafeta, pode-se fazer a primeira vez sem competição, visando a técnica e a compreensão da atividade. Após todo mundo entendê-la, motiva-se a turma a fazer com mais intensidade ou em sistema de competição.
- ✓ Importante acolher estudantes que, porventura, cheguem atrasados/as, contextualizando a aula e explicando a atividade atual a essas pessoas.
- ✓ Em atividades em regime de competição, às vezes, pode ocorrer a motivação do pessoal sem ser necessário muito envolvimento da parte dos/as professores/as.
- ✓ Evitar perguntas dúbias ou de difícil entendimento, as quais podem ser utilizadas para se sabotar a atividade que pretendemos realizar. Por exemplo:

"Querem fazer mais uma vez ou não? Não?! Vamos fazer mais uma!" (fala de um integrante da dupla de trabalho).

- ✓ Sobre a voz de comando, deve-se ser incisivo em determinados aspectos, por exemplo: *"Podem ou devem colocar os coletes?!"* (questão levantada por um dos estudantes da turma que não estava ministrando a aula, quando da instrução no início de uma das atividades). E, aqui, ser incisivo não é ser grosseiro ou agressivo, mas firme, demonstrando a intencionalidade na fala.
- ✓ Importante o sincronismo da dupla de trabalho para se evitar os "gaps".
- ✓ Importante se atentar para a delimitação do espaço da aula, da quadra de jogo: "Só laranja" (quadra de Vôlei).

4.1.2.2 Grupo 2 (Tema da Aula: Chute)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: O meu maior erro é que eu me coloquei fazendo, e não como professor (pois, como sei, conseguiria fazer melhor, com mais intensidade – queria que fosse mais intenso).

Ministrante/Apoio 2: Agora é metade de uma turma de Escola, mesmo assim é muita gente. E, pra mim, que dei duas aulas na vida, também foi difícil.

Turma 1: É necessário um maior envolvimento dos professores nas atividades de competição [na questão motivacional, principalmente].

Turma 2: Sobre a disposição espacial: dispor as colunas em lugares bem determinados. Explicar bem isso. Delimitar.

Observações Pessoais

- ✓ Sobre a disposição espacial: primeiro se explica, depois dispersamos a turma. A não ser, eventualmente, em atividades mais específicas, que demandam

maior complexidade, as quais serão demonstradas antes de se dar o seu devido início.

- ✓ Importante a evolução de algumas atividades, como as de "bobinho", pois a competição, em boa parte das vezes, traz motivação à turma e alegria para a aula.
- ✓ Cuidar os/as estudantes que são uma espécie de líderes na turma, pois essas pessoas podem ser importantes influenciadoras de comportamentos dentro da aula. Portanto, devem ser trazidas para o nosso lado, valorizando-se a sua participação e incentivando para que sejam motivadoras de suas/seus colegas.
- ✓ Fazer alongamentos articulares em duplas é uma estratégia interessante a se usar para fazer com que a turma interaja com os seus pares, motivando uma maior aproximação e, quem sabe, empatia pelo/a colega.
- ✓ Ao se dividir a turma em dois grandes grupos, uma possibilidade é: "*Pessoal, vou explicar aqui primeiro, depois eu vou praí; mas já vão olhando como é [que se deve fazer]*" (fala de um dos integrantes da dupla).
- ✓ Em relação à dinâmica das atividades, principalmente as analíticas, uma possibilidade é o apoio – e, às vezes, até quem está ministrando – auxiliar na atividade, por exemplo, com a reposição de bolas. Entretanto, na medida do possível, a tendência é fazer com que a atividade possa transcorrer com autonomia ao longo do tempo, ficando a cargo de quem comanda cuidar outros aspectos de segurança, desenvolvimento da atividade, execução dos movimentos, entre outros itens, dependendo da atividade e dos objetivos da mesma.
- ✓ Importante o sincronismo da dupla (ministrante + apoio) para uma boa transição intra e interatividades.
- ✓ Evitar deixar uma bola com algum grupo sozinho se não houver nenhum objetivo já delimitado a esse grupo (senão, pode virar bagunça ou brincadeira fora do contexto da aula). Paralelo a isso, deve-se recolher as bolas ao término de cada atividade, caso elas não sejam utilizadas em seguida (exemplificando o que poderia ocorrer: aconteceu de um dos estudantes chutar a bola de Futsal tentando acertar a cesta de Basquete...).
- ✓ Quando se fazer chutes em alvos à distância, depois de algum tempo, pode-se delimitar que seja na marca do 'Tiro Livre Direto sem Barreira' ("Tiro dos 10 metros"), principalmente se for para Escolinha.

- ✓ Importante se observar, pensar e, se necessário, ensaiar/testar bem a atividade para tentar antecipar possíveis problemas/soluções para a mesma. Nessa linha, também será possível verificar se ela pode se desenvolver adequadamente ou mesmo a sua melhor adequação às partes da aula (Aquecimento, Parte Principal ou Volta à Calma).

4.2 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [08(Ter)/Maio/2018]

4.2.1 Turma da Manhã (Turma A)

4.2.1.1 Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Criamos, planejamos... Mas em teoria é muito diferente da prática. Foi uma experiência muito boa! Acho que faltou o tom de voz; a nossa desorganização também, mas acho que isso tem muito a ver com a questão da experiência do professor. Na Parte Final, o pessoal fez o que foi pedido.

Ministrante/Apoio 2: A gente foi pensando... E é muita ideia! Fiquei nervosa... Não é nervosa, mas me confundi. Agradecer a cooperação de todos. Todo mundo foi muito receptivo. Parece muito mais fácil dar aula para crianças... Pretendíamos fazer uma progressão (Passe; Passe + Chute; Chute). Houve o entendimento da turma. De fato, [faltou trabalhar a questão da lateralidade], mas colocamos no Plano de Aula.

Turma 1: Achei interessante que a distância foi sendo aumentada sem a gente perceber [referindo-se a uma das atividades da aula]. Só faltou trabalhar a questão da lateralidade.

Turma 2: Ponto de destaque: a organização do espaço.

Turma 3: Só acho que faltou motivação, "feedback positivo".

Turma 4: Sim, faltou motivação.

Observações Pessoais

- ✓ Faltou um pouco mais de integração (sincronismo) entre a dupla. Nesse sentido, ajuda bastante simular a atividade antes de colocá-la em prática, testando-a previamente.
- ✓ No Aquecimento, foi feita a atividade "Bobinho". Porém, esta poderia ser um pouco mais lúdica – enfatizaram toques só com um pé e de solado –, já que as próximas atividades seriam mais analíticas. Evolução: duas bolas (Vôlei com a mão e Futsal com o pé).
- ✓ Na voz de comando, é necessário haver envolvimento na aula (mais motivação!).
- ✓ Cuidar o posicionamento em quadra durante as atividades.
- ✓ Importante a progressão dentro e entre as atividades (variações e/ou evoluções).
- ✓ Não se esquecer de posicionar os materiais utilizados em aula (goleira, cones, coletes, etc.) preferencialmente antes de começar a próxima atividade, e não durante a mesma – em boa parte dos casos será obrigatório posicioná-los previamente ao início da atividade.
- ✓ O "gap" que surge intra ou interatividades, às vezes, pode ser falta de entrosamento entre a dupla.
- ✓ Frases que enfatizam e reforçam a ligação entre teoria e a prática: *"Usem a técnica que vocês foram aprendendo durante a aula [para chutar]"*.
- ✓ De preferência, o/a professor/a que está ministrando a aula não deve se envolver diretamente com a atividade executada – salvo algumas exceções, como para uma motivação inicial ou em alguma atividade mais descontraída e que não exija a sua atuação no papel docente –, pois tem outras obrigações (observar gesto motor; cuidar desenvolvimento da atividade; não descuidar da segurança; dar atenção às regras do jogo; etc.). Contudo, em uma Volta à Calma, por exemplo, em geral não haverá grandes problemas em sua

participação na atividade [Comentário que escrevi quando umas das professoras ministrantes da aula (que não era apoio!) se dispôs a atacar de goleira no gol...].

4.2.1.2 Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Alteramos a primeira atividade do Plano de Aula devido ao contexto – planejamos para 22 pessoas, na quadra de Futsal. Percebi que algumas explicações, da minha parte, não foram muito bem compreendidas. Percebi bastante o reforço positivo da minha colega de dupla de trabalho, mas não consegui fazer eu mesma. Mudamos uma das atividades, para termos uma evolução na própria atividade.

Ministrante/Apoio 2: A [atividade] do prendedor fiquei em dúvida se caberia em uma aula – eu, como professora, tomei um "rapa". Algumas atividades poderiam ser perigosas.

Turma 1: Sugestão: delimitar o espaço de cada um/a, com uma linha que não possa ser ultrapassada.

Turma 2: As gurias estão entrosadas entre elas. Pedagogicamente, vocês conseguiram desenvolver o objetivo de vocês.

Turma 3: Achei muito boa a dupla. A motivação, a voz; achei muito boas as atividades.

Turma 4: Devido ao tempo, não deu para fazer o rodízio entre todo mundo [em relação às funções de driblar e marcar].

Turma 5: Achei que faltou um pouco a questão da regra [na atividade do prendedor].

Observações Pessoais

- ✓ Em relação ao posicionamento em quadra: estar sempre se deslocando costuma auxiliar na melhor visualização das atividades, além de diminuir a ansiedade e o nervosismo – para quem se sentir assim durante a aula –, pois pode propiciar o sentimento de pertencimento e até "posse" do pedaço, ajudando a relaxar e dar mais tranquilidade para o momento.
- ✓ Ao se separar a turma em duas colunas iguais, se a intenção com a próxima atividade for formar duplas, desta maneira já teremos as duplas previamente formadas (são automaticamente pareadas, e de forma aleatória), sem precisar perder muito tempo na troca de atividade – basta algo como: *"Agora, olhem para a pessoa ao seu lado, na coluna vizinha, e formem uma dupla com ela"*.
- ✓ Em atividades de duplas, as trocas entre as duplas, durante a atividade, pode servir para se aumentar a motivação ou mesmo para se estabelecer alguma variação.
- ✓ Volta à Calma: mais um jogo de se falar uma palavra e associar com a última palavra dita, além de envolver o fundamento Passe (estimulação do cognitivo) [Palavra relacionada com a última; Formar frases; Começar com a última letra da palavra anterior; Palavra não deve começar com "c" ou "s"].

4.2.2 Turma da Tarde (Turma B)

4.2.2.1 Grupo 3 (Tema da Aula: Passe + Chute)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Eu tinha uma expectativa muito alta. Acredito que as atividades eram boas, se forem bem aplicadas. Acabei me enrolando na explicação, e com a voz de comando – pois estava nervosa.

Ministrante/Apoio 2: Acho que os exercícios foram bons. A quantidade de pessoas em desacordo com o que pensei acabou dificultando para mim. A questão do goleiro... Pra mim,

com goleiro motiva mais. Como me senti: mais a questão de "impor autoridade" [referindo-se à dificuldade que teve em 'controlar' a turma].

Turma 1: A primeira atividade não era bem para um Aquecimento... Além disso, cuidar a progressão de intensidade das atividades.

Turma 2: O jogo fluiu. Foi do simples para o complexo.

Turma 3: Senti falta de alvos, de algo para mirar (já que era Chute o tema da aula).

Turma 4: Mais pessoas no jogo significa, normalmente, menos toques na bola.

Observações Pessoais

- ✓ Uma possibilidade para corrigir isso [de que a primeira atividade não era muito propícia a um Aquecimento] seria o reposicionamento das atividades dentro da estrutura do Plano de Aula. Ou, alternativamente, poder-se-ia fazer uma pequena adaptação na atividade para torná-la um legítimo Aquecimento – visto que mais da metade da turma ficava muito tempo parada.
- ✓ Há muita cobrança das regras por parte dos/as estudantes, dependendo da faixa etária, e sempre tem aquele/a que quer burlar a atividade. Algumas dicas: - dividir os times; - acompanhar o jogo; - parar e fazer intervenções, se necessário.
- ✓ Sempre que possível, na Introdução da Aula, a explicação teórica deve fazer uma contextualização do que será trabalhado.
- ✓ Quando chegam estudantes atrasados/as, após a explicação da atividade, às vezes, poderá ser preciso recompor os grupos ou reorganizar o jogo já estabelecido (situação próxima ao real).
- ✓ Cuidar com as atividade de Aquecimento: estas, em geral, são de intensidade leve a moderada, no intuito de elevar o metabolismo, acelerar os batimentos cardíacos e preparar a musculatura e todo o organismo para as atividades mais intensas da Parte Principal da aula. Além disso, é fundamental que todo mundo

participe do Aquecimento, não podendo haver pessoas paradas e sem se movimentar adequadamente.

- ✓ Estafetas são atividades que costumam ser de fácil adaptação com os fundamentos do Futsal, como Condução, Passe, Domínio, Chute, etc. Sendo assim, não é muito difícil utilizar uma mesma atividade de estafeta como base para se criar uma série de atividades derivadas. Importante: demonstrar uma atividade de estafeta antes de executá-la. Dica: fazer uma ou duas vezes a estafeta apenas para o seu devido entendimento por todo mundo, antes de realizar qualquer competição mais séria entre os grupos.
- ✓ Observar o tema da aula! Por exemplo, se o tema da aula for Chute, teremos de, necessariamente, termos alguma carga considerável de chute durante a aula.
- ✓ Não se esquecer de explicar e perguntar: *"Todo mundo entendeu?"*; *"Podemos começar?"*; *"Então tá!"*; *"Vamos lá, então!"*.
- ✓ Em um Jogo Condicionado mais global, precisamos de: regras bem estabelecidas e delimitadas; bom desenvolvimento da atividade; segurança dos/as participantes. Além disso, apesar de jogos assim serem normalmente 'automotivadores', não devemos descuidar do papel de incitar e motivar, sempre que for preciso.
- ✓ Em uma atividade de caráter mais analítico, devemos observar: o caráter competitivo; precisamos dar mais motivação à turma; fazer a correção do gesto motor (feedback); dar o reforço positivo (para estimular a maior participação); e lembrar as instruções, caso haja alguém "perdido" na atividade.
- ✓ Importante: a não ser em raras exceções ou em atividades já trabalhadas anteriormente, ou mesmo em grupos com altas habilidades e capacidades acentuadas de aprendizado, sempre devemos fazer as atividades progredindo do mais simples para o mais complexo – jamais começar direto por atividades demasiado complexas!
- ✓ Em relação à voz de comando: importante observar a sua projeção, isto é, não falar para baixo ou para o alto, e sim de frente para a turma, tentando projetar o som relativamente paralelo ao solo, além de não dar as costas à turma.
- ✓ Ainda em relação à voz de comando: de preferência, agrupar a turma em círculo quando se for explicar, cuidando para que não fique pessoas atrás no

momento de se falar. O círculo propicia: enxergar todo mundo; controlar melhor a turma; auxiliar no entendimento, até pela questão da projeção da voz.

- ✓ Há atividades, como em uma Volta à Calma feita por meio de cobranças de Penaltys/Pênaltis, em que pode não haver um grande envolvimento e empolgação da turma. Para tanto, quando a turma não colabora, é imprescindível a motivação e o comando de quem ministra a aula.

4.2.2.2 Grupo 4 (Tema da Aula: Drible, Finta, Marcação)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Eu jogava em Futebol de Campo, no qual o tempo para reação é muito maior. Em espaços reduzidos, como no Futsal, é muito mais difícil. Imaginei que haveria mais agilidade e fluidez. Não expliquei muito bem as atividades.

Ministrante/Apoio 2: Faltou um pouco mais de explicação (com as regras); também fiquei nervoso.

Turma 1: Mudaria só um detalhe: tornaria mais simples as atividades...

Observações Pessoais

- ✓ Não se esquecer de fazer uma Introdução às aulas, dando a contextualização das mesmas, com os objetivos pretendidos para o dia – além da realidade (Escola ou Escolinha) e da faixa etária, para o caso da nossa disciplina de Futsal.
- ✓ Sobre a função de Apoio: não esquecer das suas obrigações, como em relação ao posicionamento de cones enquanto o/a ministrante explica determinada atividade...
- ✓ Para atividades que sejam complexas demais, uma possível solução é se fazer pequenas evoluções nas mesmas, até que elas cheguem onde queiramos, com a proposta original da atividade não sendo necessariamente modificada.

- ✓ Atividades que enfatizam o drible/finta/marcação costumam apresentar um caráter mais analítico.
- ✓ Não esquecer de retirar/guardar todo o material que não será mais usado, não deixando nada da atividade anterior em quadra de jogo – a função de Apoio, aqui, é importantíssima.
- ✓ Atividades de Volta à Calma: devem ser atividades de menor intensidade, pois objetiva-se justamente acalmar a turma e prepará-la para voltar à sala de aula ou descansar. Às vezes, pode-se haver pequenos picos de intensidade, mas estes serão extremamente reduzidos e, em geral, somente uma parcela muito restrita e reduzida da turma irá fazê-los por vez. Na Volta à Calma, diferentemente do que acontece no Aquecimento, podem existir pessoas 'paradas'. Entretanto, o ideal é que essas pessoas "paradas" continuem envolvidas com a atividade, de alguma maneira – jogos que exijam do cognitivo ou que obriguem a se sentar no lugar, entre outros, são algumas alternativas para se solucionar esse problema.
- ✓ Jogos Condicionados podem ter alta complexidade e elevado dinamismo, exigindo muita atenção e concentração da turma!

4.3 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [10(Qui)/Maio/2018]

4.3.1 Turma da Manhã (Turma A)

4.3.1.1 Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Estava bem ansioso; conversei com o monitor Diego e surgiram muitas atividades... Teve muita coisa que não conseguimos colocar em prática. A aula foi bem silenciosa; o pessoal respeitou o pedido de silêncio [devido aos deficientes visuais que necessitavam usar mais a audição]. A aula foi menos intensa do que estávamos imaginando.

Ministrante/Apoio 2: Concordo [com a minha dupla de trabalho], a aula foi menos intensa do que estávamos pensando. Acho que, de fato, faltou um pouco a gente explicar como orientar [a turma com relação ao tratamento dispensado aos/às deficientes visuais, de como lidar com essas pessoas durante a aula].

Turma 1: Na parte do jogo, acho que poderia ter um colete para guiar. E, também, faltou orientar melhor como guiar, no início...

Turma 2 (Deficiente Visual): Minha primeira guia estava me puxando pelo braço, então, sim, faltou uma melhor orientação, no início, de como a turma deveria guiar os deficientes visuais. O barulho das bolas na outra meia quadra também atrapalhou um pouco; mas o saco [plástico] na bola auxiliou bastante.

Observações Pessoais

- ✓ Cada turma terá uma reação diferente. Aqui, na disciplina de Futsal, a pessoa se "torna" deficiente visual na hora, no exato instante da aula. Na Escola, talvez seja um pouco mais simples, por um lado, pois a turma já estará adaptada a essa situação de haver deficiente(s) visual(is) em sua realidade.
- ✓ Evitar possíveis confusões entre quem ministra a aula e quem é apoio; para tanto, o apoio não deve se intrometer na fala do/a ministrante da aula [Uma das nossas intenções, com essa ação, é se criar uma figura de referência para a turma sobre quem está ministrando a aula ('o/a professor/a'), além de incentivar o trabalho individual de cada um/a – mesmo que ele seja realizado em duplas/trios, estará atuando sempre como apoio e alternando a sua função conforme a atividade é executada (isto é: ora se é ministrante, em uma atividade; ora se é apoio, em outra atividade da mesma aula)].
- ✓ Utilizadas frases como: "*Todos entenderam?*"; "*Pode começar, então!*"; "*[Tenham] confiança no colega!*"; "*Pode andar mais rápido!*".
- ✓ Em aulas com deficientes visuais, principalmente nas que envolvem alvos, algum chamariz será necessário. Nestas, precisaremos de alguém fazendo um barulho ao lado/atrás da trave do gol, a fim de que o/a deficiente visual possa se guiar pelo som e saiba para onde deve lançar a bola.

- ✓ Um momento que pode ser muito interessante é quando ocorre um gol do/a deficiente visual. Em alguns – ou muitos – casos, há uma comemoração espontânea, com grande alegria de boa parte da turma. Temos empolgação; vem à tona um entusiasmo com uma pequena conquista daquele ser humano.
- ✓ Quando se dividir a turma entre dois jogos diferentes, mas que ocorrem concomitantemente, não esquecer de trocar as equipes nas quadras, a fim de que possam vivenciar o outro modelo de jogo proposto na outra atividade – a qual estará acontecendo simultaneamente.
- ✓ Como o/a deficiente visual se guia muito pelo som, talvez um pedido de maior silêncio, em algumas aulas, seja conveniente para o trabalho que pretendemos desenvolver com a turma.
- ✓ Cuidado: incluir o/a deficiente visual nas atividades adequadamente. Às vezes, ele/a poderá atuar em uma função mais periférica ou de apoio dentro de um jogo. Todavia, há momentos que a sua participação precisa – e deve! – ser valorizada, reconhecida e incentivada, ainda que isso, porventura, acabe desagradando alguns mais competitivos no interior de uma turma.
- ✓ A delimitação espacial (quadra de jogo) é muito importante, ainda mais em casos com deficientes visuais! Faz de suma importância uma explicação que dê elementos propícios a uma visualização mental de como a atividade deve transcorrer. Sem isso, o/a deficiente visual não terá como saber nem ter ideia do que está acontecendo no ambiente do jogo.
- ✓ Uma Volta à Calma com perguntas sobre Futsal, passando a bola em roda/círculo, pode ser uma boa alternativa para o cognitivo e para a revisão da teoria. Além dessas perguntas, podem ser inseridas perguntas aleatórias no meio que nada têm a ver com a temática da aula, com a intenção de descontrair.

4.3.1.2 Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Tentamos trabalhar bem o lúdico, com o tema da nossa aula sendo o Cabeceio. Achei boa a segunda atividade, era mais analítica, mas o pessoal

colaborou, e eu precisei motivar mais. Notei que estava perdendo o controle da turma, na Volta à Calma; não era muito propícia...

Ministrante/Apoio 2: Senti um pouco de resistência [da turma] na primeira atividade [que envolvia balões e dançar em duplas]. Tive o contratempo da bola de Basquete [referindo-se a não ter conseguido uma ou a não se poder usá-la, conforme o nosso combinado em relação aos materiais máximos a serem utilizados nas aulas...]. Gostei muito da experiência de dar uma aula!

Turma 1: Acho que a primeira atividade poderia ser uma Volta à Calma.

Observações Pessoais

- ✓ As atividades que trabalham com toque, contato corporal, precisam de um processo de sensibilização anterior para serem aplicadas em uma aula com uma turma. Há uma questão cultural muito forte na nossa sociedade. A cultura brasileira, e boa parte da mundial também, é super erotizada; em contrapartida, as pessoas têm receio – me parece – de se tocar, encostar em seus próprios semelhantes com partes simples de seus corpos, como mãos com mãos, braços com braços, costas com costas, etc.
- ✓ Em alguns casos, como em um pedido para que a turma auxilie na tarefa de encher balões que serão usados em aula, talvez possa ser necessário criar um bom vínculo com a turma anteriormente, até para não "patifarem" e estourarem os balões antes mesmo de se poder começar a atividade da aula – dependendo do contexto, da turma e da faixa etária. Caso contrário, trazer os balões cheios ou enchê-los antes da aula.
- ✓ Sobre a atividade de dançar em duplas com um balão entre as cabeças: é muito boa! Porém, será conveniente para 10/11 anos? Precisaremos conhecer muito bem a turma e fazê-los/as ter confiança na nossa proposta, até por conta da possível timidez/vergonha de alguns (lembrando: é o início da pré-adolescência...). Provavelmente, será necessária uma preparação prévia em aulas anteriores, se não houver um vínculo muito bom com a turma.

- ✓ Cuidar com o tempo excessivo de espera decorrente de colunas muito longas, especialmente para turmas de 10/11 anos. Sempre que possível, aproveitar bem o espaço físico da quadra, dividindo a turma em grupos menores e fazendo-a realizar a mesma atividade nos diferentes espaços disponíveis.
- ✓ Uma possível evolução para atividades que envolvam alvos será justamente a diminuição dos mesmos. Com isso, o desafio é aumentado, com a possibilidade de se motivar ainda mais a turma a tentar conseguir o objetivo proposto – além da voz de comando, obviamente.
- ✓ A criatividade na elaboração de aulas, com atividades diferenciadas, costuma motivar muito uma turma. Basta ver que uma proposta relativamente simples, como a realizada nessa aula – com uma bola dependurada na tabela/cesta de Basquete, formando/funcionando como uma espécie de pêndulo –, foi amplamente aceita por todo mundo, inclusive com muita alegria e sorrisos envolvidos durante a atividade.
- ✓ Sobre a Volta à Calma: cuidar com atividades que sejam muito envolventes, empolgantes e competitivas – como estourar o balão de seus/suas colegas pisando em cima dele –, pois essas dificilmente poderão caracterizar o objetivo de se acalmar uma turma.
- ✓ Mesmo que isso demande um pouco de experiência e de "feeling" de aula, é importante entender o tempo certo para se fazer alterações (evoluções/variações) ou mesmo transitar entre atividades – por exemplo, o tamanho da quadra, em determinada atividade dessa aula, foi reduzido muito rápido durante o jogo (para se aumentar a intensidade da atividade).
- ✓ Sempre que possível, deve-se aproveitar as próprias linhas da quadra para se demarcar as áreas de um jogo ou o seu uso em uma atividade qualquer.
- ✓ Em uma aula em que tenhamos balões, um dos primeiros cuidados é o pedido à turma para que não os estourem. Após isso, se possível, pode ser interessante fazer a própria turma enchê-los, para que se sintam parte do processo de construção da aula. Além disso, caso os balões sejam utilizados no Aquecimento e/ou na Parte Principal, terminando por ter o seu uso feito na Volta à Calma, se não pretendermos usá-los em outra aula, algo que desperte a atenção da turma e a envolva pode ser uma atividade que necessite se estourar tais balões. Sendo assim, sempre que possível, deve-se estourar os balões ao final de uma aula!

4.3.2 Turma da Tarde (Turma B)

4.3.2.1 Grupo 5 (Tema da Aula: Passe + Domínio) [2 Deficientes Visuais]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Fazer o Plano [de Aula] foi muito legal. O que parecia ser simples, [também] poderia ser muito complexo... O primeiro 'pega-pega' [referindo-se a uma das atividades da aula] achei que não funcionou muito bem, então troquei logo para o 'pega-pega corrente'. Achei que o deficiente visual participou bem e a turma "aliviou" um pouco [isto é, facilitou para a sua efetiva participação]. No 'pega-pega corrente', troquei os deficientes visuais das pontas da corrente para o meio, para facilitar para pegar – me liguei nisso e fiz a intervenção para solucionar o problema. Na outra atividade foi uma troca de passes normal; acho até que poderia ter um desafio a mais. Me atrapalhei com a atividade do 'Fla-Flu' ["Pebolim" ('Futebol de Mesa') ou 'Totó'], porque tenho um grau de daltonismo com tonalidades de verde/amarelo [justamente eram essas as cores dos coletes que tínhamos na referida atividade]. Ainda assim, achei que o gol sairia fácil, e a distribuição da turma não foi boa. A outra atividade, dos 'Passes Vs. Intercepção', acho que funcionou bem, e o pessoal continuou ajudando. Além disso, a percepção espacial como estudante é diferente da de professor/a [Em meio à aula, houve uma pergunta de alguém da turma: "Qual é a mesma quadra?"].

Ministrante/Apoio 2: Achei que faltou dinamismo na Volta à Calma [Atividade de alto cunho cognitivo: "Terra/Mar/Céu"]. Faltou cognitivo [para conseguirmos realizá-la melhor]. Eu não estava tranquilo, nunca tinha dado uma aula antes.

Turma 1: Faltou um chamariz...

Turma 2: Essa coisa de dar aula em dupla, às vezes, a gente não sabe ainda. Precisamos dar o espaço para a nossa dupla, mesmo quando nos empolgamos com a nossa própria atividade.

Turma 3: Fiquei imaginando o contexto com as turmas de Colégio... Acho que eles [os/as estudantes da Escola] não teriam tanta paciência como nós, que estamos aqui em formação [na disciplina de Futsal].

Turma 4: As crianças se sentem no direito de dizer que não querem fazer a aula, na Educação Física. E, em outras disciplinas, por que isso não ocorre? Qual é a expectativa deles – da turma – com relação à aula, e não a minha?

Turma 5 (Deficiente Visual): Fiz questão de ficar com o olho bem fechado a aula inteira. Por mais que eu estivesse escutando, eu não conseguia entender bem a aula, não tinha noção de onde estava. Fiquei pensando no nível de habilidade, como que eles [os/as deficientes visuais] jogam – e eles jogam muito! Acho que faltou o chamariz também. E trazer o [estudante] agitado para o seu lado.

Observações Pessoais

- ✓ ["Eu não estava tranquilo, nunca tinha dado uma aula antes."] E como é que se aprende? — Resposta: "Fazendo/Estudando!". Com o tempo, ganhamos experiência, já sabemos – ou, pelo menos, imaginamos – o que vai/pode acontecer.
- ✓ ["Fiquei imaginando o contexto com as turmas de Colégio... Acho que eles [na Escola] não teriam tanta paciência como nós, que estamos aqui em formação [na disciplina de Futsal]."] 'E tu não acha que isso reflete a própria sociedade, que exclui as pessoas?'. No Colégio sempre vai ter aquele/a que vai acompanhar e ajudar o/a deficiente visual.
- ✓ Para aulas com deficientes visuais: importante o pedido de silêncio e a instrução de como conduzir o/a deficiente visual.
- ✓ Em atividades em que se precisem formar duplas: evitar instruções como: "Podem formar duplas!" – salvo algumas raras exceções que não prejudiquem o andamento do que tenha sido pensado. Nesses casos, ao dar tal comando, o mais provável é que se formem as "panelinhas", ou seja, as pessoas mais próximas e com mais relações de amizade irão formar duplas, ficando os/as

com mais timidez retraídos e/ou isolados/as. Além do mais, isso não irá incentivar o convívio entre todas e todos e nem a sociabilização da turma, conforme pretendemos em nossos objetivos de aula. Para tanto, caso não seja dado nenhum comando no início da atividade, o mais acertado será trocar as duplas durante a mesma, fazendo isso rapidamente e sem permitir tempo hábil para que se escolha com quem se quer ficar (por exemplo: *"Agora, troquem de dupla com a pessoa mais próxima! Rápido! Rápido! Vamos lá!"*).

- ✓ Algumas atividades, como a 'pega-pega corrente', possuem traços de competitividade, mas também têm alto teor de ludicidade, o que é interessante para Aquecimentos.
- ✓ Uma possibilidade para se trabalhar com deficientes visuais é se dividir a turma em dois grandes grupos: um com deficiente visual; outro sem deficiente visual. Ainda assim, é interessante haver trocas entre quem está participando em cada grupo, a fim de que todo mundo possa interagir na atividade com o/a deficiente visual. Por outro lado, isso pode dificultar um pouco o controle da turma, em virtude da divisão espacial que irá ocorrer com essa estratégia didática – portanto, seria bem propício a um trabalho em duplas, por exemplo.
- ✓ Em atividades nunca antes trabalhadas ou que sejam mais complexas, faz-se necessário pensar bem como será a dinâmica delas, para evitar confusões iniciais e demoras excessivas para se começar a atividade – se possível, testá-las anteriormente à aula.
- ✓ Outro detalhe, sobre a terminologia que usamos: cuidar com as trocas de significado e de uso entre os termos 'colunas' e 'filas/fileiras'. Ao se optar pela utilização de um deles com um determinado sentido, mantê-lo sempre assim até o fim não somente daquela aula, mas de todo o trabalho com aquela turma.
- ✓ Ressaltando: a orientação espacial é fundamental e de suma importância para o/a deficiente visual! Com isso, ele/a conseguirá ter uma noção espacial do jogo como um todo, entendendo-o melhor [No meio da aula, houve algumas perguntas do deficiente visual, tais como: *"Isso aqui é um jogo?"*; *"Tu é a goleira?"*; *"O gol tá lá?"* (enquanto apontava para um dos lados da quadra)].
- ✓ Não esquecer de um chamariz na goleira para o/a deficiente visual poder se guiar onde está o gol/goleira.
- ✓ Em Colégio ou Escolinha: cuidar a segurança nas atividades, inclusive com a vestimenta mais adequada possível às aulas, tanto para o/a professor quanto

para os/as estudantes (relógio – para o/a professor/a –; tênis adequado; roupa confortável).

4.3.2.2 Grupo 6 (Tema da Aula: Cabeceio)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Gostei de dar aula. Teve momentos que demoramos um pouco, mas depois fluiu bem. Metodologia: Lúdico -> Analítico -> Analítico/Situacional -> Jogos Condicionados.

Ministrante/Apoio 2: Achei que não expliquei muito bem sobre o que era Penalty/Pênalti. Acho que consegui me sair bem na voz de comando. Na atividade dos 'alvos', acho que teria que ter feito na mesma goleira, pois não consegui controlar bem a turma. Acho que a ideia do jogo a galera conseguiu captar bem – sobre dar linha de passe. Gostei de dar aula, para uma primeira vez.

Turma 1: Poderia ter uma outra evolução na atividade do 'cabeceio nos alvos'; [por exemplo:] quem busca [a bola], levanta para o próximo cabecear.

Turma 2: Fizemos muito o trabalho de jogarmos [a bola] para nós mesmos. Acho que só faltou ter a variação de a bola vir de outro colega – ter mais imprevisibilidade –, mais como uma simulação de jogo, com corrida/passada e tempo para adaptação.

Turma 3: Foi a aula que mais gostei! A princípio, não queria fazer [a aula]...

Observações Pessoais

- ✓ Fazer mais variações nas atividades analíticas, e não deixá-las por muito tempo.
- ✓ Quando o limite da atividade for atingido/superado, será necessário trocá-la ou fazer evoluções/variações ('curingas' e 'apoios' também são elementos que

podem modificar bastante uma atividade, dando um tom e caráter distintos a ela). Nem sempre só a motivação extrínseca do/a professor/a será suficiente para despertar a motivação intrínseca do/a estudante. No entanto, não podemos fazer com que atividades monótonas e/ou sem desafios a serem atingidos ou mesmo superados acabem por desmotivar uma turma.

- ✓ Em atividades mais analíticas, para além da motivação do/a professor/a (exemplo: "*Quem fizer, ganha!*"), são necessárias variações/evoluções para não se perder a motivação da turma.
- ✓ Para atividades mais complexas: explicação + demonstração.
- ✓ Em atividades em que a turma será dividida em dois grandes grupos, sendo que cada grupo irá executar a mesma tarefa, só que em goleiras opostas em uma quadra de jogo: podemos chamar e agrupar toda a turma, exemplificar a atividade em uma das goleiras, e só então dividi-la nas duas quadras. Porém, caso a opção seja pela divisão espacial antes da explicação, serão necessárias algumas instruções, como: "*Prestem atenção aqui que vocês vão fazer o mesmo aí!*"; "*Esperem eu explicar para o outro grupo para podermos começar!*".
- ✓ Mesmo que determinado jogo esteja fluindo bem, caso haja alguma infração às suas regras, conforme estabelecido previamente à atividade, é imprescindível que seja cobrada tal infração (seja ela uma falta ou um penalty/pênalti).
- ✓ Quando temos uma boa voz de comando e nos "soltamos", ficando mais relaxados e menos tensos, tomamos conta da aula e até nos divertimos junto com a turma.
- ✓ Volta à Calma 1: estratégia do sentar após executar uma tarefa – 'cabecear a bola lançada por colega/professor/a' – permite que continuemos sobre o controle da turma, mesmo para quem já tenha realizado o que se foi pedido.
- ✓ Volta à Calma 2: desafios – com ou sem traços de ludicidade – também são interessantes, pois motivam e podem despertar a atenção e curiosidade da turma sobre superar ou descobrir os seus limites pessoais (por exemplo: 'levantar de costas um/a para outro/a, mas sem usar as mãos!').

4.4 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [15(Ter)/Maio/2018]

4.4.1 Turma da Manhã (Turma A)

4.4.1.1 Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Bem interessante esse desafio [referindo-se ao fato de haver um/a cadeirante na aula], pois é uma realidade que a gente acha que não existe, mas tem no Colégio. Até que ponto evidenciamos o/a cadeirante ou deixamos ele/a totalmente de fora? O difícil é não deixar a aula monótona; bolamos estratégias para que isso não ocorresse: Método Transfert; uso de materiais alternativos (como a vassoura). Lembrei de não usar o termo cadeirante – chamei a colega pelo nome dela.

Ministrante/Apoio 2: Foi difícil conseguir pensar em uma aula que contemplasse a turma e o cadeirante. Dificuldade em administrar o tempo – quando vi, já estava acabando! O meu colega de dupla de trabalho me ajudou bastante, pois sou das Artes Marciais (Lutas).

Turma 1 (Cadeirante): Me senti envolvida; não me senti excluída. Acho que teve um equilíbrio bom [nas atividades].

Turma 2: Questão da divisão [do pessoal] em dois grupos em uma das atividades, em relação à organização da turma [cuidar isso...].

Observações Pessoais

- ✓ Em uma aula com cadeirantes, é preciso desafiar todo o grupo, e não só voltar a aula para o/a cadeirante.
- ✓ Houve a preocupação de um dos ministrantes com a roda da cadeirante... Importante ver se está conseguindo realizar a atividade.

- ✓ [*"Questão da divisão [do pessoal] em dois grupos em uma das atividades, em relação à organização da turma."*] Cuidar desse detalhe, pois pode dificultar o nosso trabalho caso percamos o controle dos grupos.
- ✓ Importante: chamar o/a cadeirante pelo seu nome, e não usar o termo 'cadeirante'.
- ✓ Sobre a atividade '*pega-pega paralítico*': não denominá-la desta maneira – pois faz referência à deficiência física do cadeirante; mas sim, usar algo como '*pega-pega estátua*'.
- ✓ Se tiver pessoas conversando enquanto o/a professor estiver tentando explicar, não se fala. Espera-se o silêncio e que todo mundo esteja prestando atenção em você para só então falarmos. Às vezes, pode ser necessário termos de chamar a atenção da turma para que parem e nos escutem, seja utilizando um apito, assovio ou berro mais alto: "*Parou!*"; "*Segura!*"; "*Comigo!*"; "*Aqui!*"; "*Segura a bola!*".
- ✓ Para aquecimentos, algumas possíveis variações/evoluções para se aumentar a intensidade dizem respeito ao aumento do número de pegadores/as e/ou à diminuição do espaço da quadra de jogo. A introdução de mais bolas, na maioria dos casos, também amplifica a intensidade da atividade – contudo, isso tem de ser bem pensado; caso contrário, ela pode ficar meio caótica e sem sentido.
- ✓ Importante a organização prévia antes de se iniciar uma atividade qualquer! Em atividades de disputa entre colunas, por exemplo, faz-se necessário haver um equilíbrio entre elas. Portanto, precisamos contar quantas pessoas há por coluna e ajustar a sua quantidade de maneira equivalente, sempre que for preciso.
- ✓ O uso de materiais alternativos – como uma vassoura, para a condução da bola – pode ser um ótimo atrativo e um motivador a mais para a turma.
- ✓ Sempre fazer as atividades com as duas mãos e com os dois pés – trabalhar a lateralidade.
- ✓ Trabalhar com diferentes tipos de bola propicia multifunções entre grupos.
- ✓ Não deixar um grupo da turma para trás ou de lado ao se explicar uma nova atividade.
- ✓ Ao se dividir a turma em dois grandes grupos, em lados distintos da quadra, lembrar de cuidar os dois lados. Uma possível vantagem de se dividir a turma

desta maneira é a diminuição do tempo de espera, para atividades mais analíticas. Uma possível desvantagem ocorre justamente por ser mais difícil de controlar toda a turma.

- ✓ Volta à Calma: atividades de cunho lúdico são quase certeza de acerto e de saírem bem sucedidas.

4.4.1.2 Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Os primeiros obstáculos surgiram quando fomos pensar a limitação do material [referindo-se ao limite imposto conforme o combinado antes de iniciarmos o Bloco 2 da disciplina de Futsal, já explicitado neste trabalho]. A questão do tempo: achamos que a estafeta seria mais rápida. Não consigo dar reforço positivo, não me sinto à vontade. Também, às vezes, pode faltar percepção para o olhar. Faltou voz de comando – estou com dor de garganta.

Ministrante/Apoio 2: Também achei que faltou tempo... A gente tinha muita coisa legal que queríamos fazer. No jogo, faltaram muitas variações; entraria a questão do gênero (com as gurias...).

Turma 1: Particularmente, não gosto de estafetas, acho meio monótono, mas foi legal!

Observações Pessoais

- ✓ Na estafeta, demorou um pouco por causa da técnica, no analítico, antes da competição em si. Foram feitas colunas com múltiplas tarefas, com diferenças entre elas mesmas... Mas não quer dizer – ou em nada impedir – que a parte da competição fosse igualar o objetivo final, mesmo que alterando-se a estafeta.
- ✓ Faltou tempo para as variações do Jogo Condicionado; porém, provocou para a conscientização tática do jogo.

- ✓ Usar o apito para, entre outras coisas, parar a atividade e delimitar novas regras e/ou variações/evoluções.
- ✓ Não se esquecer das perguntas clássicas, antes de começar qualquer atividade: *"Todo mundo entendeu?"*; *"Podemos começar?"*; *"Valendo!"*; *"Foi!"*.
- ✓ O jogo – seja ele condicionado ou não, mas de forma mais global –, na maior parte dos casos, costuma ser o ápice, apogeu, o *clímax* de uma aula!
- ✓ As regras do jogo serão cobradas, em um momento ou em outro. Basta alguém achar que o jogo não está justo para um dos lados. Para tanto, temos de acompanhar de perto o desenrolar da atividade, senão, pode dar problema.
- ✓ Sempre que for trocar de atividade ou fazer alguma variação/evolução na mesma, deve-se pará-la para explicar quais serão as mudanças dali para frente.
- ✓ Se houver um silêncio inicial muito grande, ao se começar qualquer atividade, pode ser um indício de que a turma não entendeu muito bem o objetivo do jogo ou que precisamos motivá-la mais.
- ✓ Em atividades em que a turma é dividida em colunas, cada uma delas com uma tarefa diferente: deve-se trocar as pessoas de coluna para que todo mundo vivencie as tarefas das outras colunas. Nessas atividades em coluna, principalmente se estivermos preocupados/as com a técnica e não com a competição, devemos: observar a correção (feedback); a motivação da turma; o reforço positivo; e a correta instrução das tarefas – importante demonstrar as tarefas antes de começar a atividade. Porém, se quisermos fazer uma competição entre as colunas, todo mundo deve ter vivenciado a experiência das outras colunas. Além disso, precisamos pensar em maneiras de tornar a competição justa entre as colunas, visto que as suas tarefas serão diferentes entre si, ou seja, pode ser que uma delas encontre vantagens em uma disputa com as demais – lembrando a questão de haver justiça nos jogos. Importante, também, a boa administração do tempo em tais atividades.
- ✓ Em geral, os Jogos Condicionados costumam ser motivadores por si só, em contraste com algumas atividades analíticas, as quais exigem maior motivação da parte do/a professor/a em relação à turma.
- ✓ Sobre o uso do apito: silvos breves e curtos para identificar o começo (um silvo) e a parada (dois silvos) das atividades, delimitando melhor os espaços/tempos do jogo – um gol/ponto pode ser sinalizado por meio de um silvo mais longo.

- ✓ Em relação ao tom de voz: em certos casos, é interessante variar a entonação (falar mais alto/baixo; de diferentes maneiras; para chamar a atenção).
- ✓ Volta à Calma: cuidar o limite entre uma atividade ser de volta à calma ou ser uma atividade muito motivadora, a qual envolveria por demais a turma, contribuindo para motivá-la excessivamente e não por acalmá-la – mesmo que, às vezes, isso possa acontecer sem que haja deslocamentos entre as pessoas da turma.

4.4.2 Turma da Tarde (Turma B)

4.4.2.1 Grupo 7 (Tema da Aula: Condução + Chute) [1 Cadeirante]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Foi um planejamento bem diferente do meu usual. Foi um desafio para mim. As atividades fluíram... Só a dos 'nós' [não saiu muito boa], por uma falha de explicação minha [referência a uma das atividades que envolvia condução de bola + o elemento dar/soltar nós em uma corda amarrada na goleira]. E a turma colaborou bastante.

Ministrante/Apoio 2: Da mesma maneira, também foi um desafio pra mim, pois nunca havia dado uma aula para cadeirantes. A ideia era montar uma aula "normal" e adaptar, para não ficarmos só num "coitadismo" do cadeirante. Colocamos 8-10 anos até para ser um desafio. Essa aula não seria uma primeira aula, dentro do nosso recorte. Talvez, tirando alguns elementos, fosse mais tranquilo para essa faixa etária. Dentro [dos objetivos] das atividades, estava desenvolver a integração entre o grupo, e não a competição em si. Isso é um processo...

Turma 1 (Cadeirante): No princípio, estava me sentindo bastante incluso. Só quando um dos ministrantes da aula me perguntou se eu já havia tocado na bola que percebi que não estava participando tanto assim. Achei bem legal, teve bastante cuidado da galera [comigo].

Turma 2: Tem também [o lado de] como o/a cadeirante se sente. Eu uma vez fui cadeirante; e eu não gostaria que o meu ponto [durante o jogo] valesse mais.

Turma 3: Comparando com a nossa aula, percebi que a bola sempre passava pelo deficiente visual – diferentemente de hoje, com o cadeirante. Mas senti ele [o cadeirante] incluído.

Turma 4: Até o próprio deficiente visual ou cadeirante poderá sugerir alguma adaptação, para tentar incluí-lo [na atividade/aula].

Observações Pessoais

- ✓ Para se pensar: Às vezes, o sentimento de pouca participação de um/a cadeirante possa ter um paralelo com as pessoas com mais dificuldades, com menos habilidades.
- ✓ Um/a cadeirante também pode participar de outras maneiras das atividades, seja como árbitro/a, auxílio, etc. (há outras tarefas que podemos incluí-lo/a).
- ✓ Como será que o/a cadeirante se sentiria em relação aos seus pontos valerem mais ou não? Irá depender de cada pessoa; pode haver um desconforto, dependendo do caso... Pode-se fazer jogos em que seus pontos valem mais – com o intuito de valorização da sua participação – e outros não. Além disso, se possível, tentar conversar e descobrir como essa pessoa se sente em relação a isso pode ajudar bastante nessa questão para a nossa tomada de decisão sobre futuras atividades.
- ✓ ["*Até o próprio deficiente visual ou cadeirante poderá sugerir alguma adaptação, para tentar incluí-lo [na atividade/aula].*"] Nesse sentido, está a importância de se ouvir as/os estudantes. E, sempre que preciso, quebrar/alterar/mudar e/ou flexibilizar o Plano de Aula, para melhor adequá-lo ao nosso contexto.
- ✓ Faixa etária 8-10 anos: importante a presença de atividades lúdicas também.
- ✓ Utilização de palmas para motivar a turma e acelerar a atividade.
- ✓ Em estafetas e demais atividades mais analíticas: importante ter boa voz de comando e motivar bastante a turma.

- ✓ Outra possibilidade para ver se a turma está atenta: ao se iniciar um jogo qualquer, fazer a seguinte pergunta, em tom alto de voz: "*Quem quer a bola?*" ou "*Quem quer bola?*". A equipe/grupo que responder "*— Eu/Nós!*" primeiro levará a bola, a qual estará em posse do/a professor/a até então.
- ✓ Cuidar para não sobrar muito pouco tempo para os Jogos Condicionados. Por serem atividades, em geral, situadas no clímax da aula, elas acabam envolvendo bastante o pessoal. Além do mais, os Jogos Condicionados permitem "jogarmos" com a questão do tempo de maneira mais fácil, pois eles costumam se ajustar bem ao tempo que queiramos que tenham – auxiliando, com isso, uma aula a fechar a sua duração completa no tempo exato preestabelecido.
- ✓ Volta à Calma: cuidar com atividades que envolvem o fundamento do 'Chute'. Em alguns casos, o chute acaba sendo muito empolgante e motivador, não constituindo uma legítima volta à calma.

4.4.2.2 Grupo 8 (Tema da Aula: Condução, Drible, Finta)

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Gostei do meu tema [Tema da Aula: 'Condução, Drible, Finta']. Quando construímos o Plano [de Aula], achei que seria bem fácil. Optamos por exercícios de alta complexidade. Apesar disso, achei que foi "de boa" [tranquilo]. Não conseguimos cumprir todo o Plano, principalmente com uma atividade que seria muito boa. Tenho um problema que a minha voz não é muito potente. Mas gosto; procuro explicar – dou aula de capoeira. Acho que, pra mim, só falta ter uma voz mais potente. Na última atividade, acho que travou um pouco [o andamento dela]. Nas minhas atividades [que ministrei], me senti bem, consegui passá-las bem. Só tive mais dificuldade mesmo em não interferir na dupla [conforme o combinado em relação às funções de ministrante e apoio].

Ministrante/Apoio 2: Dentro do planejado, acho que fomos bem. Na 'atividade do Rugby' me dei conta de que uma adaptação melhoraria o andamento da atividade. No início, fiquei um pouco nervoso, pois esqueci como marcava no Rugby; mas, depois, fui me soltando.

De erros acho que só o pequeno "gap" no posicionamento dos cones (falha de comunicação nossa).

Turma 1: [Ponto positivo:] Reuniam o pessoal para explicar a atividade.

Turma 2: Explicaram bem; e, mesmo quando achava que não tinha explicado bem, chamava e agrupava de novo para reexplicar.

Turma 3: Acho que não contribui, pois o pessoal não dava opção de passe.

Turma 4: [Sugestão:] Criar estratégias com o uso do apito, para diminuir a questão da dificuldade com a voz.

Observações Pessoais

- ✓ A 'falta' de tempo também pode significar que se tem repertório, isto é, que se tem base, fundamento; teoria + prática.
- ✓ No Aquecimento, durante uma atividade de 'trote', o ministrante numerou a turma de 1 a 16 enquanto trotavam, ao mesmo tempo em que explicava a atividade que se seguiria logo adiante. Ao terminarem o 'trote', perguntou: *"Todo mundo entendeu?"*. Ok!
- ✓ Bom uso do apito para fazer a turma voltar a 'trotar'.
- ✓ Atividade analítica: explicou + demonstrou. Primeiro fez ela pela técnica; depois, pela competição. Não esqueceram do reforço positivo! (Obs.: Cortaram umas das atividades analíticas devido ao tempo... Ok!).
- ✓ Sobre a postura do/a professor/a: em determinada atividade, enquanto o ministrante estava explicando a proposta da mesma, quando ele percebeu que nem todo mundo estava prestando atenção e que havia pessoas falando ao mesmo tempo, ele usou o apito e disse, em tom sério: *"Tô falando!"*. Respeitando-se a turma, evidentemente, essa é uma atitude perfeitamente condizente com a questão do comando que debatemos durante as aulas.

- ✓ Volta à Calma: novamente, uma atividade que mescla um jogo de palavras junto com alguns fundamentos do Futsal – acaba sendo perfeita para o cognitivo, além de ser lúdica e trazer mais risadas e sorrisos à aula.

4.5 Análise das Apresentações das Duplas/Grupos [17(Qui)/Maio/2018]

4.5.1 Turma da Manhã (Turma A)

4.5.1.1 Grupo 9 (Tema da Aula: Atividades Recreativas) [Fundamento Livre]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Pensamos em atividades para um ambiente de lazer, já que o tema era recreativo [Tema da Aula: 'Atividades Recreativas']. E funcionou! É diferente, estou acostumado com a minha área, que é mais rendimento. No fim, acabou fluindo... Dependendo da Escola, alguma atividade talvez não fosse muito boa.

Ministrante/Apoio 2: Acho que o tempo foi bom; funcionou! Fico meio possessiva nesse esquema de dar aula, acabava me intrometendo na atividade da minha dupla [de trabalho]. Talvez o circuito fosse muito complexo para a faixa etária (8-10 anos) que colocamos. Mas ele é adaptável à atividade, a qual já teríamos trabalhado [anteriormente, segundo o recorte do nosso contexto].

Turma 1: Muito legal [a aula]. Diferente, envolvente; comovente!

Turma 2: Achei muito boa a aula! Eu mesmo nunca tinha feito várias delas [referindo-se às atividades realizadas durante a aula].

Turma 3: Super aplicável! [para Escola, Escolinha, Colônia de Férias...] Acho que até nos escoteiros poderia ser aplicável.

Turma 4: A competição acho que motiva muito na Escola.

Observações Pessoais

- ✓ Cuidar com as pessoas que têm dificuldade de se envolver com uma atividade lúdica – seja por vergonha/timidez ou outro motivo qualquer. É preciso motivar a turma...
- ✓ Obs.: Não é porque é 'Recreação' que vai se poder aplicar a qualquer faixa etária.
- ✓ As Atividades Recreativas (de Lazer e/ou Lúdicas) têm algumas características, tais como: exigem motivação (intrínseca e extrínseca); é preciso 'entrar no jogo' (empolgar a turma, com emoção); propiciam mais sorrisos (com a participação de todo mundo).
- ✓ As Atividades Recreativas podem propiciar: envolvimento do grupo com a aula; trabalho em equipe; cooperação intra ou intergrupos, dependendo da atividade. Com tudo isso, em alguns casos, o nosso trabalho com a parte motivacional pode ser bastante facilitado. Não obstante, é importante o cuidado para não esquecermos da motivação dada à turma por nós.
- ✓ Em atividades analíticas, muitas vezes, podemos fazer competições – em geral, a competição motiva tanto na Escola, como na Escolinha ou em outros contextos. Porém, com o tempo, pode acabar sendo difícil introduzir o analítico – e até desmotivador! –, caso não haja uma alternância entre as metodologias utilizadas durante e entre cada aula.
- ✓ Utilização de um Aquecimento recreativo/lúdico interligado com alguns fundamentos do Futsal. Ok!
- ✓ Não se esquecer da motivação em Atividades Recreativas! Não é porque tem traços de ludicidade que será garantia de sucesso e de que a turma fará com o máximo de empenho.
- ✓ Muito importante também a atuação do apoio para não permitir "gaps" nas Atividades Recreativas e não 'quebrar o clima' da aula.
- ✓ Em geral, as Atividades Recreativas possibilitam uma série de variações/evoluções. Com poucas atividades sendo utilizadas como base não se é muito difícil montar várias aulas com esta temática.

4.5.1.2 Grupo 10 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Gostei bastante! [da experiência] Montamos o Plano [de Aula] só com três atividades, mas com muitas variações. Em nenhum momento, na minha atividade, o pessoal ficou parado – quando, logo no início, achei que a galera iria ficar parada, já intervi. Me preocupei com a questão dos limites, ou seja, a dimensão atitudinal de ensino.

Ministrante/Apoio 2: No aquecimento, optei por uma atividade diferente – 'Embaixadinha' –, pois acho que todo mundo consegue fazer, nem que seja pelo menos aquelas três que foram pedidas no momento. E, na volta à calma, o objetivo era integrar; tinha a cooperação, que acho que foi o que aconteceu.

Observações Pessoais

- ✓ Importante parar o jogo para explicar as variações. Não se pode trocar a atividade sem que as/os estudantes tenham entendido tudo.
- ✓ Nos Jogos Condicionados, o/a professor/a tem de saber o que quer para a atividade: função tática do jogo; desenvolvimento dos objetivos da aula; etc.
- ✓ Importante ressaltar uma Questão de Segurança para a turma: sobre a vestimenta dos/as estudantes (roupas/tênis adequados e confortáveis); sobre a vestimenta dos/as professores/as (roupas/tênis adequados e confortáveis e condizentes com a "postura" que devem manter no comando da turma – isto é, que sejam propícios à prática de Esportes, por exemplo, e que possam incitar a vontade por fazer atividades físicas; logo, *calça jeans* não é uma boa opção para o uso no trabalho docente!).
- ✓ Evolução para um possível Aquecimento: reduzir o espaço de jogo e/ou aumentar o número de bolas disponíveis na atividade.
- ✓ Em alguns casos, quando quisermos dividir um grupo em duas equipes, uma possibilidade será chamarmos dois 'líderes' na turma – pessoas com mais

autoconfiança, sempre participativas, dispostas a ajudar, em geral 'habilidosas'. Utilizar frases como "*se dividam em duas equipes*" podem ser problemáticas, pois podem surgir muitas 'panelinhas' e um dos times ficar muito mais forte do que o outro. Por isso, dependendo do processo que estivermos com a turma, dois líderes poderiam escolher as equipes – veja que essa opção deve ser muito bem analisada pelo/a professor/a antes, visto que nem sempre é uma boa escolha.

- ✓ Alguns itens são imprescindíveis à nossa observação durante os Jogos Condicionados. Dentre eles, destacamos: o correto desenvolvimento do jogo (e conforme os nossos objetivos); a observação das regras da atividade; a segurança da turma enquanto participa da aula.
- ✓ Da mesma maneira como acontece com as Atividades Recreativas, os Jogos Condicionados possibilitam uma série de variações/evoluções. Portanto, com poucas atividades sendo utilizadas como base, não deveremos encontrar muitas dificuldades para se montar várias aulas com esta temática.
- ✓ Na dinâmica de uma atividade qualquer, quando há confrontos, por exemplo, de ataque contra defesa, podemos apenas inverter (quando possível) quem ataca e quem defende, sem mexer na disposição espacial das pessoas dentro da quadra de jogo. Com isso, poupamos tempo e evitamos o deslocamento desnecessário de pessoas, otimizando a atividade e deixando-a mais intensa e/ou desafiadora, inclusive – de fato, quando pensamos e planejamos bem sobre uma atividade, sempre acabamos por descobrir uma maneira melhor de explicá-la e de aplicá-la, tornando-a mais ágil ou mesmo versátil aos nossos propósitos de aula.
- ✓ Em atividades de caráter lúdico, normalmente há uma interação entre colegas, fazendo-se necessário que exista uma cooperação mínima entre as/os estudantes.

4.5.2 Turma da Tarde (Turma B)

4.5.2.1 Grupo 9 (Tema da Aula: Jogos Condicionados) [Fundamento Livre]

Observações da Turma

Ministrante/Apoio 1: Como trabalho com Futebol, já tenho um pouco mais de contato, então é um pouco mais tranquilo [pra mim]. Mas igual, comecei a ficar preocupado no começo, pois havia pouca gente – já estava vendo como improvisar [ele estava se referindo ao atraso de boa parte da turma no início da aula da disciplina de Futsal desse dia]. Ontem pensei em utilizar a bola de Vôlei (Método Transfert). Da minha parte, a aula foi boa. O que eu esperava, aconteceu – "dentro dos conformes".

Ministrante/Apoio 2: Eu não tinha dado aula, então estava preocupada com a quantidade de estudantes no início. No jogo, percebi que não tenho voz. Fiquei preocupada com a voz, com o tom. Apesar de tudo, não gostei da experiência. Não entrei pensando em ser professora... – e ainda não penso!

Ministrante/Apoio 3: Eu estava bem seguro, bem tranquilo. Porém, como foi mudando muito o número de participantes durante a aula – quantidade ímpar Vs. número par – acabei me atrapalhando na hora da minha atividade. Estava também um pouco angustiado com o tempo da explicação [inicial da atividade], pois não queria "perder" esse tempo e queria começar o jogo logo. — "Será que eu cuido as regras?"; — "Será que eu faço reforço positivo?"; — "O que eu faço?". Me atrapalhei, também por falta de experiência... Como era 'Jogos Condicionados' [a temática da aula], a gente queria fazer muito jogo, porque é o que o pessoal mais gosta de fazer. Contudo, dentro das condições, não podemos limitar tanto as regras, para não 'engessar' o jogo [Nota: "engessar" um jogo: torná-lo parado, duro, trancado, inflexível; monótono, sem graça, desmotivante; etc.].

Turma 1: Acho que a primeira atividade foi mais complexa do que a segunda (analítica). Na minha opinião, foi a melhor aula. Gosto muito de Jogos Condicionados!

Observações Pessoais

- ✓ [*"No jogo, percebi que não tenho voz. Fiquei preocupada com a voz, com o tom."*] Às vezes, as pessoas que acreditam que não têm voz boa para o comando de uma turma precisam apenas treinar um pouco mais – ministrar uma aula também é questão de 'treino!' (Cada um/a de nós tem um ritmo para aprender: o seu próprio ritmo!). Há outros mecanismos que podemos fazer uso, para além da voz: apito; gestos corporais; movimentos (padronizados ou pré-combinados); palmas; etc.
- ✓ Sobre a questão de se "perder" tempo, em relação às explicações iniciais de uma atividade: às vezes, em certos casos, uma possibilidade é não se explicar tudo, deixando acontecer um pouco o jogo (para desencadear uma situação problema). E, depois, alterar ou delimitar melhor as regras da atividade – contudo, isso só é válido para casos bem específicos, além de depender da turma em que se trabalha. Porém, as instruções que são dadas antes de uma atividade começar devem ser inteligíveis, precisas, não ambíguas, de maneira a conduzir com segurança a turma na realização de um jogo ou uma atividade qualquer.
- ✓ Questões que sempre podemos nos colocar: — *'A aula fluiu do simples para o complexo?'*; — *"Todo mundo sabia realizar e/ou tinha entendido o propósito de todas as atividades da aula?"*.
- ✓ Obs.: Outro detalhe: às vezes, a percepção que a gente tem da aula, enquanto professor/a, não é a mesma de quem a está fazendo – as/os estudantes (quem faz uma aula tem outra percepção, diferente de só observar uma aula 'de fora'). Quem faz algo, seja o que for, tem a sua própria percepção de mundo e entendimento das coisas ao seu redor, a qual pode ser muito diferente da nossa...
- ✓ [*"Como era 'Jogos Condicionados' [a temática da aula], a gente queria fazer muito jogo, porque é o que o pessoal mais gosta de fazer." // "Na minha opinião, foi a melhor aula. Gosto muito de Jogos Condicionados!"*] Como já comentado anteriormente, os Jogos Condicionados e as Atividades Recreativas, em geral, costumam motivar muito uma turma por si só, sem precisar de grande esforço da nossa parte, enquanto professores/as, para que essas atividades deem a sua devida sequência. Entretanto, ainda assim, a

motivação jamais poderá ser posta de lado, sob o risco de caminharmos para aulas chatas, monótonas, entediantes e desmotivadoras.

- ✓ [*"Contudo, dentro das condições, não podemos limitar tanto as regras, para não engessar o jogo."*] Fazendo-se isso, teremos altos riscos das nossas aulas se tornarem o que acabei de citar no parágrafo precedente: *'chatas, monótonas, entediantes e desmotivadoras'*.
- ✓ Os Jogos Condicionados são as perfeitas ocasiões para se utilizar 'curingas' e 'apoios' em suas atividades! Além disso, temos diversos outros materiais e possibilidades pedagógicas, tais como: as inúmeras variações no tamanho da quadra de jogo; da quantidade e dos tipos de bola (Futsal, Futebol, Vôlei, Handebol, Basquete, Rugby, Tênis); no número de participantes por equipe; dos alvos/metas/objetivos do jogo (com mais goleiras/goleirinhas); cones; pratos demarcatórios ("chinesinhos"/"chinês"); coletes; arcos (bambolês); cordas; balões; jornais; etc.
- ✓ Em relação à estrutura de um Plano de Aula, às vezes, pode ser interessante a formatação dele sendo pensada em momentos de *"quebra de estilo/metodologia"* entre as atividades de uma aula. Por exemplo: começarmos com uma atividade de Aquecimento utilizando um Jogo Condicionado; daí, "quebra" ao se encaminhar para a Parte Principal, passando para uma atividade analítica (seja ela estática ou mais dinâmica); e, então, depois voltamos para um outro Jogo Condicionado. Esses são diferentes momentos da aula, nos quais a turma nos dará respostas de acordo com cada um deles. Portanto, pensar bem na estrutura e o que queremos de resposta da turma – para cada momento de uma aula – também é muito importante a fim de antecipar imprevistos e/ou situações indesejadas no decorrer do nosso trabalho docente.
- ✓ Usos do apito: para chamar a atenção individual ou coletiva da turma; para parar a atividade; para dar comandos previamente combinados que trarão alguma modificação à atividade (evolução/variação).
- ✓ Perguntas clássicas antes de se iniciar qualquer atividade: *"Tudo bem, pessoal?"*; *"Todo mundo entendeu?"*; *"Alguma dúvida?"*.
- ✓ Quando um Jogo Condicionado não está explorando as estratégias de jogo conforme os nossos objetivos, podemos dar dicas às equipes, por exemplo: *"Apoio também joga!"*; *"Usa os curingas!"*.

- ✓ A reposição das bolas, em determinados Jogos Condicionados, é fundamental para dar um maior dinamismo e intensidade à atividade, além de não deixar "gap" entre ela mesma (intra-atividade).
- ✓ Um Jogo Condicionado pode propiciar condições que nos façam desfocar um pouco de um dos maiores – se não o maior – objetivos de um jogo de Futsal: o 'Gol'. No entanto, se isso é feito, não é à toa! Há uma razão e intencionalidade por detrás de cada Jogo Condicionado. Buscando equacionar uma solução problema, acabamos por bolar estratégias de jogo e/ou desenvolver componentes físicos/técnicos/táticos importantíssimos ao Esporte Futsal. Uma exemplificação disso é um jogo em que a troca de 5 passes entre a mesma equipe, sem a outra interceptar a bola, vale mais pontos do que marcar um gol no adversário – assim, estaríamos estimulando altamente o fundamento do 'Passe' e menos o do 'Chute', por exemplo.
- ✓ Um Plano de Aula bem pensado e estruturado pode seguir uma determinada ordem de intensidade variando entre 'crescente' e 'decrecente' entre as suas atividades. Como exemplo, utilizarei o Plano da aula apresentado por este trio/grupo de trabalho (a propósito, este é o único Grupo de Trabalho que contou com 40 minutos para a realização de sua aula, em contrapartida aos 25 a 30 minutos usuais das demais duplas – o aumento no tempo máximo de aula se deu justamente por ele ser um trio, e não uma dupla de trabalho) [O trio foi formado para se evitar que uma pessoa ministrasse uma aula sozinha]. Para simbolizar, categorizarei cada atividade por números, sendo o número '1' ("um") a de menor intensidade e o número '5' ("cinco") a de maior intensidade, referentes ao dia de hoje:
 - I. Aquecimento = 3 (uma atividade com uma carga já moderada, para acelerar o pessoal);
 - II. Parte Principal: Atividade A = 2 (diminuição da intensidade e variação da metodologia, para que todo mundo pudesse tocar na bola);
 - III. Parte Principal: Atividade B = 5 ('semiclímax' da aula);
 - IV. Parte Principal: Atividade C = 4 ('clímax' da aula);
 - V. Volta à Calma = 1 (relaxamento e descontração final, com elementos cognitivos/lúdicos -> sorrisos + risadas!).

4.6 Debate Pedagógico sobre as Apresentações (Grupos Focais) [22(Ter)/Maio/2018]

Neste último dia em que ainda realizaríamos uma coleta de dados – 22(Ter)/Maio/2018 –, assim denominado de Etapa/Fase 2 (Entrevista Estruturada para Grupos Focais, com um Questionário com questões/perguntas abertas), as turmas foram divididas em grandes grupos focais (4 grupos na turma da manhã – Turma A – e 3 grupos na turma da tarde – Turma B). Propomos que as duplas/grupos que trabalharam juntas durante o semestre sentassem em grupos diferentes, a fim de que ficassem separadas nos grandes grupos.

Desta maneira, pensamos a organização do debate pedagógico acerca das apresentações das duplas/grupos de trabalho por meio de uma divisão em Grupos Focais. Para tanto, desenvolvemos a seguinte metodologia para o dia, dividida em alguns momentos:

- 1.º) Divisão intragrupos (ou seja, a divisão da turma nos Grupos Focais em si);
- 2.º) Um de cada grupo focal seria elencado para ser uma espécie de "secretário", cabendo a ele/ela redigir uma síntese de toda a discussão levantada pelo grupo;
- 3.º) Abertura em roda/círculo, em grande grupo, com toda a turma, para que possa ser realizado o debate das questões discutidas intragrupos (cada grupo focal lerá o que escreveu);
- 4.º) Monitor e Professor ficarão como 'provocadores', instigando o debate.

Com isso – apenas para lembrar o que já abordamos no Capítulo anterior [**3. Procedimentos Metodológicos (Metodologia)**] deste mesmo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) –, foram desenvolvidas as seguintes questões, sendo apresentadas para que os grupos debatessem e respondessem em conjunto:

- 1) Gostaria que vocês, de forma livre, comentassem o que acharam do momento das apresentações dos trabalhos em nossa disciplina.

- 2) Gostaria que vocês levantassem elementos importantes da Práxis Pedagógica – pontos pedagógicos e estratégias didáticas evidenciadas durante as aulas.
- 3) Agora, pediria a vocês que falassem pontos positivos, além de cuidados e desafios quando aplicados aos métodos de ensino trabalhados: recreativo, analítico, situacional, condicionados e transfert.
- 4) Por fim: a Práxis Pedagógica, desenvolvida ao longo deste módulo da disciplina de Futsal, poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física? De que maneira?

Desta maneira, as questões da Entrevista se propunham a abarcar as seguintes dimensões de análise, elencadas logo abaixo:

- Disciplina de Futsal contribuindo para o processo de formação de professores/as de Educação Física (Questões 1 e 4);
- Elementos da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula* (Questão 2);
- Pontos positivos, cuidados e desafios ao desenvolver os diferentes métodos de ensino trabalhados* (Questão 3).

* Nas situações das apresentações das Duplas/Grupos.

4.6.1 Turma da Manhã (Turma A)

A Turma A (Manhã) dispunha de 17 pessoas no dia (7 mulheres e 10 homens), de um total de 20 estudantes (8 mulheres e 12 homens) que estavam frequentando a disciplina. Deste modo, dividimos a turma, aleatoriamente, em 4 grupos focais – Grupos A, B, C e D –, sendo 3 grupos contando com 4 integrantes e 1 único grupo com 5 pessoas.

4.6.2 Turma da Tarde (Turma B)

A Turma B (Tarde) contava com 13 pessoas no dia (1 mulher e 12 homens), de um total de 19 estudantes (4 mulheres e 15 homens) que estavam frequentando a disciplina. Assim, dividimos a turma, de modo aleatório, em 3 grupos focais – Grupos E, F e G –, sendo 2 grupos contando com 4 integrantes e 1 único grupo com 5 pessoas.

4.6.3 Respostas dos Grupos Focais à Entrevista Estruturada (Questionário)

- 1) Gostaria que vocês, de forma livre, comentassem o que acharam do momento das apresentações dos trabalhos em nossa disciplina.**

Grupo A [Turma A (Manhã)]

Um momento de aprendizagem por parte dos alunos e professores que ministraram as aulas, compartilhando de informações de práticas pedagógicas e atividades, que contribuem para o aumento da nossa bagagem pedagógica. Foi interessante como as atividades planejadas nem sempre ocorreram de acordo com o plano e foram adaptadas no decorrer [da própria aula] e nos fizeram perceber que estar 'engessado' a um plano dificulta a fluidez da aula.

Grupo B [Turma A (Manhã)]

Não participei, mas gostei; observei o quanto de conhecimento a gente agrega e como a dupla se ajusta e dá apoio. A turma abraçou a causa, foi ativa. Adaptação; cooperação. A autoimagem do professor, a relação com a turma; reaproveitar atividades.

Grupo C [Turma A (Manhã)]

Foi uma experiência muito proveitosa, tanto como alunos, quanto como futuros professores. Pois a metodologia empregada nos gerou desafios distintos, como tematizar a aula para uma idade que não temos (exemplo: aulas para 11, 12 anos), tanto do ponto de vista de quem dá aula, quanto de quem fez a mesma e teve de se adequar ao contexto. As dinâmicas de cegos [deficiente visual] e cadeirante nos fizeram refletir não só didaticamente, mas socialmente, da importância de estarmos preparados para estas adequações. Outro desafio foi o fato de ser uma das primeiras experiências de docência para alguns de nós, mas as reflexões pós aula foram de suma importância para o amadurecimento do grupo.

Grupo D [Turma A (Manhã)]

As apresentações foram enriquecedoras. Entretanto, as aulas não ocorrem como planejamos; às vezes, achamos que será pouco tempo para cada atividade e que os alunos não irão se envolver, mas ocorre ao contrário, ou ocorre como o esperado, em algumas atividades. Sempre aprendemos com as apresentações dos colegas, como o tom de voz, a postura adequada e como ter controle e domínio da turma durante as aulas. Essa experiência contribuiu para o nosso aperfeiçoamento acadêmico, profissional e social.

Grupo E [Turma B (Tarde)]

O grupo se sentiu preparado para atuar como professores/treinadores a partir das vivências práticas da disciplina, pois era necessário planejamento e um certo nível de adaptabilidade para lidar com dificuldades e imprevistos.

Grupo F [Turma B (Tarde)]

A compreensão por parte da turma de que os colegas estão em formação facilitou as práticas. Os colegas que participaram como alunos nas práticas cooperaram para o

desenvolvimento das aulas. Sendo muito proveitoso para aqueles que estavam lecionando pela primeira vez, e, no caso, com pouca experiência em ministrar aulas.

Grupo G [Turma B (Tarde)]

Acreditamos que as apresentações dos trabalhos na nossa disciplina nos proporcionou vivenciar na perspectiva de aluno e professor aulas com diferentes objetivos e desafios, observando diferentes formas didáticas de cada professor (aluno). Além disso, foi possível notar um certo nível de cooperação por parte dos colegas para o desenvolvimento da aula, o que acreditamos que nem sempre encontraremos dentro de um ambiente escolar.

- 2) Gostaria que vocês levantassem elementos importantes da Práxis Pedagógica – pontos pedagógicos e estratégias didáticas evidenciadas durante as aulas.**

Grupo A [Turma A (Manhã)]

Aproximação dos alunos no momento das instruções; usar tom de voz adequado; para os que falam baixo, evitar ficar com a cabeça baixa no momento das orientações; circular pelo espaço de aula; dar feedback para os alunos; buscar o uso de estratégias para diminuir o tempo de espera dos alunos, para a participação das atividades; buscar incluir todos os alunos...

Grupo B [Turma A (Manhã)]

- Método transfert;*
- Auditivo;*
- Tom de voz;*
- Postura e posicionamento em quadra;*
- [Uso do] Apito;*

- *Combinações;*
- *Organizar o espaço da aula;*
- *Ter ludicidade;*
- *Reforço positivo;*
- *Oposto ao "largobol".*

Grupo C [Turma A (Manhã)]

As aulas foram bem estruturadas no padrão Aquecimento/Parte Principal/Volta à Calma. Entretanto, uma série de desafios apareceram, como as adaptações aos cegos/cadeirantes/número de alunos/materiais limitados/entre outros. Contudo, a cada aula, após as reflexões em grupo, no final [da aula], tivemos uma evolução nas didáticas para as aulas seguintes. Alguns aspectos foram evidenciados, como o feedback positivo e as formas de inclusão dos portadores de deficiência [Pessoas com Deficiência (Física e Visual)] e até mesmo dos alunos com mais dificuldade técnica para as atividades.

Grupo D [Turma A (Manhã)]

Nem sempre o que está nos livros pode ser aplicado e, sim, precisa de adaptações conforme o contexto social, a faixa etária, conforme a turma, para haver um melhor funcionamento das aulas, unindo a teoria com a prática: Práxis. É essencial a teoria para ocorrer uma boa prática, como a importância do feedback aos alunos, a ordem que uma aula deve ser planejada, com os objetivos de cada atividade e como a atividade ocorreu na prática.

Grupo E [Turma B (Tarde)]

Alguns elementos importantes da Práxis Pedagógica são:

- > *Voz de comando;*
- > *O cuidado para que não ocorram 'gaps' entre e intra as atividades;*
- > *A necessidade de feedback positivo;*

- > A utilização precisa e necessária do apito;
- > Medir o nível de explicação para cada atividade;
- > A capacidade de analisar se a atividade está fluindo;
- > O cuidado com as faixas etárias para a complexidade das atividades.

Grupo F [Turma B (Tarde)]

Estratégias como atividades nas quais eram induzidas a sociabilização e tarefas cooperativas foram bem aplicadas por parte dos Grupos [/Duplas de Trabalho]. Os professores atuaram em sincronia evitando longas pausas, diminuindo a dispersão dos alunos entre as atividades. A busca constante pela compreensão das atividades por parte dos alunos e o cuidado com o equilíbrio das equipes foram pontos bem evidentes nos trabalhos.

Grupo G [Turma B (Tarde)]

Alguns pontos importantes que observamos durante as aulas:

- => *Formalização de um Plano Pedagógico, com o devido domínio das atividades nele elencadas;*
- => *Flexibilização e criatividade para lidar com situações imprevistas durante as aulas;*
- => *Progressão da intensidade das atividades;*
- => *Organização do espaço com os objetos [materiais de aula/recursos didáticos] e administração do tempo das atividades;*
- => *Intervenções adequadas dos professores, com o reforço positivo;*
- => *Voz de comando e pró-atividade dos professores;*
- => *Certificar-se de que todos os alunos tenham entendido a atividade e que alcancem o objetivo proposto;*
- => *Escolha de atividades que permitam a fluidez e a participação efetiva de todos os alunos;*
- => *Auxílio do apoio para o melhor desenvolvimento das aulas e para evitar 'gaps'.*

- 3) Agora, pediria a vocês que falassem pontos positivos, além de cuidados e desafios quando aplicados aos métodos de ensino trabalhados: recreativo, analítico, situacional, condicionados e transfert.

Grupo A [Turma A (Manhã)]

- *Recreativo: ludicidade; inclusão de todos, que também é um desafio.*
- *Analítico: meio de ensinar técnicas; o desafio é em relação à motivação dos alunos.*
- *Situacional/Condicionados: inclusão; com o condicionamento [Jogos Condicionados] é propiciada uma espécie de homogeneidade da turma.*
- *Transfert: propicia a utilização de mais de uma modalidade no mesmo jogo.*

Grupo B [Turma A (Manhã)]

- *Recreativo: válido em todos os níveis (de criança até alto rendimento); importante para motivar a descontrair; bom para início e volta à calma; sempre condicionado, seguindo regras.*
- *Analítico: mais 'engessado'; progressão técnica; foco no rendimento; muita repetição; o reforço positivo é muito importante; estabelecer objetivos para motivar; gera maior consciência da modalidade.*
- *Situacional: reproduzir situações do jogo; trabalha o cognitivo; tomada de decisão; auto-organização.*
- *Condicionados: componente lúdico; situacional; cognitivo; dinâmico; força o trabalho em equipe.*
- *Transfert: trabalha outras modalidades simultaneamente; 'transferência positiva'; aumento da bagagem motora.*

Grupo C [Turma A (Manhã)]

- *Recreativo: cuidar para não dispersar, não dar um "gap" muito grande. Bom de ser utilizado para integrar a turma, quando não se conhecem; no início, como forma de aquecimento e até no final, como volta à calma.*
- *Analítico: bom para desenvolver a técnica específica. Importante dar feedback e motivar a turma; cuidar o número de alunos, para que não haja muita espera na fila. Fazer variações periódicas para estimular.*
- *Situacional/Condicionados: bom para simular situações reais de jogo, situações "imprevisíveis". Jogos Condicionados podem ser utilizados para incluir a todos e buscar equilibrar o grupo de forma técnica, dificultando para aqueles mais talentosos, por exemplo.*
- *Transfert: boa dinâmica para desenvolver a melhora em diferentes capacidades motoras/cognitivas. Pode ser utilizado em qualquer parte da aula e concomitante com outras dinâmicas (recreativa/analítica), por exemplo.*

Grupo D [Turma A (Manhã)]

- *Recreativo: trabalha a multidisciplinaridade, caso o professor quiser. Trabalha a união do grupo. Por mais que o aluno não tenha interesse em determinada atividade, o Recreativo promove o interesse. [Parte] Final da aula.*
- *Analítico: Parte Principal da aula. Risco da atividade ficar monótona. O professor precisa prestar atenção na técnica e nas correções. O professor precisa incentivar a todo momento para tentar que o aluno não perca o interesse, pois o professor sabe a importância desse método para o jogo futuramente e o aluno não possui consciência disso.*
- *Situacional e Condicionados: Respeitar as regras. Professor incrementar situações de jogo. Parte Principal [da aula].*
- *Transfert: Trabalha várias modalidades. Parte Principal [da aula]. E propicia maior repertório motor aos alunos.*

Grupo E [Turma B (Tarde)]

- *Recreativo: é utilizado mais em séries iniciais, porém, também pode ser utilizado com outras idades, dependendo do objetivo e momento da aula (ex.: aquecimento). Um desafio é manter o foco da atividade.*
- *Analítico: é necessário mais materiais para desenvolver atividades neste método. Um ponto positivo é que se pode trabalhar a técnica de maneira específica. Um cuidado necessário é a motivação, para evitar que a atividade se torne maçante.*
- *Situacional: se pode trabalhar situações específicas do jogo, com o cuidado e atenção aos diferentes níveis de habilidades dos alunos. Da mesma forma, deve-se propor a experimentação, a cada aluno, nas diferentes possibilidades dentro da atividade.*
- *Condicionados: pode-se trabalhar tanto objetivos técnicos e táticos quanto atitudinais. Requer muita criatividade para a formulação de atividades que sejam apropriadas para a faixa etária da turma.*
- *Transfert: trabalha o desenvolvimento de diversas habilidades de diferentes esportes na mesma atividade. Exige criatividade para formular atividades. Requer cuidados com o espaço e as habilidades motoras dos alunos.*

Grupo F [Turma B (Tarde)]

- *Recreativo: bem utilizado em aquecimentos e atividades de volta à calma. Cuidado com a linguagem adequada à faixa etária. Incentivo à criatividade. Regras mais brandas.*
- *Analítico: desenvolvimento e reforço do gesto técnico. Evitar colunas longas, evitando a dispersão e o aumento do número de rejeições por aluno. Motivação tem papel fundamental para a adesão dos alunos.*
- *Situacional: Pouca utilização pelos Grupos [/Duplas de Trabalho]. Bom para o desenvolvimento da compreensão do jogo e seus momentos e espaços.*
- *Condicionados: induzir/estimular a melhor forma de interpretar os espaços do jogo. Torna a aula mais dinâmica e atrativa. Direcionar para o objetivo da aula.*

- *Transfert: proporciona desenvolvimento da coordenação motora. Contribuição de gestos de diferentes esportes para melhorar a percepção. Adequar à atividade fim.*

Grupo G [Turma B (Tarde)]

- *Recreativo: aconselhado em atividades de aquecimento e volta à calma, pela proposta lúdica e uma intensidade mais moderada. Buscar a participação de todos, e, se possível, trabalhar valores éticos e morais, assim como a socialização. Cuidar para não perder o controle da aula, e que a intensidade não exceda o objetivo principal da atividade.*
- *Analítico: desenvolvimento dos gestos motores específicos de cada fundamento. Estimular a participação de todos de maneira mais igualitária. Cuidar a monitoria da atividade, devido à criação de duplas e filas/colunas, e também para não haver 'gap' na montagem da atividade. Também cuidar para não haver muito tempo de espera para cada aluno.*
- *Situacional: atividades que simulam situações de jogo e que reforcem aspectos de tomada de decisão e estimulem a resolução de problemas nestas situações. Cuidar para trabalhar situações mais comuns durante o jogo, e não exceções, lances que quase não ocorreriam. Possibilitar que o aluno vivencie as duas faces das situações, com vantagem ou desvantagem na mesma atividade.*
- *Condicionados: atividades que utilizam o jogo para trabalhar determinadas habilidades, através de regras preestabelecidas, condicionando o modelo de jogo que se pretende. É usado para atividades de inclusão de Pessoas com Deficiência, já que as regras são criadas pelo professor. Cuidar a progressão da complexidade, e cuidar o cumprimento das regras.*
- *Transfert: utilização de materiais de outros esportes, podendo mesclar as habilidades de mais de um esporte para trabalhar um objetivo preestabelecido. Boa estratégia quando há escassez de materiais.*

- 4) **Por fim: a Práxis Pedagógica, desenvolvida ao longo deste módulo da disciplina de Futsal, poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física? De que maneira?**

Grupo A [Turma A (Manhã)]

Sim, porque nos propiciou uma vivência prática rica em atividades e em todas as aulas foram contextualizadas com os aspectos pedagógicos, que podem ser utilizados tanto no contexto escolar como em outros espaços de atuação do profissional de Educação Física.

Grupo B [Turma A (Manhã)]

Reaproveitar atividades com variedades e adaptações. Questões pedagógicas: comunicação com a turma; desinibir; criatividade.

Grupo C [Turma A (Manhã)]

Sim, os diálogos ao final da aula foram importantes para corrigir/elogiar determinadas práticas utilizadas, a fim de serem reaproveitadas em momentos futuros. As dinâmicas foram diversas e proporcionaram uma gama alta de respostas e soluções, as quais serão utilizadas ao longo de toda nossa docência.

Grupo D [Turma A (Manhã)]

Sim. As relações professor-aluno são fundamentais. A capacidade de perceber as necessidades da sua turma ou do público que irá atender adequando a teoria e a prática. A desinibição, perder o medo de falar em público perante a turma. Entender cada aluno e suas necessidades e saber adaptar as atividades conforme as atividades, mesmo depois delas terem sido iniciadas.

Grupo E [Turma B (Tarde)]

Sim, pelo dinamismo e diferentes propostas da disciplina, na qual foi exigida plena dedicação dos alunos. Houve grande interação entre os alunos e com o professor em todos os momentos das aulas.

Grupo F [Turma B (Tarde)]

Sim, nos colocando em situações muito próximas à realidade que futuramente iremos presenciar. Com a facilidade de ter o apoio crítico dos professores e colegas.

Grupo G [Turma B (Tarde)]

Acreditamos que a Práxis Pedagógica desenvolvida nessa disciplina nos oportunizou vivenciar de forma direta o desafio que é ministrar uma aula. Nesse contexto, foi possível aprender como desenvolver um Plano de Aula adequado e lidar com a imprevisibilidade que é tão comum nas Escolas, devido ao número de participantes e quantidade de materiais. Aprendemos também a dividir adequadamente as responsabilidades em ministrar as atividades, sabendo respeitar o momento do seu colega dar a aula, podendo auxiliar no andamento, porém, sem intervir na autoridade dele.

➤ **Demais questões levantadas após o debate em grande grupo (com toda a turma):**

- ✓ Questão do tempo no planejamento das aulas;
- ✓ Tom de Voz;
- ✓ Comando;
- ✓ Planos de Aula bem estruturados, com uma divisão em: Aquecimento, Parte Principal, Volta à Calma;
- ✓ Homogêneo = tentar incluir (?);

- ✓ Escola: em geral, não é possível fazer o Analítico (devido à quantidade de materiais);
- ✓ Recreativo: professor/a pode participar para desencadear a atividade; depois, deverá sair.
- ✓ Analítico: é preciso motivar para não ficar monótono (pode-se trabalhar a lateralidade específica melhor). Introduzir elementos psicomotores (para motivar e não tornar monótono);
- ✓ Condicionados: cuidar/observar as regras; delimitar bem a parada, durante o jogo, para explicar as mudanças de regras (para fazer as variações/evoluções); desenvolver a conscientização tática do jogo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), retornamos a algumas questões que nos colocamos ao longo do mesmo:

—> **Título:**

*“Práxis Pedagógica em Futsal:
Elementos de Estratégias Didáticas ao
Processo de Formação de Professores/as de Educação Física”*

-=> **Tema:**

*“Práxis Pedagógica em Futsal e sua contribuição ao processo de
Formação de Professores/as de Educação Física”*

=> **Problema de/a Pesquisa [Questão Orientadora/Diretriz ("Suleadora")]:**

*“A Práxis Pedagógica desenvolvida em uma disciplina de Futsal poderá
contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física?”*

=> **Questões de Pesquisa:**

- Quais os elementos/indicadores de estratégias didáticas da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS?
- Quais os pontos positivos, cuidados e desafios com os diferentes métodos de ensino utilizados durante uma aula de Educação Física?

- A Práxis Pedagógica proposta na disciplina de Futsal poderá contribuir para o processo de formação de professores/as de Educação Física?

-> Objetivo Geral e Objetivos Específicos:

- ❖ Identificar e analisar Elementos/Indicadores de Estratégias Didáticas da Práxis Pedagógica na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS que contribuam ao processo de Formação de Professores/as de Educação Física.
 - ✓ Verificar a opinião dos/as estudantes em relação ao momento da elaboração e apresentação dos Planos de Aula;
 - ✓ Apresentar e analisar elementos da Práxis Pedagógica, como as estratégias didáticas evidenciadas nas apresentações dos Planos de Aula;
 - ✓ Identificar pontos positivos, cuidados e desafios com os diferentes métodos de ensino utilizados durante as aulas;
 - ✓ Refletir sobre a contribuição da Práxis Pedagógica proposta na disciplina de Futsal para o processo de formação de professores/as de Educação Física.

-=> Instrumento Procedimental (Momentos, Estágios, Fases ou Etapas)

→ Etapa/Fase 1: Apresentação dos Planos de Aula em Duplas/Grupos de Trabalho, consistindo em:

- Entrega dos Planos de Aula;
- Análise das aulas de cada Grupo (pesquisador fazendo anotações de pontos pedagógicos);
- Debate ao final da aula, seguindo uma determinada ordem de fala:
 - 1.º) Fala da Dupla/Grupo que apresentou;
 - 2.º) Fala da Turma (grande grupo);
 - 3.º) Fala do professor e do monitor/pesquisador.

-> Etapa/Fase 2: Entrevista Estruturada para Grupos Focais (Questionário com questões/perguntas abertas).

- As turmas foram divididas em grandes grupos (4 grupos na turma da manhã – Turma A – e 3 grupos na turma da tarde – Turma B) [As duplas/grupos de trabalho foram separadas].

{Realizada ao final das apresentações, em um único dia após todo mundo já ter ministrado a sua aula em Dupla/Grupo}.

-=> Roteiro da Entrevista (Questões da Entrevista Estruturada para Grupos Focais)

[As turmas foram divididas em grandes grupos (4 grupos na turma da manhã e 3 grupos na turma da tarde)]:

- 1) Gostaria que vocês, de forma livre, comentassem o que acharam do momento das apresentações dos trabalhos em nossa disciplina.
- 2) Gostaria que vocês levantassem elementos importantes da Práxis Pedagógica – pontos pedagógicos e estratégias didáticas evidenciadas durante as aulas.
- 3) Agora, pediria a vocês que falassem pontos positivos, além de cuidados e desafios quando aplicados aos métodos de ensino trabalhados: recreativo, analítico, situacional, condicionados e transfert.
- 4) Por fim: a Práxis Pedagógica, desenvolvida ao longo deste módulo da disciplina de Futsal, poderá contribuir para o processo de Formação de Professores/as de Educação Física? De que maneira?

=> Dimensões de Análise

- Disciplina de Futsal contribuindo para o processo de formação de professores/as de Educação Física (Questões 1 e 4);
- Elementos da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula* (Questão 2);

- Pontos positivos, cuidados e desafios ao desenvolver os diferentes métodos de ensino trabalhados* (Questão 3).

* Nas situações das apresentações das Duplas/Grupos.

Pois bem, feita esta breve recordação, agora podemos passar às nossas análises finais.

5.1 Categorias de Análise

Ao fim deste trabalho, organizei em duas principais 'Categorias de Análise' os Elementos/Indicadores de Estratégias Didáticas (ou "ferramentas") elencados ao Processo de Formação de Professores/as de Educação Física em um contexto de Práxis Pedagógica em Futsal. Estas são:

❖ Elementos/Indicadores "Atitudinais":

Dizem respeito mais à postura/ação do/a professor/a no decorrer de uma aula; são elementos que, muitas vezes, exigem resposta rápida e/ou alguma criatividade e capacidade de improviso docente frente às atividades (em geral, aplicam-se a todos os métodos de ensino, ou seja, são independentes da metodologia que escolhermos trabalhar);

❖ Elementos/Indicadores "Metodológicos":

Referem-se principalmente às questões de ordem do planejamento prévio, as quais envolvem a escolha de metodologias ('Métodos de Ensino') e estratégias antecipadamente, e não necessariamente durante o decorrer de uma aula.

5.1.1 Categoria de Análise: Elementos/Indicadores "Atitudinais"

- Elementos/indicadores "Atitudinais" de estratégias didáticas da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS:

❖ **Motivação da Turma**

- ✓ Despertar a motivação da Turma, de forma intrínseca e extrínseca;
- ✓ Em atividades com alvos, estes podem funcionar tanto com um caráter lúdico como um motivador a mais em seu objetivo (dica: atividades que envolvem "Chute" geralmente pedem por algum 'alvo');
- ✓ O uso de materiais alternativos – como uma vassoura, para a condução da bola, ou outros tipos de bolas – pode ser um ótimo atrativo e um motivador a mais para a turma;
- ✓ Trabalhar com diferentes tipos de bola propicia multifunções entre grupos e também pode ser bastante motivador;
- ✓ Se houver um silêncio inicial muito grande, ao se começar qualquer atividade, pode ser um indício de que a turma não entendeu muito bem o objetivo do jogo ou que precisamos motivá-la mais;
- ✓ De um modo geral, a motivação que um/a professor/a dispensa à aula jamais poderá ser posta de lado, sob o risco de caminharmos para aulas chatas, monótonas, entediantes e desmotivadoras.

❖ Tom de Voz/Comando da Turma

- ✓ Tom de Voz: em certos casos, é interessante variar a entonação (falar mais alto/baixo; de diferentes maneiras; para chamar a atenção);
- ✓ Sobre a voz de comando, deve-se ser incisivo em determinados aspectos, por exemplo: "*Podem ou devem colocar os coletes?!"*. E, aqui, ser incisivo não é ser grosseiro ou agressivo, mas firme, demonstrando a intencionalidade na fala;
- ✓ Em relação à voz de comando: importante observar a sua projeção, isto é, não falar para baixo ou para o alto, e sim de frente para a turma, tentando projetar o som relativamente paralelo ao solo, além de não dar as costas à turma;
- ✓ Ao falar para a turma, não virar de costas para ninguém (não deixar um grupo da turma para trás ou de lado). Não sair caminhando de costas para a turma e falando/explicando a atividade ao mesmo tempo (novamente: importante cuidar a questão da projeção da voz);
- ✓ Ao explicar para a turma: não caminhar enquanto fala; elevar o tom da voz; não ficar distante de quem se fala. De preferência, explicar e depois dispersar o grupo. Se for necessário, pedir para que parem com a bola (exemplo: "*Segura a bola!*"), e só então falar;
- ✓ Ainda em relação à voz de comando: de preferência, agrupar a turma em círculo quando se for explicar, cuidando para que não fique pessoas atrás no momento de se falar. O círculo propicia: enxergar todo mundo; controlar melhor a turma; auxiliar no entendimento, até pela questão da projeção da voz;
- ✓ Se tiver pessoas conversando enquanto o/a professor estiver tentando explicar, não se fala. Espera-se o silêncio e que todo mundo esteja prestando atenção em você para só então falarmos. Às vezes, pode ser necessário termos de chamar a atenção da turma para que parem e nos escutem, seja utilizando um apito, assovio ou berro mais alto: "*Parou!*"; "*Segura!*"; "*Comigo!*"; "*Aqui!*"; "*Segura a bola!*";

- ✓ Outra possibilidade para ver se a turma está atenta: ao se iniciar um jogo qualquer, fazer a seguinte pergunta, em tom alto de voz: "*Quem quer a bola?*" ou "*Quem quer bola?*". A equipe/grupo que responder "*Eu/Nós!*" primeiro levará a bola, a qual estaria em posse do/a professor/a até então;
- ✓ Comando da Turma: atrelado ao comando de uma turma, faz-se necessário ser proativo, saber utilizar bem o tom correto de voz e manter um adequado posicionamento em quadra.

❖ **Uso do Apito**

- ✓ Uso do Apito: poupa a nossa voz e pode ser um sinalizador mais eficiente do que a utilização de palavras, dependendo da atividade;
- ✓ Sobre o uso do apito: silvos breves e curtos para identificar o começo (um silvo) e a parada (dois silvos) das atividades, delimitando melhor os espaços/tempos do jogo – um gol/ponto pode ser sinalizado por meio de um silvo mais longo;
- ✓ Usar o apito para, entre outras coisas, parar a atividade e delimitar novas regras e/ou variações/evoluções (demarcar bem a parada, durante o jogo, para explicar as mudanças de regras). Em suma, usos do apito: para chamar a atenção individual ou coletiva da turma; para parar a atividade; para dar comandos previamente combinados que trarão alguma modificação à atividade (evolução/variação);
- ✓ Outra possibilidade é a utilização de bater 'palmas' para se trocar algum sentido em uma determinada atividade (em vez do uso da fala ou do apito);
- ✓ Há outros mecanismos que podemos fazer uso, para além da voz: apito; gestos corporais; movimentos (padronizados ou pré-combinados); palmas; etc.

❖ **Uso do Relógio**

- ✓ Uso do Relógio: controle do tempo das atividades.

❖ **Sequência de Passos Padrão em uma Atividade Qualquer**

- ✓ *Instrução/Explicação da Atividade* (primeiro elemento);
 - ✓ *Demonstração* (antes de liberar a atividade: chamar "habilidosos" e/ou mais "agitados" para auxiliar, se possível);
 - ✓ *Correção* (durante a atividade);
 - ✓ *Reforço Positivo* (durante a atividade);
 - ✓ *Feedback* (durante e após a atividade).
-
- ✓ Para atividades mais complexas: explicação + demonstração (itens obrigatórios!).

❖ **Instrução/Explicação da Atividade: Questionamentos à Turma**

- ✓ Possíveis perguntas para saber se a turma entendeu a explicação recém feita:
 - *"Tudo bem, pessoal?"*;
 - *"Tudo mundo entendeu?"*;
 - *"Alguma dúvida?"*;
 - *"Podemos começar?"*;
 - *"Então tá!"*;
 - *"Vamos lá, então!"*;
 - *"Pode começar!"*;
 - *"Valendo!"*;
 - *"Foi!"*.
- ✓ (Não se esquecer de explicar a atividade e questionar a turma em relação a essas perguntas);

- ✓ Evitar perguntas dúbias ou de difícil entendimento, as quais podem ser utilizadas para se sabotar a atividade que pretendemos realizar. Por exemplo: "*Querem fazer mais uma vez ou não? Não?! Tá, vamos fazer mais uma então!*".

❖ **Disposição Espacial**

- ✓ Sobre a disposição espacial: primeiro se explica, depois dispersamos a turma. A não ser, eventualmente, em atividades mais específicas, que demandam maior complexidade, as quais serão demonstradas antes de se dar o seu devido início;
- ✓ Realizar o Início e o Término das Aulas em Círculo/Roda.

❖ **Posicionamento em Quadra**

- ✓ Posicionamento em Quadra: nem tão distante, nem tão perto da bola. Importante que a nossa posição permita uma ampla visão do espaço de jogo em cada atividade, permitindo visualizar a atividade como um todo e se fazer as devidas alterações com mais facilidade;
- ✓ Em relação ao posicionamento em quadra: estar sempre se deslocando costuma auxiliar na melhor visualização das atividades, além de diminuir a ansiedade e o nervosismo – para quem se sentir assim durante a aula –, pois pode propiciar o sentimento de pertencimento e até "posse" do pedaço, ajudando a relaxar e dar mais tranquilidade para o momento.

❖ **Organização do Espaço e das Atividades**

- ✓ Observar a delimitação do espaço físico da quadra de jogo para cada atividade;
- ✓ Organização do espaço com os objetos (materiais de aula/recursos didáticos): Posicionar os materiais utilizados em aula (goleira, cones, coletes, etc.)

antecipadamente. De preferência, antes de começar a próxima atividade, e não durante a mesma – em boa parte dos casos será obrigatório posicioná-los previamente ao início da atividade;

- ✓ Importante a organização prévia antes de se iniciar uma atividade qualquer! Em atividades de disputa entre colunas, por exemplo, faz-se necessário haver um equilíbrio entre elas. Portanto, precisamos contar quantas pessoas há por coluna e ajustar a sua quantidade de maneira equivalente, sempre que for preciso;
- ✓ Cuidar para que o tempo de espera nas atividades que exigem colunas não seja demasiado longo (evitar dispersão e/ou possíveis confusões e brincadeiras aleatórias). Além disso, dispor as colunas em lugares bem determinados;
- ✓ Para se ajustar as quantidades diferentes das colunas, pode-se fazer a coluna que tem uma pessoa a menos realizar a atividade uma vez a mais;
- ✓ Em atividades em que a turma é dividida em colunas, cada uma delas com uma tarefa diferente: deve-se trocar as pessoas de coluna para que todo mundo vivencie as tarefas das outras colunas. Nessas atividades em coluna, principalmente se estivermos preocupados/as com a técnica e não com a competição, devemos: observar a correção (feedback); a motivação da turma; o reforço positivo; e a correta instrução das tarefas – importante demonstrar as tarefas antes de começar a atividade. Porém, se quisermos fazer uma competição entre as colunas, todo mundo deve ter vivenciado a experiência das outras colunas. Além disso, precisamos pensar em maneiras de tornar a competição justa entre as colunas, visto que as suas tarefas serão diferentes entre si, ou seja, pode ser que uma delas encontre vantagens em uma disputa com as demais – lembrando a questão de haver justiça nos jogos. Importante, também, a boa administração do tempo em tais atividades;
- ✓ Em atividades em que a turma será dividida em dois grandes grupos, sendo que cada grupo irá executar a mesma tarefa, só que em goleiras opostas em uma quadra de jogo: podemos chamar e agrupar toda a turma, exemplificar a atividade em uma das goleiras, e só então dividi-la nas duas quadras. Porém, caso a opção seja pela divisão espacial antes da explicação, serão necessárias algumas instruções, como: "*Prestem*

atenção aqui que vocês vão fazer o mesmo aí!"; "Esperem eu explicar para o outro grupo para podermos começar!";

- ✓ Quando se dividir a turma entre dois jogos diferentes, mas que ocorrem concomitantemente, não esquecer de trocar as equipes nas quadras, a fim de que possam vivenciar o outro modelo de jogo proposto na outra atividade – a qual estará acontecendo simultaneamente;
- ✓ Exemplo de uma estratégia didática para se dividir uma turma: se queremos 4 grupos, enumerar as pessoas com números de 1 até 4, contando: 1, 2, 3, 4; 1, 2, 3, 4; 1, ... (automaticamente, teremos os grupos divididos aleatoriamente e em quantidades iguais ou diferindo em apenas uma unidade);
- ✓ Para se ajustar equipes com quantidades diferentes de jogadores/as, pode-se utilizar a estratégia de curingas e/ou apoios;
- ✓ Em atividades em que se precisem formar duplas: evitar instruções como: *"Podem formar duplas!"* – salvo algumas raras exceções que não prejudiquem o andamento do que tenha sido pensado. Nesses casos, ao dar tal comando, o mais provável é que se formem as "panelinhas", ou seja, as pessoas mais próximas e com mais relações de amizade irão formar duplas, ficando os/as com mais timidez retraídos e/ou isolados/as. Além do mais, isso não irá incentivar o convívio entre todas e todos e nem a sociabilização da turma, conforme pretendemos em nossos objetivos de aula. Para tanto, caso não seja dado nenhum comando no início da atividade, o mais acertado será trocar as duplas durante a mesma, fazendo isso rapidamente e sem permitir tempo hábil para que se escolha com quem se quer ficar (por exemplo: *"Agora, troquem de dupla com a pessoa mais próxima! Rápido! Rápido! Vamos lá!"*);
- ✓ Em alguns casos, quando quisermos dividir um grupo em duas equipes, uma possibilidade será chamarmos dois 'líderes' na turma – pessoas com mais autoconfiança, sempre participativas, dispostas a ajudar, em geral 'habilidosas'. Utilizar frases como *"se dividam em duas equipes"* podem ser problemáticas, pois podem surgir muitas 'panelinhas' e um dos times ficar muito mais forte do que o outro. Por isso, dependendo do processo que estivermos com a turma, dois líderes poderiam

escolher as equipes – veja que essa opção deve ser muito bem analisada pelo/a professor/a antes, visto que nem sempre é uma boa escolha;

- ✓ Em uma aula em que tenhamos balões, um dos primeiros cuidados é o pedido à turma para que não os estourem. Após isso, se possível, pode ser interessante fazer a própria turma enchê-los, para que se sintam parte do processo de construção da aula. Além disso, caso os balões sejam utilizados no Aquecimento e/ou na Parte Principal, terminando por ter o seu uso feito na Volta à Calma, se não pretendermos usá-los em outra aula, algo que desperte a atenção da turma e a envolva pode ser uma atividade que necessite se estourar tais balões. Sendo assim, sempre que possível, deve-se estourar os balões ao final de uma aula;
- ✓ Evitar deixar uma bola com algum grupo sozinho se não houver nenhum objetivo já delimitado a esse grupo (senão, pode virar bagunça ou brincadeira fora do contexto da aula). Paralelo a isso, deve-se recolher as bolas ao término de cada atividade, caso elas não sejam utilizadas em seguida (exemplificando o que poderia ocorrer: chutar a bola de Futsal tentando acertar a cesta de Basquete);
- ✓ Sempre que possível, deve-se aproveitar as próprias linhas da quadra para se demarcar as áreas de um jogo ou o seu uso em uma atividade qualquer.

❖ **Evitar "Gaps"**

- ✓ Evitar os "Gaps" (sejam eles intra ou interatividades): termo usado por nós para delimitar uma lacuna, brecha, interrupção, intervalo de tempo muito grande intra ou interatividades [intervalo entre atividades subsequentes ou entre a mesma atividade (intervalos/pausas inter e intra-atividade)];
- ✓ Sobre a questão de se "perder" tempo, em relação às explicações iniciais de uma atividade: às vezes, em certos casos, uma possibilidade é não se explicar tudo, deixando acontecer um pouco o jogo (para desencadear uma situação problema). E, depois, alterar ou delimitar melhor as regras da atividade – contudo, isso só é válido para casos bem específicos, além de depender da turma em que se trabalha. Porém, as

instruções que são dadas antes de uma atividade começar devem ser inteligíveis, precisas, não ambíguas, de maneira a conduzir com segurança a turma na realização de um jogo ou uma atividade qualquer.

❖ **Progressão Pedagógica das Atividades (Ordem de Complexidade)**

- ✓ Progressão Pedagógica das Atividades: observar a coerência na Progressão das Atividades e a coerência dos conteúdos trabalhados (conforme a faixa etária e o local de trabalho). Partir sempre do 'Simples para Complexo' e do "mais fácil para o mais difícil". Aumentar a intensidade da atividade aos poucos, quando ela fizer parte dos objetivos. Não se esquecer de fazer as Variações e/ou Evoluções;
- ✓ Possibilidades de Variações/Evoluções para se aumentar a intensidade de uma atividade (realizar a progressão de maneira 'coerente'): reduzir o tamanho da quadra; diminuir/aumentar o número de bolas e/ou goleiras; aumentar/diminuir o número de jogadores/as; demarcar tarefas controladas por tempo; motivação verbal e/ou por apito do/a professor/a; etc.;
- ✓ Promover atividades de acordo com as capacidades de realização da turma (cuidar para que o desafio não seja superestimado e impossível de ser alcançado naquele momento, o que poderia desanimar a turma; por outro lado, também não se deve subestimar as/os estudantes, o que as/os levaria ao tédio).

❖ **Variações/Evoluções de uma Atividade**

- ✓ Sempre que for trocar de atividade ou fazer alguma variação/evolução na mesma, deve-se pará-la para explicar quais serão as mudanças dali para frente (não se pode trocar a atividade sem que as/os estudantes tenham entendido tudo);
- ✓ Importante a evolução de algumas atividades, como as de "bobinho", pois a competição, em boa parte das vezes, pode trazer motivação à turma e alegria para a aula;

- ✓ Uma possível evolução para atividades que envolvam alvos será justamente a diminuição dos mesmos. Com isso, o desafio é aumentado, com a possibilidade de se motivar ainda mais a turma a tentar conseguir o objetivo proposto – além da voz de comando, com o incentivo à atividade, por meio do desafio realizado à turma;
- ✓ Percepção de quando a atividade se "esgota": momento de trocá-la e/ou fazer alguma variação. Quando o limite da atividade for atingido/superado, será necessário trocá-la ou fazer evoluções/variações (*'curingas'* e *'apoios'* também são elementos que podem modificar bastante uma atividade, dando um tom e caráter distintos a ela). Nem sempre só a motivação extrínseca do/a professor/a será suficiente para despertar a motivação intrínseca do/a estudante. No entanto, não podemos fazer com que atividades monótonas e/ou sem desafios a serem atingidos ou mesmo superados acabem por desmotivar uma turma.

❖ Cuidados Essenciais

- ✓ Cuidado #1: Segurança (devemos sempre pensar nos possíveis riscos de cada atividade para tentar evitar qualquer problema no decorrer da aula);
- ✓ Cuidados #2: Inclusão (Pessoas com Deficiência: Deficientes Visuais, Cadeirantes; "menos habilidosos"; etc.), Relações de Gênero (Gurias Vs. Guris), Diversidade (Questões: Negros/Indígenas; LGBTQIA+);
- ✓ As atividades desenvolvidas deverão propiciar a sociabilização, a integração e a autoestima;
- ✓ Observar a participação da turma, por exemplo: mais pessoas em um jogo significa, normalmente, menos toques na bola;
- ✓ As atividades que trabalham com toque, contato corporal, precisam de um processo de sensibilização anterior para serem aplicadas em uma aula com uma turma. Há uma questão cultural muito forte na nossa sociedade. A cultura brasileira, e boa parte da

mundial também, é super erotizada; em contrapartida, as pessoas têm receio/timidez/vergonha – às vezes – de se tocar, encostar em seus próprios semelhantes com partes simples de seus corpos, como mãos com mãos, braços com braços, costas com costas, etc.;

- ✓ Importante acolher estudantes que, porventura, cheguem atrasados/as, contextualizando a aula e explicando a atividade atual a essas pessoas (às vezes, poderá ser preciso recompor os grupos ou reorganizar o jogo já estabelecido).

❖ **Pessoas com Deficiência**

- ✓ Em aulas com deficientes visuais, principalmente nas que envolvem alvos, algum chamariz será necessário. Nestas, precisaremos de alguém fazendo um barulho ao lado/atrás da trave do gol, a fim de que o/a deficiente visual possa se guiar pelo som e saiba para onde deve lançar a bola;
- ✓ Para aulas com deficientes visuais: importante o pedido de silêncio e a instrução de como conduzir o/a deficiente visual;
- ✓ Como o/a deficiente visual se guia muito pelo som, talvez um pedido de maior silêncio, em algumas aulas, seja conveniente para o trabalho que pretendemos desenvolver com a turma;
- ✓ Deve-se incluir o/a deficiente visual nas atividades adequadamente. Às vezes, ele/a poderá atuar em uma função mais periférica ou de apoio dentro de um jogo. Todavia, há momentos que a sua participação precisa – e deve! – ser valorizada, reconhecida e incentivada, ainda que isso, porventura, acabe desagradando alguns mais competitivos no interior de uma turma;
- ✓ A delimitação espacial (quadra de jogo) é muito importante, ainda mais em casos com deficientes visuais! Faz de suma importância uma explicação que dê elementos propícios a uma visualização mental de como a atividade deve transcorrer. Sem isso,

o/a deficiente visual não terá como saber nem ter ideia do que está acontecendo no ambiente do jogo;

- ✓ Ressaltando: a orientação espacial é fundamental e de suma importância para o/a deficiente visual! Com isso, ele/a conseguirá ter uma noção espacial do jogo como um todo, entendendo-o melhor;
- ✓ Uma possibilidade para se trabalhar com deficientes visuais é se dividir a turma em dois grandes grupos: um com deficiente visual; outro sem deficiente visual. Ainda assim, é interessante haver trocas entre quem está participando em cada grupo, a fim de que todo mundo possa interagir na atividade com o/a deficiente visual. Por outro lado, isso pode dificultar um pouco o controle da turma, em virtude da divisão espacial que irá ocorrer com essa estratégia didática – portanto, seria bem propício a um trabalho em duplas, por exemplo;
- ✓ Em uma aula com cadeirantes, é preciso desafiar todo o grupo, e não só voltar a aula para o/a cadeirante;
- ✓ Importante: chamar o/a cadeirante pelo seu nome, e não usar o termo '*cadeirante*';
- ✓ Sobre a atividade '*pega-pega paralítico*': não denominá-la desta maneira – pois faz referência à deficiência física do cadeirante; mas sim, usar algo como '*pega-pega estátua*';
- ✓ Um/a cadeirante também pode participar de outras maneiras das atividades, seja como árbitro/a, auxílio, etc. (há outras tarefas que podemos incluí-lo/a).

❖ **Postura Docente**

- ✓ De preferência, o/a professor/a que está ministrando a aula não deve se envolver diretamente com a atividade executada – salvo algumas exceções, como para uma motivação inicial ou em alguma atividade mais descontraída e que não exija a sua atuação no papel docente –, pois tem outras obrigações (observar gesto motor; cuidar

desenvolvimento da atividade; não descuidar da segurança; dar atenção às regras do jogo; etc.). Contudo, em uma Volta à Calma, por exemplo, em geral não haverá grandes problemas em sua participação na atividade;

- ✓ Em Colégio ou Escolinha: cuidar a segurança nas atividades, inclusive com a vestimenta mais adequada possível às aulas, tanto para o/a professor quanto para os/as estudantes (relógio – para o/a professor/a –; tênis adequado; roupa confortável);
- ✓ Importante ressaltar essa questão de segurança para a turma sobre a vestimenta, tanto dos/as estudantes (roupas/tênis adequados e confortáveis) quanto dos/as professores/as (roupas/tênis adequados e confortáveis e condizentes com a "postura" que devem manter no comando da turma – isto é, que sejam propícios à prática de Esportes, por exemplo, e que possam incitar a vontade por fazer atividades físicas; logo, *calça jeans* não é uma boa opção para o uso no trabalho docente).

❖ Terminologia

- ✓ Outro detalhe, sobre a terminologia que usamos: cuidar com as trocas de significado e de uso entre os termos 'colunas' e 'filas/fileiras'. Ao se optar pela utilização de um deles com um determinado sentido, mantê-lo sempre assim até o fim não somente daquela aula, mas de todo o trabalho com aquela turma.

❖ Incentivar os/as 'Líderes' e as pessoas "menos habilidosas"

- ✓ Cuidar os/as estudantes que são uma espécie de 'líderes' na turma, pois essas pessoas podem ser importantes influenciadoras de comportamentos dentro da aula. Portanto, devem ser trazidas para o nosso lado, valorizando-se a sua participação e incentivando para que sejam motivadoras de suas/seus colegas;
- ✓ De maneira análoga, as pessoas com "menor habilidade", seja por estarem em outras fases de maturação ou por não terem tido a oportunidade de desenvolver as suas

capacidades psicomotoras adequadamente, também devem ser incentivadas e valorizadas, ao seu próprio modo.

❖ **Estafetas**

- ✓ Estafetas são atividades que costumam ser de fácil adaptação com os fundamentos do Futsal, como Condução, Passe, Domínio, Chute, etc. Sendo assim, não é muito difícil utilizar uma mesma atividade de estafeta como base para se criar uma série de atividades derivadas. Importante: demonstrar uma atividade de estafeta antes de executá-la;
- ✓ Nas atividades analíticas e/ou de estafeta, pode-se fazer as primeiras (uma ou duas) vezes sem competição, visando a técnica e a compreensão da atividade (para o seu devido entendimento por toda turma). Após todo mundo entendê-la, motiva-se a turma a fazer com mais intensidade ou em sistema de competição mais séria entre os grupos.

❖ **Desenvolver a Lateralidade**

- ✓ Em questões psicomotoras: fazer variações com o pé dominante e não dominante (desenvolver a lateralidade). Sempre fazer as atividades com as duas mãos e com os dois pés.

❖ **Estimular a Sociabilização**

- ✓ Em atividades de duplas/trios, as trocas entre as duplas/trios, durante a atividade, pode servir para se aumentar a motivação ou mesmo para se estabelecer alguma variação, ao mesmo tempo em que se trabalha a sociabilização.

5.1.2 Categoria de Análise: Elementos/Indicadores "Metodológicos"

- Elementos/indicadores "Metodológicos" de estratégias didáticas da Práxis Pedagógica evidenciados nas apresentações dos Planos de Aula na disciplina de Futsal do curso de Educação Física da ESEFID UFRGS:

❖ Atividade Recreativas

- ✓ As Atividade Recreativas (de Lazer e/ou Lúdicas) têm algumas características, tais como: exigem motivação (intrínseca e extrínseca); é preciso 'entrar no jogo' (empolgar a turma, com emoção); propiciam mais sorrisos (com a participação de todo mundo).
Obs.: Não é porque é 'Recreação' que vai se poder aplicar a qualquer faixa etária;
- ✓ As Atividades Recreativas podem propiciar: envolvimento do grupo com a aula; trabalho em equipe; cooperação intra ou intergrupos, dependendo da atividade. Com tudo isso, em alguns casos, o nosso trabalho com a parte motivacional pode ser bastante facilitado. Não obstante, é importante o cuidado para não esquecermos da motivação dada à turma por nós;
- ✓ Não se esquecer da motivação em Atividade Recreativas! Não é porque tem traços de ludicidade que será garantia de sucesso e de que a turma fará com o máximo de empenho (Obs.: Professor/a pode participar para desencadear a atividade; depois, deverá sair);
- ✓ Recreativo: válido em todos os níveis (de criança até alto rendimento); importante para descontrair (proposta lúdica); bom para início de aula (aquecimento) e volta à calma; facilita para trabalhar a transdisciplinaridade;
- ✓ Recreativo: cuidar para não dispersar (um desafio é manter o foco da atividade). Bom de ser utilizado para integrar a turma, quando não se conhecem (trabalha a união do grupo). Incentivo à criatividade. Regras mais brandas. Intensidade mais moderada. Buscar a participação de todos, e, se possível, trabalhar valores éticos e morais, assim

como a socialização. Cuidar para não perder o controle da aula, e que a intensidade não exceda o objetivo principal da atividade.

- ✓ Em atividades de caráter lúdico, normalmente há uma interação entre colegas, fazendo-se necessário que exista uma cooperação mínima entre as/os estudantes;
- ✓ Cuidar com as pessoas que têm dificuldade de se envolver com uma atividade lúdica – seja por vergonha/timidez ou outro motivo qualquer. É preciso motivar a turma;
- ✓ Em geral, as Atividades Recreativas possibilitam uma série de variações/evoluções. Com poucas atividades sendo utilizadas como base não se é muito difícil montar várias aulas com esta temática.

❖ **Atividades Analíticas**

- ✓ Atividades analíticas, em geral, exigem mais envolvimento e motivação de quem ministra a aula (é preciso motivar para não ficar monótono). Pode-se trabalhar a lateralidade específica melhor, introduzindo elementos psicomotores (para motivar e não tornar monótono, por exemplo);
- ✓ Em atividades mais analíticas, para além da motivação do/a professor/a (exemplo: "*Quem fizer, ganha!*"), são necessárias variações/evoluções ('progressão técnica') para não se perder a motivação da turma, e não deixá-las com uma mesma repetição por muito tempo (fazer variações periódicas para estimular);
- ✓ No analítico, o reforço positivo é muito importante, assim como precisamos prestar atenção na técnica e nas correções (desenvolvimento e reforço do gesto técnico específico de cada fundamento), além de estabelecer objetivos para motivar. Tudo isso pode gerar maior consciência da modalidade;
- ✓ Nas atividades analíticas, deve-se evitar colunas longas, para minimizar a dispersão e o aumento do número de rejeições à atividade por estudante;

- ✓ Se tivermos à nossa disposição mais materiais para desenvolver atividades analíticas, é interessante fazermos uso deles. Um ponto positivo disso é que poderemos trabalhar a técnica de maneira específica (Obs.: Em geral, não é possível fazer o trabalho analítico nas Escolas adequadamente – devido à quantidade de materiais);
- ✓ Em atividades analíticas, muitas vezes, podemos fazer competições – em geral, a competição motiva tanto na Escola, como na Escolinha ou em outros contextos. Porém, com o tempo, pode acabar sendo difícil introduzir o analítico – e até desmotivador! –, caso não haja uma alternância entre as metodologias utilizadas durante e entre cada aula;
- ✓ Ao se dividir a turma em dois grandes grupos, em lados distintos da quadra, lembrar de cuidar os dois lados. Uma possível vantagem de se dividir a turma desta maneira é a diminuição do tempo de espera, para atividades mais analíticas. Uma possível desvantagem ocorre justamente por ser mais difícil de controlar toda a turma;
- ✓ Associar a ludicidade, quando possível, às atividades analíticas para torná-las mais atrativas;
- ✓ Em uma atividade de caráter mais analítico, devemos observar: o caráter competitivo; precisamos dar mais motivação à turma; fazer a correção do gesto motor (feedback); dar o reforço positivo (para estimular a maior participação); e lembrar as instruções, caso haja alguém "perdido" na atividade.

❖ **Atividades Situacionais**

- ✓ Uma Atividade Situacional deve buscar reproduzir alguma situação específica do jogo. Deve trabalhar o cognitivo, a tomada de decisão e a auto-organização;
- ✓ Deve-se simular situações reais/específicas de jogo – com o cuidado e atenção aos diferentes níveis de habilidades dos/as estudantes – que reforcem aspectos de tomada de decisão e estimulem a resolução de problemas nestas situações; trabalhar também com situações "imprevisíveis" (desenvolver a 'imprevisibilidade' específica e geral);

- ✓ Deve-se propor a experimentação, a cada estudante, nas diferentes posições dentro da atividade. Possibilitar que o/a estudante vivencie as duas faces das situações, com vantagem ou desvantagem na mesma atividade;
- ✓ Auxiliam no desenvolvimento da compreensão do jogo e seus momentos e espaços;
- ✓ Cuidar para trabalhar situações mais comuns durante o jogo, e não exceções (lances que quase não ocorreriam).

❖ Jogos Condicionados

- ✓ Nos Jogos Condicionados, o/a professor/a tem de saber o que quer para a atividade: função tática do jogo; desenvolvimento dos objetivos da aula; etc.;
- ✓ Por meio de um Jogo Condicionado, pode ser propiciado uma espécie de homogeneidade da turma, devido às regras que serão modificadas e adaptadas conforme o contexto. Assim, eles podem ser utilizados para incluir a todos/as (ótimo para a inclusão de Pessoas com Deficiência e as pessoas "menos habilidosas") e buscar equilibrar o grupo de forma técnica, dificultando para aqueles/as mais talentosos/as, por exemplo;
- ✓ Pode-se trabalhar tanto objetivos técnicos e táticos quanto atitudinais. Requerem muita criatividade e consciência para a formulação de atividades que sejam apropriadas para a faixa etária da turma;
- ✓ Um dos elementos fundamentais dentro do Futsal é a *imprevisibilidade*. Nesse sentido, os Jogos Condicionados podem ser uma boa alternativa a auxiliar no desenvolvimento desse item;
- ✓ O jogo – seja ele condicionado ou não, mas de forma mais global –, na maior parte dos casos, costuma ser o ápice, apogeu, o *clímax* de uma aula;

- ✓ Em um Jogo Condicionado mais global, precisamos de: regras bem estabelecidas e delimitadas; bom desenvolvimento da atividade; segurança dos/as participantes. Além disso, apesar de jogos assim serem normalmente 'automotivadores', não devemos descuidar do papel de incitar e motivar, sempre que for preciso;
- ✓ Jogos Condicionados podem ter alta complexidade e elevado dinamismo, exigindo muita atenção e concentração da turma. Em geral, forcem o trabalho em equipe;
- ✓ Em geral, os Jogos Condicionados costumam ser motivadores por si só, em contraste com algumas atividades analíticas, as quais exigem maior motivação da parte do/a professor/a em relação à turma;
- ✓ Cuidar para não sobrar muito pouco tempo para os Jogos Condicionados. Por serem atividades, em geral, situadas no clímax da aula, elas acabam envolvendo bastante o pessoal. Além do mais, os Jogos Condicionados permitem "jogarmos" com a questão do tempo de maneira mais fácil, pois eles costumam se ajustar bem ao tempo que queiramos que tenham – auxiliando, com isso, uma aula a fechar a sua duração completa no tempo exato preestabelecido;
- ✓ Nos Jogos Condicionados não podemos limitar tanto as regras, para não 'engessar' o jogo ("engessar" um jogo é torná-lo parado, duro, trancado, inflexível; monótono, sem graça, desmotivante; etc.);
- ✓ Mesmo que determinado jogo esteja fluindo bem, caso haja alguma infração às suas regras, conforme estabelecido previamente à atividade, é imprescindível que seja cobrada tal infração (seja ela uma falta ou um penalty/pênalti). As regras do jogo serão cobradas, em um momento ou em outro. Basta alguém achar que o jogo não está justo para um dos lados. Para tanto, temos de acompanhar de perto o desenrolar da atividade, senão, pode dar problema;
- ✓ Quando um Jogo Condicionado não está explorando as estratégias de jogo conforme os nossos objetivos, podemos dar dicas às equipes, por exemplo: "*Apoio também joga!*"; "*Usa os curingas!*";

- ✓ Os Jogos Condicionados são as perfeitas ocasiões para se utilizar 'curingas' e 'apoios' em suas atividades! Além disso, temos diversos outros materiais e possibilidades pedagógicas, tais como: as inúmeras variações no tamanho da quadra de jogo; da quantidade e dos tipos de bola (Futsal, Futebol, Vôlei, Handebol, Basquete, Rugby, Tênis); no número de participantes por equipe; dos alvos/metaboljetivos do jogo (com mais goleiras/goleirinhas); cones; pratos demarcatórios ("chinesinhos"/"chinês"); coletes; arcos (bambolês); cordas; balões; jornais; etc.;
- ✓ Um Jogo Condicionado pode propiciar condições que nos façam desfocar um pouco de um dos maiores – se não o maior – objetivos de um jogo de Futsal: o 'Gol'. No entanto, se isso é feito, não é à toa! Há uma razão e intencionalidade por detrás de cada Jogo Condicionado. Buscando equacionar uma solução problema, acabamos por bolar estratégias de jogo e/ou desenvolver componentes físicos/técnicos/táticos importantíssimos ao Esporte Futsal. Uma exemplificação disso é um jogo em que a troca de 5 passes entre a mesma equipe, sem a outra interceptar a bola, vale mais pontos do que marcar um gol no adversário – assim, estaríamos estimulando altamente o fundamento do 'Passe' e menos o do 'Chute', por exemplo;
- ✓ Da mesma maneira como acontece com as Atividades Recreativas, os Jogos Condicionados possibilitam uma série de variações/evoluções (sempre cuidar a progressão da complexidade). Portanto, com poucas atividades sendo utilizadas como base, não deveremos encontrar muitas dificuldades para se montar várias aulas com esta temática;
- ✓ Sendo assim, alguns itens são imprescindíveis à nossa observação durante os Jogos Condicionados. Dentre eles, destacamos: o correto desenvolvimento da atividade, com a conscientização tática do jogo (e conforme os nossos objetivos); a observação (cuidado!) das regras da atividade; a segurança da turma enquanto participa da aula;
- ✓ Em suma, nos Jogos Condicionados podemos: induzir/estimular a melhor forma de interpretar os espaços do jogo. Tornar a aula mais dinâmica e atrativa. Direcionar para o objetivo da aula.

❖ **Método Transfert**

- ✓ Propicia a utilização de mais de uma modalidade no mesmo jogo, pois trabalha outras modalidades simultaneamente; há uma 'transferência positiva'; além de um aumento da bagagem motora (maior repertório motor aos estudantes);
- ✓ O método transfert oferece uma boa dinâmica para desenvolver a melhora em diferentes capacidades motoras/cognitivas. Pode ser utilizado em qualquer parte da aula e concomitante com outras dinâmicas (recreativa/analítica/condicionados);
- ✓ Trabalha o desenvolvimento de diversas habilidades de diferentes esportes na mesma atividade. Exige criatividade para formular atividades. Requer cuidados com o espaço e as habilidades motoras dos/as estudantes;
- ✓ Proporciona o desenvolvimento da coordenação motora. Contribuição de gestos de diferentes esportes para melhorar a percepção. Deve-se adequá-lo à atividade fim;
- ✓ Em resumo, no método transfert temos a utilização de materiais de outros esportes, podendo mesclar as habilidades de mais de um esporte para trabalhar um objetivo preestabelecido. Ele pode se converter numa boa estratégia quando há escassez de materiais.

❖ **Estrutura de um Plano de Aula**

- ✓ Um Plano de Aula bem estruturado deve conter uma adequada divisão em: Aquecimento, Parte Principal, Volta à Calma;
- ✓ No planejamento de um Planos de Aula, devem ser consideradas as três 'Dimensões de Ensino': *Atitudinal, Conceitual, Procedimental*;
- ✓ Em relação à estrutura de um Plano de Aula, às vezes, pode ser interessante a formatação dele sendo pensada em momentos de "*quebra de estilo/metodologia*" entre as atividades de uma aula. Por exemplo: começarmos com uma atividade de

Aquecimento utilizando um Jogo Condicionado; daí, "quebra" ao se encaminhar para a Parte Principal, passando para uma atividade analítica (seja ela estática ou mais dinâmica); e, então, depois voltamos para um outro Jogo Condicionado. Esses são diferentes momentos da aula, nos quais a turma nos dará respostas de acordo com cada um deles. Portanto, pensar bem na estrutura e o que queremos de resposta da turma – para cada momento de uma aula – também é muito importante a fim de antecipar imprevistos e/ou situações indesejadas no decorrer do nosso trabalho docente;

- ✓ Um Plano de Aula bem pensado e estruturado pode seguir uma determinada ordem de intensidade variando entre 'crescente' e 'decrecente' entre as suas atividades. Para simbolizar um exemplo hipotético, categorizarei cada atividade por números, sendo o número '1' ("um") a de menor intensidade e o número '5' ("cinco") a de maior intensidade:
 - I. Aquecimento = 3 ou 2 (uma atividade com uma carga já moderada, para "acelerar" o pessoal);
 - II. Parte Principal: Atividade A = 2 ou 3 (diminuição ou manutenção da intensidade e variação da metodologia, para que todo mundo pudesse tocar na bola);
 - III. Parte Principal: Atividade B = 4 ou 5 ('semiclímax' da aula);
 - IV. Parte Principal: Atividade C = 5 ou 4 ('clímax' da aula);
 - V. Volta à Calma = 1 ou 2 (relaxamento e descontração final, com elementos cognitivos/lúdicos -> sorrisos + risadas!).

- ✓ Cuidar com as atividade de Aquecimento: estas, em geral, são de intensidade leve a moderada, no intuito de elevar o metabolismo, acelerar os batimentos cardíacos e preparar a musculatura e todo o organismo às atividades mais intensas da Parte Principal da aula. Além disso, é fundamental que todo mundo participe do Aquecimento, não podendo haver gente parada e sem se movimentar adequadamente;

- ✓ Algumas atividades, como a 'pega-pega corrente', possuem traços de competitividade, mas também têm alto teor de ludicidade, o que é interessante para Aquecimentos (Obs.: Utilizar brincadeiras no aquecimento é uma boa opção);

- ✓ Se possível (preferencialmente), linkar a atividade de aquecimento com o fundamento principal da aula;
- ✓ Atividades de Volta à Calma: devem ser atividades de menor intensidade (adaptar o jogo para se ir diminuindo a intensidade da atividade/aula), pois objetiva-se justamente acalmar a turma e prepará-la para voltar à sala de aula ou descansar. Às vezes, pode-se haver pequenos picos de intensidade, mas estes serão extremamente reduzidos e, em geral, somente uma parcela muito restrita e reduzida da turma irá fazê-los por vez. Na Volta à Calma, diferentemente do que acontece no Aquecimento, podem existir pessoas 'paradas'. Entretanto, o ideal é que essas pessoas "paradas" continuem envolvidas com a atividade, de alguma maneira – jogos que exijam do cognitivo ou que obriguem a se sentar no lugar, entre outros, são algumas alternativas para se solucionar esse problema. Atenção: cuidar com atividades que sejam muito envolventes, empolgantes e competitivas, pois essas dificilmente poderão caracterizar o objetivo de se acalmar uma turma;
- ✓ Na Volta à Calma, uma possível estratégia é a do sentar após executar uma determinada tarefa. Isso permite que continuemos sobre o controle da turma, mesmo para quem já tenha realizado o que se foi pedido. Outro elemento é o desafio: com ou sem traços de ludicidade, desafios também são interessantes, pois motivam e podem despertar a atenção e curiosidade da turma sobre superar ou descobrir os seus limites pessoais (por exemplo: 'levantar de costas um/a para outro/a, mas sem usar as mãos!');
- ✓ Atividades que exijam do cognitivo – como jogos mentais – são bastante apropriadas para a volta à calma, além disso, geralmente elas propiciam risadas, pois acabam sendo mais lúdicas;
- ✓ Importante se observar, pensar e, se necessário, ensaiar/testar bem as atividades para se tentar antecipar possíveis problemas/soluções para as mesmas. Nessa linha, também será possível verificar se elas podem se desenvolver adequadamente ou mesmo as suas melhores adequações às partes da aula (Aquecimento, Parte Principal ou Volta à Calma);

- ✓ Caso haja a possibilidade, recomenda-se testar/simular as atividades de maior complexidade. Se isso não for possível, deve-se pensar em progressões sucessivas, até que, em dado momento, consiga-se atingir o nível de complexidade desejado inicialmente;
- ✓ Combinar com a turma para que auxiliem a recolher os materiais de aula;
- ✓ Final da Aula: lembrar os objetivos trabalhados e fazer uma apresentação rápida da próxima aula;
- ✓ Quando pensamos e planejamos bem sobre uma atividade, sempre acabamos por descobrir uma maneira melhor de explicá-la e de aplicá-la, tornando-a mais ágil ou mesmo versátil aos nossos propósitos de aula;
- ✓ Ministar uma aula também é questão de 'treino'! (Cada um/a de nós tem um ritmo para aprender: o seu próprio ritmo!);
- ✓ Devemos prezar pela escolha de atividades que permitam a fluidez e a participação efetiva de todos e todas as/os estudantes;
- ✓ Questões que sempre podemos nos colocar:
 - *'A aula fluiu do simples para o complexo?'*;
 - *"Todo mundo sabia realizar e/ou tinha entendido o propósito de todas as atividades da aula?"*.
- ✓ Outro detalhe: às vezes, a percepção que a gente tem da aula, enquanto professor/a, não é a mesma de quem a está fazendo – as/os estudantes (quem faz uma aula tem outra percepção, diferente de só observar uma aula 'de fora'). Quem faz algo, seja o que for, tem a sua própria percepção de mundo e entendimento das coisas ao seu redor, a qual pode ser muito diferente da nossa;
- ✓ Devemos ouvir e dialogar com as/os estudantes. E, sempre que preciso, quebrar/alterar/mudar e/ou flexibilizar o Plano de Aula, para melhor adequá-lo ao

nosso contexto. Nessa linha, é importante desenvolvermos certa criatividade para lidar com situações imprevistas durante as aulas;

- ✓ Nem sempre o que está nos livros didáticos pode ser aplicado "perfeitamente". Às vezes, para haver um melhor funcionamento das aulas, precisamos de adaptações conforme o contexto social, a faixa etária e a turma, além de propiciar a união dialética da teoria com a prática: a nossa *Práxis*.

5.2 Práxis Pedagógica: Últimas Considerações

Ao término das análises das entrevistas, chegamos em algumas considerações. Dentre elas, destacamos:

- ✓ A Práxis Pedagógica utilizada na disciplina de Futsal propiciou uma vivência prática rica em atividades. Todas as aulas foram contextualizadas com os aspectos pedagógicos, os quais podem ser utilizados tanto no contexto escolar como em outros espaços de atuação do/a professor/a de Educação Física;
- ✓ Podemos reaproveitar atividades com variedades e adaptações. Algumas questões pedagógicas a se observar: comunicação com a turma; desinibição; criatividade;
- ✓ Os diálogos ao final da aula foram importantes para corrigir/elogiar determinadas práticas utilizadas, a fim de serem reaproveitadas (ou não) em momentos futuros. As dinâmicas foram diversas e proporcionaram uma gama alta de respostas e soluções, as quais serão utilizadas ao longo de toda nossa docência;
- ✓ As relações professor/a-estudante são fundamentais. Devemos ter a capacidade de perceber as necessidades de uma turma ou do público que iremos trabalhar, adequando a teoria e a prática. Alguns fatores importantes são a desinibição e perder o medo de falar perante uma turma. Entender cada estudante e suas necessidades, sabendo adaptar as atividades conforme o contexto exigir, mesmo depois delas terem sido iniciadas (criatividade);

- ✓ Pelo dinamismo e diferentes propostas da disciplina, foi-nos exigida plena dedicação. Houve grande interação entre a turma e o professor em todos os momentos das aulas;
- ✓ Quando nos colocamos em situações muito próximas à realidade que futuramente iremos presenciar, podemos desenvolver um pouco de empatia. Na disciplina de Futsal, contamos com a facilidade de ter o apoio crítico dos professores e colegas;
- ✓ Acreditamos que a Práxis Pedagógica desenvolvida nesta disciplina nos oportunizou vivenciar de forma direta o desafio que é ministrar uma aula. Nesse contexto, foi possível aprender como desenvolver um Plano de Aula adequado e lidar com a imprevisibilidade que é tão comum nas Escolas, devido ao número de participantes e quantidade de materiais. Aprendemos também a dividir adequadamente as responsabilidades em ministrar as atividades, sabendo respeitar o momento do seu colega em dar a aula, podendo auxiliar no andamento, porém, sem intervir na autoridade dele/a.

Mais Estudos são necessários...

Embora não as tenha testado, nem apresente maiores evidências para fazer tal afirmação, a minha conjectura é que tais estratégias didáticas ao processo de formação de professores/as de Educação Física – as quais foram organizadas em duas principais 'Categorias de Análise' (Elementos/Indicadores "*Atitudinais*" e "*Metodológicos*") – possam ser aplicadas, estendidas ou adaptadas aos demais Esportes Coletivos de Invasão (como Handebol, Basquete, Rugby, Futebol, Ultimate Frisbee, entre outros), e não somente ao Futsal.

Porém, este trabalho carece de estudos aprofundados e maiores fontes para que tal hipótese possa ser detalhada, verificada e/ou mesmo demonstrada, deixando a cargo do tempo, do espaço e do futuro poder comprová-la um dia. Portanto, quaisquer afirmações para além do que foi elencado e exposto até aqui, constituir-se-á, eventualmente, em mera divagação ou especulação de minha parte.

No entanto, temos a consciência de que este TCC ainda representa um trabalho preliminar e introdutório no campo pretendido. Sendo assim, demais estudos podem – e devem! – ser realizados com vistas a se avançar mais nas matérias a respeito da Formação de Professores/as de Educação Física, especialmente na área de Futsal.

5.3 Caminhando rumo a uma "*Práxis Revolucionária*"!

Talvez um dos maiores erros que possamos cometer é acharmos que sabemos demais a respeito de algo. Isso pode fechar as portas para o nosso aprendizado, pois simplesmente tira-nos a motivação de aprender (quando não nos torna presunçosos, arrogantes ou excessivamente vaidosos). Além do mais, "dominar a prática" de (quase) nada servirá sem uma teoria por trás que a sustente, embase e possa desenvolvê-la plenamente. Nesse sentido, teoria e prática devem sempre andar juntas, em uma relação dialética de unidade – *Práxis* –, dialogando e ressignificando as nossas ações.

Agora, ampliando-se um pouco o conceito de '*Práxis*', podemos pensar em uma "*Práxis Revolucionária*", considerando a sua relação de transformação efetiva da sociedade, em que devemos ter uma leitura mais crítica da sociedade e das realidades que nos permeiam. Isto é, significa que a nossa ação tem que necessariamente transformar a realidade ao nosso redor em um processo revolucionário – não basta ficar só na teoria e/ou gerando reflexões. Afinal, "seria uma contradição se os opressores, não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora" (FREIRE, 1982, p. 43). É preciso mais do que apenas *interpretar o mundo de diferentes maneiras*; a questão é como transformá-lo! E, para transformá-lo, precisamos de uma pedagogia crítica que promova um processo de conscientização que dependa de uma leitura de mundo assentada na realidade, porém, que não seja mascarada pela ideologia elitista que atua sobre essa mesma realidade mantendo as pessoas oprimidas (FREIRE, apud FERNANDES, 2019). Não podemos esquecer que é por meio de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva que as pessoas, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais (FREIRE, 1982, p. 108). E, para se fazer *história*, é preciso questionar o que se aprendeu...

*Nenhuma "ordem" opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer:
"Por quê?"*
(FREIRE, 1982, p. 87).

A "prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996, p. 43). Portanto, considerando os processos de ensino-aprendizagem pautados em uma *perspectiva dialética*, ou seja, em um método em que nos colocamos em constante diálogo, cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam à formulação de outras ideias e teorias, vemos que esta perspectiva

[...] favorece a formação do sujeito histórico à medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas e diferentes referências sobre o real no seu pensamento. Permite-lhe, portanto, compreender como o conhecimento foi produzido historicamente pela humanidade e o seu papel na história dessa produção (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 22).

Para tanto, faz-se necessário a noção de totalidade das coisas e dos processos históricos – não podemos analisar um determinado fenômeno isoladamente de seu contexto sociocultural e histórico. Além disso, compreendermos que a dialética, em sua constante busca por uma suposta "verdade", nunca chega em algo que podemos dizer estar 'pronto e acabado' (os fenômenos não são encarados na sua imobilidade, e sim em movimento). Devemos, inclusive, examinarmos até mesmo a nossa própria prática, não nos aceitando como prontos e acabados, mas reinventando-se à medida que reinventamos a sociedade (FREIRE; SHOR, 1986, p. 36).

Temos, desta maneira, um eterno processo de desenvolvimento dos conhecimentos humanos, tendo o passado como base para a concepção de um novo futuro. Novamente, aqui vai mais uma referência do porquê o conhecimento e o ensino não podem ser tratados como 'neutros'. Pois, "além de um ato de conhecimento, a Educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 17).

Por outro lado, "a Educação deveria ser a alavanca da transformação social... Mas ela não pode ser! Não lhe permitirão que seja o que deveria ser. As forças dominantes da sociedade não deixarão que a Educação transforme a estrutura política" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 27). Precisamos estar criticamente conscientes dos limites da Educação. A Educação não é, por si só, a "alavanca da transformação revolucionária". E um dos principais

impeditivos para isso é que o Sistema Escolar foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula – o que não é por acaso (FREIRE; SHOR, 1986, p. 27). É imperativo estarmos cientes de que "[...] as raízes do problema estão muito além da sala de aula, estão na sociedade e no mundo. Exatamente por isso, o contexto da transformação não é só a sala de aula, mas encontra-se fora dela" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 27). E esse problema só se acentua, na medida em que

Sabemos que não é a educação que modela a sociedade mas, ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder. Se é assim, não podemos esperar que a educação seja a alavanca da transformação destes últimos. Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela (FREIRE; SHOR, 1986, p. 28-29).

Em síntese:

[...] a educação não modela a sociedade; antes, porém, é a política global que condiciona o que podemos fazer em educação (FREIRE; SHOR, 1986, p. 103).

Embora a Educação não possa ser a única alavanca de um processo de transformação social revolucionário, ela é parte de um todo, e tem alguma influência, por menor que possa parecer, nas engrenagens do *Sistema* – além disso, a transformação, em si, também pode ser considerada um evento educacional.

Dentro de um processo de transformação radical da sociedade, é importante entendermos que mudamos a nossa compreensão e a nossa consciência à medida que compreendemos melhor a respeito dos conflitos reais da História. Uma Educação que se propõe a ser crítica e questionadora da realidade e da ordem das coisas pode auxiliar nessa conjuntura, objetivando-se mudar a compreensão da realidade. Porém, isso não é a mesma coisa que mudar a realidade em si. Só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social, e não somente o estudo crítico em sala de aula (lembrando: nem só teoria, nem só prática; mas uma *Práxis!*). As estruturas da sociedade têm de ser mudadas para que se possa transformar a realidade de fato (FREIRE; SHOR, 1986, p. 106).

Contudo, para que tudo isso possa ser possível, a nossa prática cotidiana deve estar voltada a entender que

Mudar as condições concretas da realidade significa uma prática política extraordinária, que exige mobilização, organização do povo, programas, essas coisas todas que não estão organizadas só dentro das escolas, que não podem ser organizadas só dentro de uma sala de aula ou de uma escola (FREIRE; SHOR, 1986, p. 84).

Portanto, estudantes e professores/as devem empreender uma luta pela transformação que vai para além dos muros da Escola; que inclua, em constante diálogo, o contexto de fora da sala de aula. Em nossos métodos e em nossa *Práxis*, devemos enfatizar: *o pensamento crítico e a politização, a consciência sócio-histórica e a transformação social revolucionária!* A Educação, deste modo, é muito mais do que somente uma teoria do conhecimento.

Assim, a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, o ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo (FREIRE; SHOR, 1986, p. 76).

Defendemos, então, que o conhecimento seja organizado de modo a ser compreendido como provisório, produzido historicamente e de forma espiralada, de modo que possa ir ampliando a referência do nosso pensamento por meio de ciclos contidos nos processos de ensino-aprendizagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 28). Por isso faz-se necessária uma visão da Educação em que possa haver criatividade, transformação e saber. E só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que fazemos do mundo, com o mundo e com os outros. Busca que é esperançosa também (FREIRE, 1982, p. 66).

Mas, para tanto, precisamos caracterizar que "[...] somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável" (FREIRE, 1996, p. 20-21). Em outras palavras, "é o saber da História como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. [...]. Não sou apenas objeto da *História* mas seu sujeito igualmente" (FREIRE, 1996, p. 85).

O '*lance*' é que precisamos estudar a *materialidade* e a *historicidade* da '*parada*' em sua interação *dialética*; fazermos uma análise das condições materiais, objetivas e concretas

da realidade; da situação concreta de vida historicamente produzida e reproduzida por diversos povos, sociedades e culturas; e, com isso, poderemos pensar na construção de "Práxis" mediante ações reais e efetivas, visando a uma verdadeira *transformação radical* deste mundo onde (sobre)vivemos.

Devemos empreender uma luta pela transformação social que possa ir além de desejos e ambições pessoais individualistas; que inclua, em constante diálogo, diferentes contextos, tendo em vista a superação desta realidade.

Por fim, talvez o maior questionamento que deveríamos nos colocar dentro dos processos de ensino-aprendizagem, seja em cursos de Formação de Professores/as ou mesmo fora deles, possa estar pautado pela seguinte questão:

— *Como nos tornarmos seres humanos (de)formadores/as de consciências, contribuindo para a formação de agentes/sujeitos políticos históricos, críticos e ativos/atuentes de nossa própria história em complexos processos de construções coletivas e compartilhadas de conhecimentos e saberes?*

Então, caso algum dia alguém lhe perguntar se tudo isso não passa de um sonho, abra os olhos, sorria, e diga-lhe: — "Sim, é um sonho... *Um Sonho Possível!*".

Isto é imaginação. Esta é a possibilidade de ir além do amanhã sem ser ingenuamente idealista. Isto é o utopismo, como relação dialética entre denunciar o presente e anunciar o futuro. Antecipar o amanhã pelo sonho de hoje. A questão é [...]: O sonho é um sonho possível ou não? Se é *menos* possível, trata-se, para nós, de saber como torná-lo *mais* possível (FREIRE; SHOR, 1986, p. 112).

– Afinal, quão pobre de ideais é uma *Revolução* que não *Sonha*...

*“É preciso sonhar,
mas com a condição de acreditar seriamente em nossos sonhos,
de examinar com atenção a vida real,
de confrontar as nossas observações com os nossos sonhos,
de realizar escrupulosamente as nossas fantasias.
Sonhos, acredite neles!”*

[Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin)]

REFERÊNCIAS

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941**. 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24/Maio/2020.

CENTRO ESPORTIVO VIRTUAL (CEV). **Deliberação n.º 7 do Conselho Nacional de Desportos (CND)**. 1965. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 24/Maio/2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Coleção Magistério 2.º Grau – Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez Editora, 1992. 84p.

FERNANDES, Sabrina da Fonseca Borges. **Tese Onze – "P" de Práxis (Glossário 003)** [08/Fevereiro/2019]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iwmB07LSaog>>. Acesso em: 30/Maio/2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 16.ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11.ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 218p.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Tradução: Adriana Lopez. 2.ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 116p.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126p.

SANTINI, Joarez; VOSER, Rogério da Cunha. **Ensino dos Esportes Coletivos: uma abordagem recreativa**. 2.ª edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2012. 184p.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Bem-estar e mal-estar entre os muros da escola e outras dicotomias**. Porto Alegre: IPSDP, 2015. 136p.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de; VOSER, Rogério da Cunha. **A Criança e o Esporte: uma perspectiva lúdica**. 1.ª edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. 128p.

VOSER, Rogério da Cunha. **FUTSAL: Princípios Técnicos e Táticos**. 4.ª edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2014. 184p.

VOSER, Rogério da Cunha (Organizador). **PIBID na Educação Física: uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola**. Cadernos Pedagógicos de Educação Física – PIBID/UFRGS. Organizador: Rogério da Cunha Voser. São Leopoldo: Oikos, 2015. 96p.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto Mattos; AZEVEDO JÚNIOR, Mario Renato de. **Futsal**: Ensino através dos jogos de inteligência e capacidade tática. 1.^a edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2016. 168p.

WIKIPÉDIA. **Campeonato Mundial de Futebol de Salão (FIFUSA/AMF)**. 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mundial_de_Futebol_de_Sal%C3%A3o_\(FIFUSA/AMF\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mundial_de_Futebol_de_Sal%C3%A3o_(FIFUSA/AMF))>. Acesso em: 24/Maio/2020.

_____. **Decreto-Lei Federal do Brasil 3199 de 1941**. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Decreto-Lei_Federal_do_Brasil_3199_de_1941>. Acesso em: 24/Maio/2020.

_____. **Torneio Mundial de Futsal Feminino**. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Torneio_Mundial_de_Futsal_Feminino>. Acesso em: 24/Maio/2020.

ANEXOS

Anexo A – Plano de Ensino da disciplina "*Esporte II - Futsal (EFI04333)*"

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CONTROLE E REGISTRO ACADÊMICO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dados de identificação

DISCIPLINA: EFI04333 – ESPORTE II - Futsal

DEPARTAMENTO: Educação Física

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Rogério da Cunha Voser

ANO: 2018/1

CARGA HORÁRIA: 4 horas semanais

CRÉDITOS: 4

SÚMULA:

Oportunizar a prática e estudo dos fundamentos individuais, coletivos e da regulamentação do futsal.

OBJETIVOS:

Gerais:

- A disciplina visa oportunizar o conhecimento das noções básicas do desporto com a aprendizagem dos fundamentos necessários à prática do Futsal, seja ele no aspecto educativo, recreativo, competitivo, ou mesmo, como meio de melhoria ou manutenção da saúde.

Específicos:

- Analisar as possibilidades da prática do Futsal como meio de educação e saúde.
- Desenvolver noções gerais de arbitragem, dando condições ao discente de, em sua futura prática como professor em atividades formais e não formais, de atuar pedagogicamente na direção das atividades jogadas e/ou de competição.
- Praticar e conhecer os fundamentos técnicos do jogo como, condução, passe, domínio, drible e finta, chute, cabeceio, marcação e noções simplificadas de ataque e defesa.
- Proporcionar o conhecimento de metodologias que contemplem o ensino no período de iniciação e na escola.
- Possibilitar o conhecimento dos sistemas e táticas ofensivas e defensivas básicas para a iniciação.
- Compreender a diferença entre objetivos técnicos, táticos e estratégicos, criando assim condições de programar adequadamente segundo as características de cada etapa da formação esportiva.

PROGRAMA:

Histórico, futsal como meio de educação e saúde, a iniciação ao futsal, futsal na escola, métodos de ensino, atividades recreativas, jogos pré-desportivos e situacionais, planejamento de ensino e plano de aula, a técnica, os fundamentos dos jogadores de linha e do goleiro, sistemas de jogo e tipos de marcação básicos na iniciação, jogadas ensaiadas e regras.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO:

Serão estimulados os conhecimentos já adquiridos, de modo que os acadêmicos possam, através de suas ideias, opiniões e com trocas de experiências de suas vivências, participar do processo de construção do conhecimento;

Nesta proposta pedagógica o professor com seu conhecimento deverá estimular e instigar os acadêmicos a também buscar o conhecimento atualizado das últimas pesquisas nesta área, de modo a contextualizar o que foi construído com a realidade e a historicidade;

Para tanto, serão utilizadas aulas teóricas com recursos variados, discussões de textos em pequenos e grandes grupos, aulas práticas dirigidas e também conduzidas pelos acadêmicos.

Os acadêmicos serão estimulados a trabalhos extraclasse, como observação de jogos, pesquisa de artigos na Internet entre outros.

AVALIAÇÃO

Critérios:

9.0 a 10 = A

8.0 a 8.9 = B

7.0 a 7.9 = C

Reprovado = D

Instrumentos:

Prova 1 = peso 2.5

Prova 2 = peso 2.5

Trabalho 1 = peso 1.0 - internet

Trabalho 2 = peso 3.0 – plano de aula

Participação e autoavaliação = peso 1.0

CRONOGRAMA FUTSAL FUNDAMENTOS – 2018/1

Rogério da Cunha Voser – Manhã e Tarde - Turmas A e B

06.03	1	Apresentação do professor, alunos, Plano da disciplina, Cronograma.
08.03	2	Histórico - teoria - Iniciação ao Futsal - abordagem recreativa – teoria e vídeo
13.03	3	Atividades recreativas – prática
15.03	4	A técnica – teoria
20.03	5	Condução – prática
22.03	6	Passe e Domínio – prática
27.03	7	Chute – prática (Monitor Diego)
29.03	8	Drible, finta e marcação – prática
03.04	9	Cabeceio – prática
05.04	10	Jogos Condicionados – prática (Monitor Diego)
10.04	11	Treino de Goleiro – teoria e vídeo
12.04	12	Treino de Goleiro – prática. [Monitor Diego]
17.04	13	Revisão para prova 1
19.04	14	Prova 1 (PESO 2,5)
24.04	15	Futsal na Escola (Teoria) + Definição temas e datas dos grupos + Entrega das Provas
26.04	16	Liberado para os Grupos finalizarem o Plano de Aula – Aula não presencial (Voser ministrará Curso na Convenção Brasil).
01.05	X	FERIADO
03.05	17	Apresentações dos Grupos 1 e 2 - PESO 3,0
08.05	18	Apresentações dos Grupos 3 e 4 - PESO 3,0
10.05	19	Apresentações dos Grupos 5 e 6 - PESO 3,0
15.05	20	Apresentações dos Grupos 7 e 8 - PESO 3,0
17.05	21	Apresentações dos Grupos 9 e 10 - PESO 3,0
22.05	22	Apresentações dos Grupos 11 e 12 - PESO 3,0
24.05	23	Regras – teoria. [Monitor Diego]
29.05	24	Sistemas de jogo, Linhas de Marcação e Jogadas Ensaaiadas (teoria) – teoria
31.05	X	FERIADO
05.06	25	Linhas de marcação e Sistemas 2:2, 1:2:1; 2:1:1 – prática
07.06	26	Sistemas 3:1; 1:3; 4:0; Goleiro linha - 3:2; 2:1:2 contra marcação caixote (quadrante) e Losango – prática
12.06	27	Trabalho de Resenha de Artigo – Peso 1.0
14.06	28	Revisão para prova 2
19.06	29	Prova 2 - PESO 2,5 + AUTOVALIAÇÃO E PARTICIPAÇÃO - PESO 1,0
21.06	30	Fechamento e correção da prova
26.06	31	AULA RESERVA
28.06	32	AULA RESERVA

OBS: Cronograma está sujeito a mudanças.

PLANO DE AULA

COMPONENTES:

LOCAL: ESCOLINHA DE FUTSAL DO RAMONE (Bacharelado) OU COLÉGIO MORRO DA CRUZ (Licenciatura)

DATA:

CONTEÚDOS:

OBJETIVO: PROPICIAR; ESTIMULAR; PROMOVER; DESENVOLVER;

MATERIAL: 6 BOLAS DE FUTSAL, 2 BOLAS DE VÔLEI, 15 COLETES, 6 CONES, 2 ARCOS, 1 QUADRA. OBS: PODE TRAZER DE CASA CORDA E BALÃO SE FOR NECESSÁRIO.

FAIXA ETÁRIA:

TEMPO DE AULA DE 25' A 30'

PARTE INICIAL – TEMPO: 5' a 10'

PARTE PRINCIPAL – TEMPO: 15'

PARTE FINAL – TEMPO: 5'